



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MONICA BARRETO

**RELAÇÕES ENTRE TEMPERAMENTO DE PRÉ-ESCOLARES
E COPARENTALIDADE EM FAMÍLIAS BIPARENTAIS**

Florianópolis, SC
2018

MONICA BARRETO

**RELAÇÕES ENTRE TEMPERAMENTO DE PRÉ-ESCOLARES
E CÔPARENTALIDADE EM FAMÍLIAS BIPARENTAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado/Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis, SC
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barreto, Monica

Relações entre temperamento de pré-escolares e coparentalidade em famílias biparentais / Monica Barreto ; orientador, Mauro Luís Vieira, coorientadora, Maria Aparecida Crepaldi, 2018. 133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

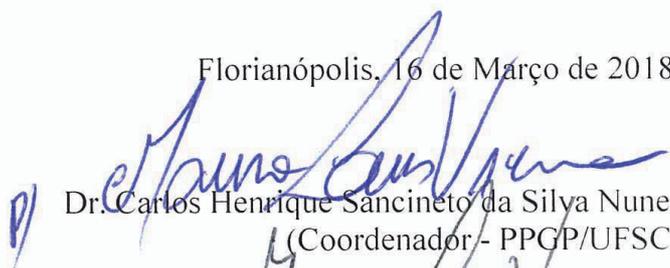
1. Psicologia. 2. temperamento infantil. 3. coparentalidade. 4. famílias biparentais. 5. diferenças de gênero. I. Vieira, Mauro Luís. II. Crepaldi, Maria Aparecida. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

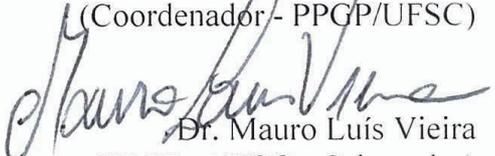
Monica Barreto

Relações entre temperamento de pré-escolares e coparentalidade em famílias biparentais

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

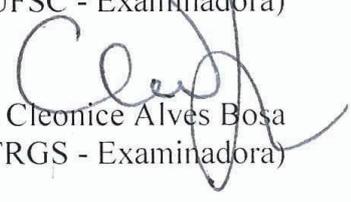
Florianópolis, 16 de Março de 2018.


Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)

Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP - UFSC - Coorientadora)


Dra. Andréia Isabel Giacomozzi
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Cleonice Alves Bosa
(PPGP - UFRGS - Examinadora)

Dra. Ivania Jann Luna
(MPSM - UFSC - Suplente)

Dr. Adriano Beiras
(PPGP - UFSC - Suplente)

Às minhas amadas filhas, Beatriz e Milena, que me ensinam todos os dias, quão louvável são as diferenças e o amor!

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram de alguma forma para a concretização dessa dissertação. A todos que fizeram parte, muito obrigada!

Agradeço ao Leonardo, meu companheiro, minha dupla coparental, meu incentivador, meu amor! Obrigada por todo apoio na escrita da dissertação, as dicas com a revisão sistemática, pelas manhãs e tardes de passeios com nossas filhas para que eu pudesse escrever, pela paciência nos meus momentos de impaciência!

À Beatriz, que com sua sensibilidade, intensidade e enorme coração, estava sempre disposta a ajudar!

À Milena, que com seu jeito doce, suas conversas, traz leveza e me ensina que cada um tem o seu tempo!

Aos meus pais, Geraldo e Luci, meu exemplo de dupla coparental! Obrigada pelo apoio e incentivo à minha vida profissional, por terem me dado suporte para alcançar meus objetivos. Agradeço imensamente os cuidados com as meninas, principalmente nos últimos meses, para que eu conseguisse terminar a dissertação!

À família mais próxima que também é rede de apoio, Gisela, Norberto, Marcelo, Jéssica, Lavínia, Guilherme, Larissa, Malu agradeço o carinho, incentivo e a compreensão!

Agradeço ao meu orientador, Prof. Mauro Luís Vieira, pelo convite para fazer parte do NEPeDI em 2015, por ter acreditado e apostado em mim. Obrigada pelas tantas conversas sem hora marcada, pela receptividade sempre que precisei, pelas orientações, principalmente, na reta final que fizeram toda diferença!

Agradeço à Profa. Maria Aparecida Crepaldi, pelas parcerias de trabalho desde que entrei na UFSC, o apoio e incentivo a minha carreira. Obrigada pelas conversas sobre a dissertação e outros tantos momentos em que me acolheu!

A todos os colegas do NEPeDI, que me acolheram desde início e com quem tive momentos muito prazerosos de trabalho e convivência. A parceria no desenvolvimento do projeto de extensão “Grupo de Pais e Mães” com a Carol, João Paulo, Lari Paraventi, Lari Fetter, Fernanda V, Bia, Anndrey foi ótima e será ainda melhor! Agradeço ao João Paulo pela colaboração com a revisão sistemática e à Lari Paraventi pela leitura atenta a minha dissertação! Fê, foram momentos de alegria e angústia compartilhados, valeu a pena amiga, conseguimos!

Carol, obrigada amiga pelo incentivo para que eu fizesse a prova do mestrado, pela parceria, apoio, conversas, e ao Erik pela disponibilidade, ajuda com as análises e tantas discussões. Casal querido,

obrigada também pelo carinho com minha família e por termos feito esses tantos momentos de estudo serem prazerosos!

Aos colegas e alunos do projeto de atendimento às famílias, com quem compartilho momentos de intensa aprendizagem semanal! Adriano, obrigada pela parceria nesse trabalho. Mariana e Larissa, a companhia e amizade de vocês me fortalecem!

Aos colegas do SAPSI, pela compreensão e apoio nesses dois anos. Agradeço especialmente às coordenadoras do SAPSI nesse período, Profa. Joselma Tavares Frutuoso e Profa. Magda do Canto Zurba, por terem me incentivado e apoiado!

Agradeço a todos os/as amigos/as e vizinhos/as que de alguma forma foram rede de apoio nesses dois anos. Alguns, as ocasiões me fizeram mais próxima, outros, agradeço terem compreendido eu estar mais ausente!

Agradeço também a todas as famílias que aceitaram participar da nossa pesquisa e as todas as escolas que abriram as portas para nosso trabalho!

Agradeço à Deus, por ter tantas pessoas a agradecer e por ter me dado força e foco para concluir essa jornada!

Monica Barreto. *Relações entre temperamento de pré-escolares e coparentalidade em famílias biparentais*. Florianópolis, 2018. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luís Vieira

Coorientadora: Maria Aparecida Crepaldi

Data da defesa: 16/03/2018

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre o temperamento de meninos e meninas pré-escolares e a coparentalidade de mães e pais em famílias biparentais heteroafetivas com o amparo teórico da Teoria Estrutural e da Teoria Unificada do Desenvolvimento Humano. Trata-se de um estudo transversal, de caráter exploratório, descritivo e correlacional. Os participantes foram 170 famílias biparentais com criança pré-escolar. As mães responderam ao questionário sociodemográfico e ao Questionário de Comportamento das Crianças (*Children's Behavior Questionnaire - CBQ*), versão *very short*. Mães e pais responderam a Escala da Relação Coparental (*ERC - Coparenting Relationship Scale CRS*). O método proposto incluiu estatísticas descritivas e inferenciais com cálculo de média, desvio padrão, frequência, teste *t*, correlação de Pearson e regressão linear múltipla para avaliação de moderação pelo sexo da criança. A amostra foi predominantemente de família nuclear com mães e pais biológicos de todos os filhos, com alto grau de escolaridade e jornada de trabalho de 30 a 40 horas semanais. Na avaliação do temperamento da criança, meninos e meninas tiveram média mais alta no fator controle com esforço, com diferença significativa nesse fator a favor das meninas. A coparentalidade foi avaliada por mães e pais de forma positiva. No escore geral, as respostas de mães e pais indicam semelhança na percepção deles sobre a relação coparental, e o sexo da criança pareceu não interferir na forma como mães e pais percebem a relação coparental. No entanto, em relação às dimensões da coparentalidade apareceram diferenças entre pais e mães, bem como em famílias de meninos ou de meninas. Em relação aos modelos preditivos do temperamento e da coparentalidade, no modelo 1, sem moderação do sexo da criança, extroversão e controle com esforço foram preditores da coparentalidade materna e essa, por sua vez, foi preditora dos mesmos fatores. O temperamento não foi preditor da coparentalidade paterna, no entanto ela prediz extroversão, afeto negativo e controle com esforço. No modelo 2, o sexo da criança moderou a relação

entre coparentalidade de mães e pais e o temperamento, com diferenças entre meninos e meninas nos fatores afeto negativo e extroversão. A extroversão em meninos prediz negativamente a coparentalidade de mães e pais, para as mães e meninas essa relação deixa de existir. Para os pais e meninas essa relação passa a ser positiva e é também verdadeira quando a coparentalidade do pai é preditora. O afeto negativo em meninos prediz positivamente a coparentalidade paterna, no entanto, para as meninas e para a coparentalidade materna não aparece essa relação. O afeto negativo como desfecho relaciona-se positivamente com a coparentalidade paterna e negativamente com a coparentalidade materna, não há interferência quando diz respeito às meninas. Tais resultados apontam para a importância dos estudos sobre diferenças e crenças de gênero e as implicações delas no desenvolvimento infantil e nas relações familiares.

Palavras-chave: temperamento infantil, coparentalidade, famílias biparentais, diferenças de gênero

Monica Barreto. *Relationship between preschool temperament and co-parenting in two-parent families*. Florianópolis, 2018. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT

The present research aimed analyze the relationship between the temperament of preschool boys and girls and co-parenting of mothers and fathers in two-parent heteroffective families with the theoretical support of Structural Theory and Unified Theory of Development. It is a cross-sectional, exploratory, descriptive and correlational study. The participants were 170 biparental families with pre-school children. As mothers answered the sociodemographic questionnaire and the Child Behavior Questionnaire (CBQ), a very short version. Mothers and fathers responding to the Coparenting Relationship Scale CRS (ERC). The proposed method for the inclusion of descriptive and inferential statistics with mean, standard deviation, frequency, test, Pearson correlation and multiple linear regression for the sex of the child. The sample was predominantly of nuclear family with mothers and fathers of all the children, with high schooling, working day of 30 to 40 hours weekly. In the evaluation of the child's temperament, boys and girls had higher mean without factor control with effort, with difference in favor of girls. A co-parenting was evaluated by mothers and fathers in a positive way. In the general score, as responses from mothers and fathers indicate their opinion, about the cooperative relationship, and the child's gender is not interfering with how mothers and fathers perceive the co-parenting relationship. However, in relation to dimensions of co-parenting appeared between parents and mothers, as well as in families of boys or girls. Regarding the pre-practicing models of temperament and co-parenting, without model 1, without moderation of the child's gender, extroversion and control with the increase of the maternal co-parenting compresses, and this, in turn, was a predictor of the same factors. Temperament was not a predictor of paternal co-parenting, but it predicts extroversion, negative affection, and control with effort. In model 2, the gender of the child moderated the relationship between mother and father co-parenting and temperament, with differences between boys and girls in the negative affection and extroversion factors. An extraversion in boys negatively predicts a co-parenting of mothers and fathers, for as mothers and girls this relationship ceases to exist. For parents and girls, this relationship becomes positive and is also true when the parent's co-parenting is a

predictor. Regarding negative affection in boys, he positively predicts paternal co-parenting and for girls and maternal co-parenting this relationship does not appear. Negative affection as an outcome is positively related to paternal co-parenting and negatively with maternal co-parenting, there is no interference when it comes to girls. These results point to the importance of studies on gender differences and beliefs and as implications of human development and family relationships.

Keywords: child temperament, co-parenting, biparental families, gender differences

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Correspondência entre objetivos, instrumentos, quem responde e análise de dados.....	63
Tabela 2 - Frequência total e discriminado para meninos e meninas do estado de residência, composição familiar, escolaridade da mãe e escolaridade do pai, renda média familiar.....	66
Tabela 3 - Média, desvio padrão, teste t para idade (mãe e pai), anos de escolaridade (mãe e pai), jornada de trabalho (mãe e pai), idade da criança.....	68
Tabela 4 - Média, desvio padrão, teste t para idade (mãe e pai), anos de escolaridade (mãe e pai), jornada de trabalho (mãe e pai), idade da criança discriminado para meninos e meninas.....	69
Tabela 5 - Média e desvio padrão das dimensões do temperamento de crianças pré-escolares.....	70
Tabela 6 - Média, desvio padrão e teste t do temperamento de crianças por dimensão para meninos e meninas.....	70
Tabela 7 - Média, desvio padrão e teste t para coparentalidade de pais e mães discriminado para meninos e meninas.....	72
Tabela 8 - Média, desvio padrão e teste t para coparentalidade de pais e mães total, coparentalidade de pais e mães em famílias de meninos e meninas.....	72
Tabela 9 - Correlações de Pearson para coparentalidade de pais e mães.....	72
Tabela 10 - Média, desvio padrão, teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais.....	73
Tabela 11 - Correlações de Pearson para as dimensões da coparentalidade de pais e mães.....	75
Tabela 12 - Média, desvio padrão e teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais para meninos e meninas.....	78
Tabela 13 - Média, desvio padrão e teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais em famílias de meninos e meninas.....	79
Tabela 14 - Correlações de Pearson para as dimensões da coparentalidade de mães e pais em famílias de meninos e meninas.....	80
Tabela 15 - Modelo 1 preditivo sem moderação pelo sexo da criança...82	82
Tabela 16 - Modelo 2 preditivo com moderação do sexo da criança.....	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistema ecológico biopsicossocial.....	35
Figura 2 - Representação Adaptada da Teoria Unificada do Desenvolvimento incluindo a pessoa, o contexto e o modelo de regulação (Sameroff, 2010), com realce das variáveis incluídas no estudo.....	36
Figura 3 - Fatores do temperamento, suas respectivas dimensões e definições	39
Figura 4 - Contexto Ecológico da Coparentalidade traduzido por Böing (2014) de Feinberg (2003), com destaque para as variáveis utilizadas no estudo	45
<i>Figura 5: Modelo traduzido de mediação e moderação da coparentalidade.....</i>	<i>46</i>
Figura 6 - Modelo preditivo da coparentalidade materna e paterna sem moderação pelo sexo da criança.....	83
Figura 7 - Modelo preditivo dos fatores do temperamento sem moderação pelo sexo da criança	84
Figura 8 - Representação do modelo 1	85
Figura 9 - Modelo preditivo da coparentalidade materna e paterna com moderação pelo sexo da criança.....	87
Figura 10 - Modelo preditivo dos fatores do temperamento com moderação pelo sexo da criança.....	88
Figura 11 - Representação do modelo 2 em relação a crianças do sexo masculino	89
Figura 12 - Representação do modelo 2 em relação a crianças do sexo feminino	89

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
INTRODUÇÃO	23
OBJETIVOS	29
Objetivo geral	29
Objetivos específicos	29
HIPÓTESES	31
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	33
Temperamento e coparentalidade: um entendimento a partir da teoria unificada do desenvolvimento e da teoria relacional sistêmica	33
Teoria unificada do desenvolvimento, temperamento e coparentalidade	33
Coparentalidade: um conceito sistêmico.....	40
Relação entre temperamento e coparentalidade a partir de estudos empíricos.....	47
MÉTODO	57
Delineamento da Pesquisa	57
Participantes e contexto	57
Instrumentos.....	58
Procedimentos para coleta de dados	60
Tratamento e análise dos dados	61
Aspectos éticos da pesquisa.....	64
RESULTADOS	65
Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	65
Caracterização do temperamento das crianças.....	70
Caracterização da coparentalidade de pais e mães.....	71
Relações entre temperamento e coparentalidade moderada pelo sexo da criança.....	81
DISCUSSÃO	93
Caracterização sociodemográfica	93
Caracterização do temperamento da criança.....	94
Caracterização da coparentalidade de pais e mães.....	95

Predição dos fatores do temperamento da criança na coparentalidade de pais e mães.....	97
Predição da coparentalidade de pais e mães nos fatores do temperamento da criança	97
Interferência do sexo da criança na relação entre os fatores do temperamento da criança e a coparentalidade de pais e mães.	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
Principais conclusões e considerações.....	105
Implicações para a prática	106
Limitações e estudos futuros	107
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE.....	114
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	117
APÊNDICE B – CARTA CONVITE	119
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	121
ANEXO
ANEXO A - QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO	123
ANEXO B – ESCALA DE RELACIONAMENTO COPARENTAL.	127
ANEXO C - QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS - CHILDREN'S BEHAVIOR QUESTIONNAIRE CBQ	131

APRESENTAÇÃO

O desejo de fazer o mestrado já existia desde a graduação, no entanto, ele ficou em segundo plano, pois a especialização em Psicologia Clínica foi minha prioridade. Após cursar a Residência Multiprofissional em Saúde da Família e a Especialização em Terapia Relacional Sistêmica, ingressei como psicóloga no Serviço de Atenção Psicológica da UFSC em 2010, e comecei a desenvolver em parceria com a Profa. Maria Aparecida Crepaldi um projeto de extensão e estágio em atendimento familiar.

O trabalho com os alunos e a proximidade com os professores me incitava a ideia do mestrado, porém, ainda não tinha clareza do que gostaria de estudar. Nesse período, minha dupla coparental e eu planejamos e tivemos nossas duas filhas. A maternidade me despertou para o estudo do desenvolvimento infantil e das diferenças individuais, e no retorno da segunda licença comecei a me aproximar do NEPeDI (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil). Inicialmente com uma parceria para desenvolver o Grupo de Pais, projeto de extensão que nasceu como uma contrapartida da pesquisa que vinha sendo realizada. Depois, como voluntária da pesquisa, realizando as coletas de dados com as famílias, e em março de 2016 como mestranda.

A pesquisa a qual me refiro trata-se do projeto maior intitulado “*Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar*”, coordenado pelo Professor Dr. Mauro Luís Vieira, com a participação das professoras Ana Maria Xavier Faraco, Elisangela Böing e Maria Aparecida Crepaldi. É uma parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), ambos pertencentes à área de Saúde e Desenvolvimento Psicológico do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dentre as possibilidades de investigação no projeto estavam a relação entre as variáveis temperamento da criança e a coparentalidade de pais e mães. A escolha pela coparentalidade ocorreu por ser este um conceito advindo da teoria relacional sistêmica, mais precisamente da teoria estrutural de Minuchin (1989). Por ser um conceito recente e pouco estudado no Brasil, chamou-me a atenção, bem como pensar que o estudo dessa temática poderia contribuir para a minha prática clínica. A relação de tal construto com o temperamento completou a ideia inicial da pesquisa de investigar dois subsistemas e aprofundar uma temática do desenvolvimento psicológico na infância. A inclusão do sexo da criança como variável moderadora neste estudo surgiu apenas após as leituras dos

artigos internacionais que abordavam a relação entre temperamento e coparentalidade.

INTRODUÇÃO

No contexto do desenvolvimento da primeira infância, a família tem papel essencial ao intermediar as primeiras interações, aprendizagens, transmissão de significados sociais e culturais (Linhares, 2015). O modo como ocorrem as interações pais-crianças depende de múltiplos fatores, dentre eles: o temperamento infantil e a relação coparental. O temperamento, característica individual de base constitucional da criança, é apontado como um fator que interfere na parentalidade e na coparentalidade (Burney, 2010; Cook, Schoppe-Sullivan, Buckley & Davis, 2009; Favez, Frascarolo, Lavanchy Scaiola & Corboz-Warnery, 2013; Laxman et al., 2013). A coparentalidade, que é o modo como dois adultos dividem as responsabilidades e tarefas de cuidado com a criança, bem como o suporte e organização desse cuidado (Feinberg, 2003), também tem sido apontada como um dos fatores que influenciam fortemente o desenvolvimento da criança (Cowan & McHale 1996; Feinberg, 2002; Karreman, van Tuijl, van Aken, & Dekovic, 2008; Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010; Teubert & Pinquart, 2010).

Enquanto diferentes estudos apontam para a influência de uma das variáveis sobre a outra, outros indicam a interação bidirecional significativa entre temperamento e coparentalidade (Davis, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf & Brown, 2009; LeRoy, 2013; Song & Volling, 2015). Para esta pesquisa, pressupõe-se que temperamento da criança e a relação coparental influenciam um ao outro de forma bidirecional e recursiva¹.

Esse pressuposto será sustentado teoricamente pela Teoria Unificada do Desenvolvimento Humano (Sameroff, 2010), anteriormente chamado Modelo Transacional do Desenvolvimento (Sameroff & Chandler, 1975) e pelo Modelo Estrutural (Minuchin, 1982). A Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff, 2010) foca na bidirecionalidade da influência entre pessoa e contexto, na inter-relação entre o biológico (*nature*) e o psicológico, social, cultural (*nurture*), a autorregulação e os correguladores (*other-regulation*). A Teoria Estrutural, por sua vez, aborda a noção de sistemas e subsistemas e tem como um dos pontos centrais o entendimento de que os diferentes subsistemas são interdependentes e inter-relacionados.

¹ A bidirecionalidade diz respeito a influência mútua entre as variáveis. O termo recursividade vai além e seu conceito será abordado na fundamentação teórica. A melhor representação da causalidade recursiva é uma espiral.

A definição de temperamento utilizada neste estudo será a da abordagem psicobiológica de Rothbart, que é apontada como a mais utilizada para o estudo do temperamento infantil (Klein & Linhares, 2010). Antes de abordar o temperamento considera-se necessário diferenciá-lo de personalidade, por serem conceitos complementares (Klein, 2009). O temperamento é definido como uma parte do amplo domínio da personalidade, sendo considerado o núcleo sobre o qual ela se desenvolve (Rothbart, Ellis & Posner, 2004). Este núcleo inclui aspectos afetivos, de ativação e de atenção (Klein, 2009). Além das disposições do temperamento, a personalidade abarca muitas outras características como o autoconceito, percepção sobre outros, valores pessoais, morais, expectativas, estratégias de enfrentamento, atitudes e crenças (Rothbart et al., 2004).

Na abordagem psicobiológica, o temperamento é definido como as diferenças individuais de base constitucional na reatividade e na autorregulação, nos domínios emocional, motor e da atenção (Rothbart, 1981; Rothbart et al., 2004). De acordo com este modelo, as bases biológicas do temperamento sofrem influência da hereditariedade, maturação e experiência, com características que se mantêm e outras que se modificam com o passar dos anos. Segundo a abordagem de Rothbart, o temperamento inclui três grandes fatores, os quais se diferenciam quanto à reatividade e regulação das emoções básicas: a extroversão, definida por impulsividade, nível de atividade, prazer de alta intensidade e timidez; o afeto negativo, caracterizado por medo, raiva/frustração, tristeza, desconforto, capacidade para se acalmar; e o controle com esforço, relacionado a controle inibitório, focalização de atenção, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual (Linhares, Dualibe, & Cassiano, 2013; Rothbart et al., 2004).

O temperamento se desenvolve ao longo do tempo, muitas de suas características se mantêm e outras expressões podem mudar a partir das experiências e dos processos de autorregulação e correção (Klein, 2009; Schmidt, 2012). A correção inclui principalmente o papel dos pais e/ou cuidadores nos processos regulatórios (Linhares & Martins, 2015; Sameroff, 2010), sendo que as características do temperamento da criança interferem na maneira como os pais reagem e respondem a ela, bem como influenciam e são influenciadas pela relação coparental (Solmeyer & Feinberg, 2011).

A coparentalidade se refere não só ao compartilhamento do cuidado e educação das crianças entre pais casados (famílias biparentais hetero ou homo afetivas) ou divorciados (famílias binucleares), mas aborda também famílias monoparentais, em que o pai ou a mãe estão

ausentes, e outra pessoa exerce o papel coparental (McHale, Kuersten-Hogan, & Rao, 2004). Na relação coparental não há necessariamente uma equivalência de autoridade e responsabilidade entre a dupla coparental, irá depender de cada situação, de cada família (Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini, & Bosa, 2005). Por isso, é interessante pesquisadores e psicólogos estarem atentos a quem forma a dupla coparental nas famílias, pois é importante considerar não só as diversas configurações familiares atuais, mas também as diferenças culturais que podem se fazer presentes (McHale, 2004).

Nesse estudo, a coparentalidade será analisada a partir do Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade proposto por Feinberg (2003), que é considerado um marco no desenvolvimento teórico da coparentalidade por apresentar uma definição consistente do construto, identificação das suas dimensões e uma visão contextual do fenômeno (Lamela, et al., 2010). No referido modelo, a estrutura interna inclui quatro dimensões: 1) concordância/discordância entre a dupla parental acerca dos assuntos relacionados com a criança; 2) divisão de tarefas corresponde ao compartilhamento das atividades diárias e responsabilidades domésticas, financeiras, legais e cuidados com a criança; 3) suporte/sabotagem ao papel parental do parceiro que se refere a quanto cada membro do casal se apoia mutuamente e tem o reconhecimento e respeito da sua competência parental, já a sabotagem é expressa pela depreciação do parceiro por meio de críticas; 4) gerenciamento conjunto das interações familiares que é entendido como um subsistema executivo em que os pais são responsáveis por gerenciar os comportamentos, a comunicação e interação entre os membros da família (Feinberg, 2003).

O contexto ecológico do modelo de Feinberg (2003) apresenta fatores que influenciam a coparentalidade e a coloca como mediadora e moderadora do contexto familiar. Para o autor, a relação coparental influencia e é influenciada por fatores tais como: características individuais dos pais e da criança, relacionamento familiar anterior ao nascimento da criança e o contexto extrafamiliar (trabalho, financeiro). Dentre as características individuais da criança, está o temperamento, uma criança com temperamento difícil pode propiciar um aumento no estresse e conflito na relação coparental (Feinberg, 2003).

Uma das questões importantes no estudo do temperamento e da coparentalidade são as diferenças de gênero. Em relação ao temperamento, o estudo dessas diferenças é fundamental para as discussões na área da personalidade e comportamento social (Else-Quest, Hyde, Goldsmith, & Hulle, 2006). Evidências apontam que os fatores do

temperamento se sobressaem de forma diferente para meninos e meninas, e sugere-se a realização de estudos transculturais para o entendimento dessas variações (Consentino-Rocha & Linhares, 2013; Else-Quest et al., 2006). Na coparentalidade as diferenças de gênero aparecem na percepção de mães e pais a respeito da relação coparental, bem como em distinções para famílias de meninos e de meninas (Davis et al., 2009; Kuo, Volling, & Gonzalez, 2017; LeRoy, 2013). Ressalta-se que gênero diz respeito a aspectos históricos, culturais e socialmente construídos, e implica em relações de poder, sendo que mudanças na perspectiva social denotam mudanças nas relações de poder (Scott & Alwin, 1989). Sexo é um conceito mais comum por abordar as características biológicas do masculino e feminino (Consentino-Rocha & Linhares, 2013). Neste estudo optou-se por utilizar o termo sexo para denominar a variável moderadora, embora discuta-se os aspectos sociais e culturais que permeiam as diferenças entre meninos e meninas.

Destaca-se também a particularidade da pesquisa estudar famílias com filhos pré-escolares. Nessa fase, espera-se que mães e pais já estejam adaptados a nova configuração familiar que inclui a criança e não só o casal. Outras questões relacionadas à educação ficam em evidenciadas nessa fase, e as crianças se aproximam mais dos amigos e da escola (Carter & McGoldrick, 1995). Além disso, em geral, crianças com idade entre 4 e 6 anos já desenvolveram os processos regulatórios cognitivos e comportamentais (Linhares & Martins, 2015). A relação entre os dois subsistemas (parental e filhos/fraterno) não acontece de forma linear; as características individuais da criança interferem na forma como se constrói a relação com a mãe e o pai. As repercussões dessa relação influenciam na maneira como os pais agem com as crianças, ou vice-versa, o que denota uma causalidade circular recursiva.

Estudar o temperamento da criança e a relação coparental vai ao encontro da tendência atual de relacionar diferentes subsistemas familiares e de entender a sua relação de forma recursiva, com ênfase na bidirecionalidade das influências pais-crianças (Dessen & Braz, 2005; Karreman et al., 2008; Sameroff, 2010). A relevância social desta pesquisa pauta-se na importância dos resultados para subsidiar programas de intervenção para promoção da coparentalidade positiva, bem como propiciar que mães e pais compreendam as diferentes características e expressões das crianças que dizem respeito ao temperamento. A relevância científica se apresenta por não existir na literatura brasileira²

² Foi realizada uma busca nos portais BVS-Psi, BVS, Periódicos Capes com os termos “coparentalidade” AND “temperamento” e nenhuma referência foi

pesquisas que abordem o temperamento de crianças e a coparentalidade e os relacionem. Além disso, as recentes publicações internacionais que envolvem as duas variáveis apresentam resultados diferentes e não esgotam as possibilidades de pesquisa, endossando a sua relevância. Desse modo, com o intuito de avançar na produção do conhecimento científico na área do desenvolvimento infantil e das relações familiares, propõe-se responder à pergunta “qual é a relação entre temperamento de meninos e meninas pré-escolares e a coparentalidade de pais e mães em famílias biparentais heteroaletivas?”.

encontrada. Em relação a busca na literatura estrangeira será abordado mais adiante.

2. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre o temperamento de meninos e meninas pré-escolares e a coparentalidade de mães e pais em famílias biparentais heteroafetivas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar os fatores extroversão, afeto negativo e controle com esforço do temperamento de crianças pré-escolares;
- Diferenciar os fatores do temperamento para meninos e meninas;
- Caracterizar coparentalidade de pais e mães em famílias biparentais heteroafetivas;
- Diferenciar coparentalidade de pais e mães para famílias de meninos e meninas;
- Verificar a predição dos fatores do temperamento da criança na coparentalidade de pais e mães;
- Verificar a predição da coparentalidade de pais e mães nos fatores do temperamento da criança;
- Verificar se o sexo da criança interfere na relação entre os fatores do temperamento da criança e a coparentalidade de pais e mães.

3. HIPÓTESES

H1 - *Haverá uma relação bidirecional e recursiva entre temperamento e coparentalidade.* O respaldo teórico para o entendimento da relação entre coparentalidade e temperamento será a partir da Teoria Relacional Sistêmica e do Modelo Transacional do Desenvolvimento (Sameroff, 2010). Com base nesses modelos parte-se do pressuposto de que coparentalidade e temperamento, além de terem uma relação bidirecional, se relacionam de forma recursiva.

H2 - *Haverá uma correlação positiva entre a coparentalidade de pais e mães em todas as dimensões exceto divisão de trabalho e sabotagem com diferenças para meninos e meninas.* Supõe-se que pais e mães entendem a divisão de trabalho e a sabotagem de forma diferente. Essa hipótese considera aspectos do “*maternal gatekeeping*”, conceito que abarca as crenças culturais e de gênero e os comportamentos da mãe em relação aos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos. A partir das suas crenças a mãe pode interferir no envolvimento do pai com a criança e ser crítica aos posicionamentos dele em relação aos filhos e à casa (Allen & Hawkins, 1999). Além disso, no estudo de Davis et al. (2009), pais e mães de meninas reportaram mais suporte na coparentalidade do que pais e mães de meninos, e para LeRoy (2013) os pais tiveram mais comportamentos de coparentalidade insuficiente (indiferença, competição) do que as mães em famílias de meninas.

H3 - *Haverá diferença significativa na avaliação do temperamento de meninos e meninas.* Baseado nos resultados obtidos pela metanálise de Else-Quest et al. (2006), espera-se que meninas apresentem maiores escores do fator controle com esforço enquanto os meninos apresentem índices mais elevados de extroversão. O afeto negativo não apresentará diferença significativa.

H4 - *O controle com esforço estará relacionado positivamente com a coparentalidade de pais e mães. O afeto negativo e a extroversão terão uma relação negativa com a coparentalidade de pais e mães.* Aspectos positivos da coparentalidade foram relacionados com controle com esforço (Karreman et al., 2008; Schoppe-Sullivan, Weldon, Cook, Davis & Buckley, 2009), o que vai ao encontro da ideia de se considerar a coparentalidade como uma variável de contexto e sua atuação como corre reguladora, sendo o fator controle com esforço relacionado a autorregulação (Linhares & Martins, 2015). Altos níveis de afeto negativo das crianças foram associados a maior sabotagem coparental (Cook et al.,

2009). A sabotagem também foi associada a níveis mais altos na subdimensão medo (Metz, Majdandžić, & Bögels, 2016).

H5 - *O sexo da criança modera a relação entre os fatores do temperamento e a coparentalidade de pais e mães, de modo que a relação entre os fatores do temperamento e a coparentalidade de pais e mães será diferente para meninos e meninas.* Feinberg (2003) sugere que os pais investem mais em meninos do que em meninas, e com isso justifica o sexo da criança moderar a relação entre coparentalidade e desfechos familiares. Nos resultados de LeRoy (2013), o sexo da criança não moderou a relação entre suporte/sabotagem coparental e temperamento da criança, conforme esperado. No entanto, supõe-se que na amostra desta pesquisa seja confirmada a hipótese da moderação.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Temperamento e coparentalidade: um entendimento a partir da teoria unificada do desenvolvimento e da teoria relacional sistêmica

As interações entre pais, mães e filhos envolvem uma complexidade de fatores, desde as características individuais de cada um como o temperamento e a personalidade, o contexto familiar e extrafamiliar, a relação conjugal, coparental e a parentalidade. Todos esses fenômenos têm implicações no desenvolvimento da criança, nesse sentido, para estudá-los é importante estar respaldado por teorias que abarquem a sua complexidade. A sustentação teórica desta pesquisa perpassará a Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff, 2010) e o Modelo Estrutural (Minuchin, 1982) propondo uma reflexão sobre como a relação entre o temperamento da criança e a coparentalidade podem ser entendidas segundo essas perspectivas teóricas.

Teoria unificada do desenvolvimento, temperamento e coparentalidade

A Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff, 2010) entende que tanto o *nature* (natural, biológico) como o *nurture* (psicológico, social, cultural) são fundamentais para o desenvolvimento humano, sem que um deles prevaleça sobre o outro. Ou seja, diferentemente de algumas teorias que privilegiam ou separam o natural/biológico do psicológico/social/cultural, a teoria unificada do desenvolvimento compreende essa relação de forma dialética (Sameroff, 2010). Tal entendimento teve influência da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy, e é considerada uma teoria sistêmica por abordar o desenvolvimento em sua complexidade, com suas inter-relações, inseridos em contextos e desfechos imprevisíveis.

Além da integração entre as forças *nature* e *nurture*, a compreensão do desenvolvimento humano segundo essa perspectiva teórica, inclui os seguintes modelos: pessoa (*personal change*), contexto, regulação e representação (Sameroff, 2010; Linhares & Martins, 2015). A combinação entre esses quatro modelos proporciona a compreensão das várias partes e conexões que englobam o desenvolvimento humano (Sameroff, 2010).

O modelo da pessoa aborda o entendimento de como ocorre a progressão das competências e habilidades a partir da infância nas áreas sensorio-motora, cognitiva, afetiva e social. A representação da pessoa ocorre por três caminhos diferentes – o traço, o crescimento e o

desenvolvimento (Sameroff, 2010). O traço são as características que permanecem com a pessoa ao longo do tempo; o crescimento está relacionado à maturação biológica e segue em um contínuo; e o desenvolvimento é compreendido por fases (infância, adolescência, adulto), assim como o fizeram Piaget, Freud (Sameroff, 2010). Considera-se também, em relação à pessoa, a integração das características biológicas como idade, sexo, genética às psicológicas como temperamento, estados emocionais (Linhares, 2015).

O modelo do contexto integra vários sistemas (família, escola, comunidade, amigos) que influenciam direta ou indiretamente o desenvolvimento da criança. Sameroff (2010) ressalta a relação bidirecional entre a pessoa e os diversos contextos de desenvolvimento e aponta a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner como base para esse modelo a partir dos conceitos de microssistema (família, escola), mesossistema (inter-relações entre microssistemas), exossistema (influencia indiretamente), macrosistema (cultura) (Bronfenbrenner, 1996).

O modelo da regulação inclui os processos de autorregulação desde o nível biológico (temperatura, fome) aos aspectos psicológicos (atenção, comportamento, afeto) e de interação social. Os cuidadores principais têm papel fundamental como correguladores dos processos autorregulatórios da criança (Sameroff, 2010). O processo de regulação inclui as microrregulações, interações face a face entre criança e cuidadores; as minirregulações, no contexto da vida diária da família e as macrorregulações, mudanças relevantes e duradouras com influência de fatores socioculturais (Linhares & Martins, 2015).

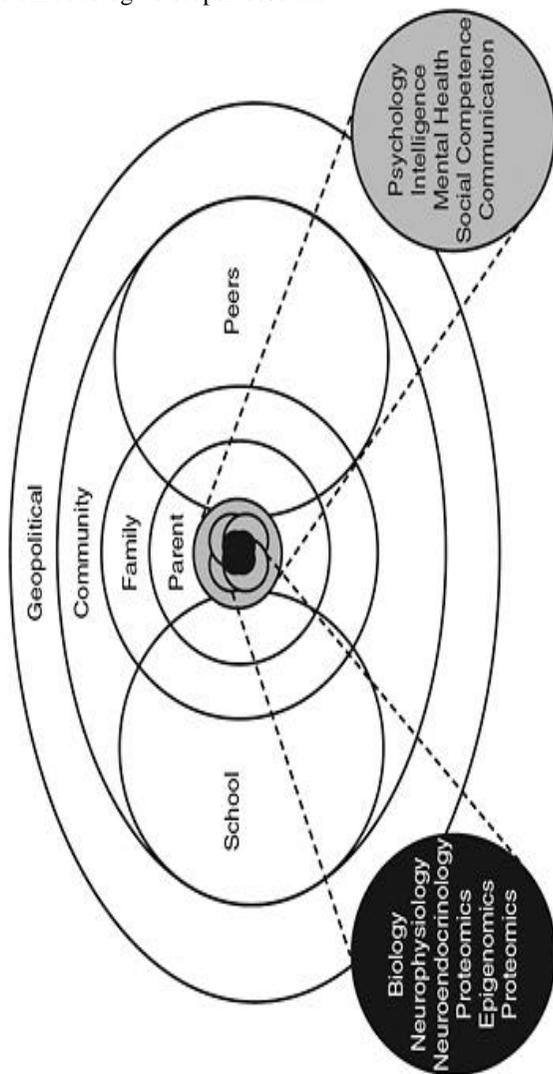
O modelo da representação está relacionado às experiências vividas pelas pessoas. Essas experiências formam representações a nível cognitivo as quais auxiliam na interpretação de situações futuras, bem como a organizar o entendimento de como funciona a sociedade (Linhares & Martins, 2015; Sameroff, 2010).

Na teoria unificada do desenvolvimento, a criança é fruto de contínuas interações dinâmicas entre ela e as experiências providas pelo seu contexto social. O foco do modelo é a ênfase nos efeitos interdependentes entre a criança e seu ambiente e na bidirecionalidade entre o “eu e o outro”, na autorregulação e na corregulação (Sameroff, 2010).

No centro do modelo está a pessoa em sua integralidade com suas características psicológicas de cognição, emoção, temperamento, competência social e as características biológicas incluindo processos neuroendócrinos, epigenéticos, neurofisiológicos, formando assim o

sistema denominado biopsicológico. A relação da pessoa com os vários contextos – família, escola, vizinhança, amigos – é representado pelo sistema ecológico biopsicossocial (Sameroff, 2010) apresentado na Figura 1.

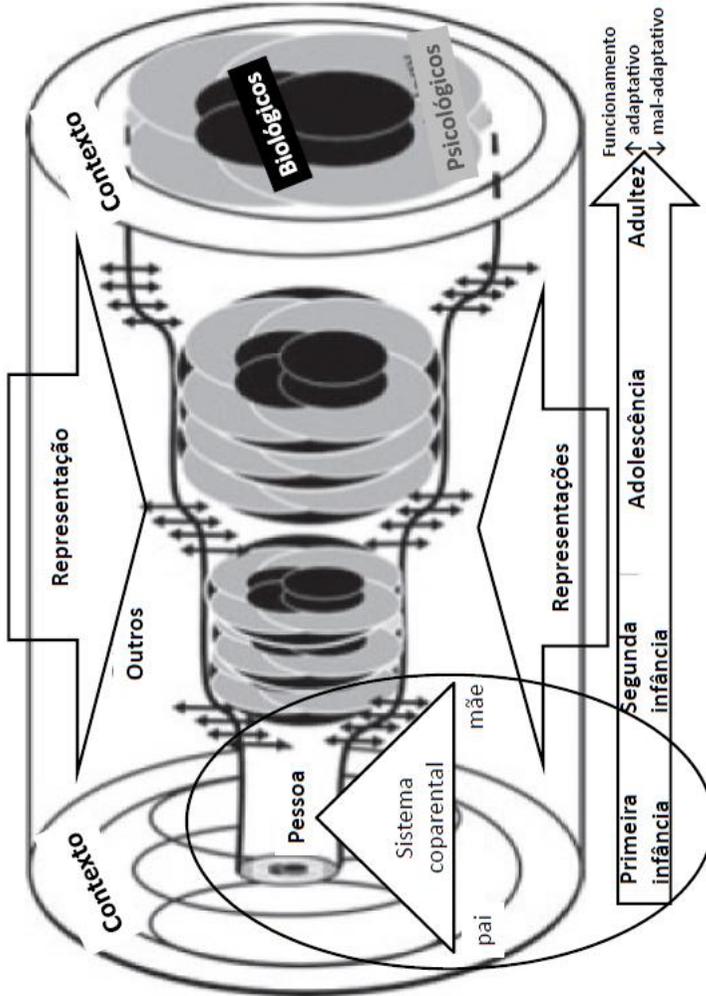
Figura 1 - Sistema ecológico biopsicossocial



Fonte: Sameroff, 2010.

Na Figura 2 pode ser visualizado o modelo completo da teoria unificada do desenvolvimento, com a ação das forças da autorregulação interagindo com o sistema de correção durante todo o processo de desenvolvimento. O modelo da representação também é indicado na figura.

Figura 2 - Representação Adaptada da Teoria Unificada do Desenvolvimento incluindo a pessoa, o contexto e o modelo de regulação (Sameroff, 2010), com realce das variáveis incluídas no estudo.



Fonte: Sameroff, 2010.

Na teoria unificada do desenvolvimento, a coparentalidade, que diz respeito a como dois adultos exercem funções de cuidado e educação com a criança (Feinberg, 2003), insere-se como uma variável de contexto, tendo um papel de corregulador. O temperamento caracteriza-se pelas diferenças individuais de base constitucional ligadas a processos de reatividade e autorregulação nos domínios do afeto, atividade e atenção (Rothbart, 1981), assim, além de ser considerado no modelo da pessoa, o temperamento constitui também o modelo de regulação. Assim, o temperamento é uma variável que interfere no desenvolvimento e está relacionada a desfechos adaptativos e desadaptativos (Klein, 2009). Na sequência serão apresentadas as principais abordagens do temperamento com foco na abordagem psicobiológica de Rothbart, referência para esta pesquisa.

As principais abordagens teórico-metodológicas de avaliação do temperamento se diferem nas suas concepções e procedimentos de avaliação do temperamento. Elas foram propostas por Thomas e Chess, Buss e Plomin e Rothbart (Else-Quest et al., 2006; Klein, 2009; Klein & Linhares, 2010; Schmidt, 2012). A abordagem de Thomas e Chess se desenvolveu a partir do estudo *New York Longitudinal Study* (NYLS). Para caracterizar o temperamento, os autores propuseram nove dimensões: nível de atividade, ritmicidade, aproximação/retraimento, adaptabilidade, limiar de responsividade, intensidade de reação, qualidade do humor, distratibilidade, período de atenção e persistência. A análise dos dados dessas dimensões sugeriu a classificação do temperamento em três tipos: *temperamento fácil* – caracterizado por alta adaptabilidade a mudança, intensidade de humor leve a moderada e predominantemente positiva; *temperamento difícil* – retraimento negativo a estímulos novos, adaptação a mudança lenta e expressão de humor intensa e preponderantemente negativa; *temperamento lento para reagir* – combinação de resposta negativa a estímulos novos com adaptabilidade lenta após contatos repetidos (Else-Quest et al., 2006; Schmidt, 2012; Klein & Linhares, 2010). Buss e Plomin concebem o temperamento como um conjunto de traços hereditários que se expressam no desenvolvimento e são precursores das características da personalidade do adulto. Os traços ou dimensões atribuídas ao temperamento referem-se à emocionalidade (intensidade da emoção), atividade (quantidade de atividade motora), sociabilidade (proximidade com os outros) e impulsividade (rapidez ou inibição da resposta) (Else-Quest et al., 2006).

Na abordagem psicobiológica de Rothbart, o temperamento é definido como as diferenças individuais de base constitucional na reatividade e na autorregulação, nos domínios emocional, motor e da

atenção (Rothbart, 1981; Rothbart et al., 2004). A base constitucional diz respeito a influência biológica no temperamento através dos genes/hereditariedade, ambiente e experiência. A reatividade relaciona-se à intensidade das respostas emocionais, motoras e de atenção, bem como a dimensões como a reatividade emocional negativa e também a reações fisiológicas como a reatividade cardíaca. A autorregulação é a parte mais ampla da organização do temperamento, define-se por processos que moderam a reatividade, incluindo medo, proximidade ou retraimento e aspectos do controle com esforço como controle inibitório (controle de impulsos) e controle de atenção. (Rothbart et al., 2004).

De acordo com a abordagem psicobiológica, o temperamento é processual, se desenvolve ao longo do tempo, apresenta características que se mantêm, bem como sofre influência do ambiente e da experiência. Ele engloba três grandes fatores: extroversão, afeto negativo e controle com esforço, eles se diferenciam pelas especificidades na regulação e reatividade das emoções. A extroversão é definida por emocionalidade positiva e aproximação, inquietação frente a novas situações, prazer de alta intensidade, impulsividade, nível de atividade e timidez. O afeto negativo é o primeiro fator do temperamento a surgir no desenvolvimento, ele caracteriza-se por desconforto, medo, raiva/frustração, tristeza, capacidade para se acalmar (Linhares & Martins, 2015; Rothbart et al., 2004). O fator controle com esforço refere-se à habilidade para regular o comportamento e a atenção, inibir uma resposta dominante e ativar uma resposta subdominante (Rothbart, Sheese, Rueda & Posner, 2011). Ele está relacionado ao desenvolvimento da atenção executiva, controle inibitório, satisfação em atividades de baixa intensidade e sensibilidade perceptiva (Rothbart et al., 2004). A caracterização de cada um dos fatores, suas respectivas dimensões e definições são apresentadas na Figura 3.

Figura 3 - Fatores do temperamento, suas respectivas dimensões e definições

Extroversão	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Impulsividade</i>: rapidez para iniciar uma resposta • <i>Prazer de alta intensidade</i>: quantidade de diversão em eventos caracterizados por grande intensidade, novidade, complexidade • <i>Nível de atividade</i>: frequência e extensão de atividade motora ampla, incluindo locomoção • <i>Timidez</i>: inibição ao se aproximar de situações novas ou incertas
Afeto negativo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tristeza</i>: rebaixamento da energia por desapontamentos ou perda de objetivos • <i>Medo</i>: quantidade de afeto negativo em situações ameaçadoras ou a antecipação delas, incluindo preocupação • <i>Raiva/frustração</i>: quantidade de afeto negativo com a interrupção de uma tarefa ou com empecilhos no alcance de objetivos • <i>Desconforto</i>: quantidade de afeto negativo com estimulação sensorial, incluindo frequência ou intensidade do estímulo tátil, visual, auditivo. • <i>Capacidade para se acalmar</i>: grau de recuperação após alto nível de excitação, perturbação
Controle com esforço	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Controle inibitório</i>: capacidade para planejar e suprimir resposta de aproximação inadequada sob instruções ou em situações incertas ou novas; controle da impulsividade • <i>Focalização da atenção</i>: tendência para manutenção da atenção na tarefa • <i>Prazer de baixa intensidade</i>: quantidade de diversão em situações que envolvam baixa intensidade, novidade, complexidade • <i>Sensibilidade perceptual</i>: quantidade de percepção de estímulos de baixa intensidade, leves, advindos do ambiente externo

Fonte: Klein, 2009; Schmidt, 2012.

A autorregulação engloba processos de regulação fisiológica, emocional, cognitiva e comportamental que evoluem no decorrer do desenvolvimento e estão relacionadas aos fatores do temperamento. A regulação fisiológica ocorre nos primeiros meses de vida do bebê e envolve o ciclo sono-vigília, controle da temperatura corporal. A regulação emocional se desenvolve a partir do primeiro ano até os dois anos de idade da criança e inclui as habilidades de poder manejar as emoções primárias como a raiva, o medo, alegria, tristeza (Linhares & Martins, 2015).

A regulação comportamental e a cognitiva emergem no desenvolvimento entre os três e quatro anos de idade; assim, espera-se que na fase pré-escolar os processos autorregulatórios já estejam constituídos. A regulação comportamental engloba a habilidade de controlar o próprio comportamento, como responder às demandas e orientações dos adultos, controlar impulsos e adiar gratificações (Linhares & Martins, 2015). A regulação cognitiva envolve mecanismos de atenção, controle de impulsos, compartilhamento de tarefas e memória de trabalho. Destaca-se que a habilidade de focalizar na atividade, ou seja, bom controle inibitório e capacidade de prestar atenção (dimensões do controle com esforço) está relacionada a bom desempenho escolar e comportamento social apropriado (Linhares & Martins, 2015; Sameroff, 2010). Além disso, foram verificadas relações importantes entre controle com esforço, atenção executiva e expressão das emoções desde a fase pré-escolar até a vida adulta (Rothbart et al., 2011).

Além do processo individual de autorregulação, a criança em desenvolvimento conta com os pais e cuidadores para auxiliar nesse processo. A responsividade de pais e/ou cuidadores, práticas educativas efetivas contribuem para que os processos regulatórios se desenvolvam da melhor forma (Linhares & Martins, 2015; Sameroff, 2010). Ao considerar que a qualidade da coparentalidade tem repercussões na trajetória de desenvolvimento das crianças, supõe-se que ela possa ser considerada não só como variável de contexto, que influencia e é influenciada pelas características da criança, mas também colabore nos processos de regulação como corre reguladora.

Coparentalidade: um conceito sistêmico

A coparentalidade começou a ser pesquisada por volta dos anos de 1970 e 1980, após a ascensão dos estudos da teoria familiar sistêmica (Boricevic Marsanic & Kusmic, 2013). Ao buscar na literatura as primeiras aparições do termo, a pesquisa de Frizzo et al. (2005) encontrou a primeira referência ao construto feita por Galper em 1978. Os primeiros artigos abordavam o contexto de famílias divorciadas, sendo que apenas na década de 1990 as pesquisas começaram a incluir as famílias biparentais (Frizzo et al., 2005; Lamela et al., 2010).

A noção de coparentalidade tem duas raízes históricas. Uma é a teoria das relações objetais (Weissman & Cohen, 1985) que aborda o conceito de aliança parental e diz respeito ao quanto os pais estão implicados e trabalhando juntos na criação dos filhos (Feinberg, 2003). A outra pauta-se na teoria estrutural de Minuchin (1982), uma das primeiras

escolas de Terapia Familiar Sistêmica. Ao apresentar a ideia de subsistemas, Minuchin (1982) conceitua o subsistema parental/executivo como o modo como os pais orientam, colocam regras e cuidam dos filhos. Antes de abordar a teoria estrutural, serão apresentados os pressupostos sistêmicos, pois se considera importante contextualizar o surgimento do pensamento sistêmico, para posteriormente discutir a origem teórica e a concepção contemporânea do termo coparentalidade.

O pensamento sistêmico está fundamentado em três principais pressupostos epistemológicos: a complexidade; a instabilidade; e a intersubjetividade. A complexidade pressupõe que o objeto de estudo está inserido em um contexto e forma uma rede de relações. Ressalta-se a importância de olhar para o sistema como um todo, sem esquecer das partes que o formam. Considerar o objeto no contexto sugere pensar em sistemas complexos, em que não existe uma causalidade linear, de causa e efeito, mas sim relações causais recursivas em que há interferência de um objeto sobre o outro e este último a partir do que recebeu irá interferir naquele anterior (Vasconcellos, 2005). A recursividade pode ser representada por uma espiral, e conceitualmente se refere aos “processos em que efeitos e produtos são necessários ao próprio processo que os gera. O produto é produtor daquilo que o produz.” (Morin, 1990, p. 123). O pressuposto da instabilidade aborda o fato dos fenômenos terem caráter imprevisível e incontrolável, pois não é possível prever o comportamento dos fenômenos, as mudanças que ocorrerão. A intersubjetividade versa sobre a noção de sistemas observantes, em que o observador é incluído no sistema que observa, ou seja, não existe neutralidade, há múltiplas versões da realidade a depender do observador (Vasconcellos, 2005).

A terapia estrutural de Minuchin, uma das origens teóricas da coparentalidade, sofreu influência dos pressupostos da complexidade e da instabilidade. O autor afirma que na teoria sistêmica, a pessoa não é vista isoladamente, mas sim dentro de um contexto com o conjunto de relações que vivencia, dando destaque ao pressuposto da complexidade (Minuchin, 1982). O sistema familiar é organizado como um todo e os membros e/ou subsistemas que o compõe são interdependentes e inter-relacionados. Por serem interdependentes, as interações em um subsistema influenciam as relações em outros subsistemas, que por sua vez interferem o subsistema anterior (causalidade circular recursiva) (Minuchin, 1982). Como não é possível saber de antemão quais as influências e quais subsistemas serão afetados, pode-se considerar a instabilidade e imprevisibilidade do fenômeno.

A noção de subsistemas familiares trazido por Minuchin (1982) entende os subsistemas como partes inter-relacionadas e interdependentes

do sistema familiar e que se diferenciam por suas funções. Cada membro da família pode compor diferentes subsistemas que são formados de acordo com sua função dentro da família, seu interesse ou geração. Um indivíduo pode ser um subsistema sozinho ou fazer parte de uma díade ou tríade.

Dentre os subsistemas abordados por Minuchin (1982) estão o conjugal, o parental/executivo e o fraterno. No subsistema fraterno as crianças experienciam as primeiras relações com seus iguais, aprendem com eles a negociar, cooperar e competir. O subsistema conjugal se forma quando dois adultos se unem e passam a constituir uma família. O autor aponta a complementaridade na relação conjugal e a interdependência mútua como funções esperadas para um adequado funcionamento do subsistema, bem como que consigam estabelecer uma fronteira³ para que não haja interferências externas como dos filhos ou da família de origem.

O subsistema parental/executivo se constitui com o nascimento do primeiro filho e pode ser entendido como o modo como os pais orientam, colocam regras e cuidam de seus filhos, colaborando para a socialização e autonomia dos mesmos. A fronteira deve permitir o acesso das crianças a cada um dos pais, porém não se deve incluí-las nas funções parentais (Minuchin, 1982). O conceito de coparentalidade não é abordado diretamente pelo autor, mas a definição de subsistema parental/executivo é a que mais se aproxima da definição contemporânea da coparentalidade, já que se refere a interação de dois adultos na orientação, educação e satisfação das necessidades das crianças (Lamela et al., 2010).

Enquanto a conjugalidade abarca aspectos do relacionamento com outro adulto, afetividade, sexo, aspectos legais da relação; a parentalidade trata das relações diádicas entre mãe-criança e pai-criança; a coparentalidade diz respeito aos acordos entre dois adultos em relação à educação e cuidado das crianças (Feinberg, 2003; Lamela et al., 2010). A coparentalidade é, pois, um fenômeno complexo em função das relações, das características individuais dos adultos e das crianças, dos fatores externos envolvidos, tais como família de origem, emprego.

A concepção contemporânea da coparentalidade tem nos modelos teóricos de McHale (1997); o de Margolin, Gordis e John (2001); Van Egeren & Hawkins (2004) e Feinberg (2003) seus principais expoentes. Os autores divergem em aspectos de definição do conceito, nas dimensões e na mensuração do construto.

³ São as regras que definem quem participa e como é essa participação nos subsistemas (Minuchin, 1982).

A coparentalidade para McHale (1997) é entendida a partir de quatro fatores: a integração familiar que se refere a atitudes dos pais que visam a inclusão do/a companheiro/a em momentos de convivência com a(s) criança(s); a difamação quando um genitor denigre ou sabota a autoridade e credibilidade do/a parceiro/a na presença da criança; as discussões entre os parceiros na frente da criança estão incluídos na dimensão conflito; repreender a criança, pedir que o/a parceiro/a o faça, ficar em segundo plano enquanto o/a companheiro/a o faz contemplam o que é denominado repreensão.

Para Margolin et al. (2001) o construto pode ser compreendido analisando três dimensões: o conflito envolve as discussões ou discordâncias sobre assuntos relacionados à criança, podendo haver hostilidade ou tentativas de prejudicar o papel parental do outro; a cooperação que relaciona-se à extensão em que pais e mães se apoiam, valorizam-se no que concerne a parentalidade e dividem as tarefas e responsabilidades, assegurando disponibilidade física e emocional à criança e a triangulação, a qual reflete a tentativa dos pais em denegrir ou sabotar o outro com o objetivo de prejudicar a relação com a criança e excluir o outro progenitor.

Van Egeren e Hawkins (2004), por sua vez, propuseram sua compreensão da Estrutura Externa e Interna da Coparentalidade. A estrutura externa diz respeito a quem compõe a dupla coparental, quando e onde ocorrem as interações. A estrutura interna abrange quatro dimensões: solidariedade coparental que é a expressão de afeto positivo intimidade e compromisso entre a díade coparental; suporte coparental compreende os comportamentos, esforços e estratégias que os membros da díade utilizam para prestar suporte ao outro; da parentalidade sabotadora fazem parte comportamentos hostis, críticas e insultos que tentam afastar o outro das tarefas que envolvem a criança; e a parentalidade partilhada, que aborda a divisão de tarefas na prestação de cuidados às crianças.

O Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade proposto por Feinberg (2003) é considerado um marco no desenvolvimento teórico da coparentalidade por apresentar uma definição consistente do construto, identificação das suas dimensões e uma visão contextual do fenômeno (Lamela et al., 2010). A estrutura interna do modelo de Feinberg (2003) inclui quatro dimensões: concordância/discordância entre a dupla parental; divisão do trabalho; suporte/sabotagem ao papel parental do parceiro; gerenciamento conjunto das interações familiares.

A concordância corresponde ao grau em que a dupla coparental entra em acordo acerca dos assuntos relacionados a criança como disciplina, valores morais, cuidados, decisões sobre educação e necessidades emocionais. Considerando que pais e mães trazem de suas famílias de origem suas concepções em relação a educação da criança, divergências são comuns. Concordância e discordância formam uma única dimensão, estando em lados opostos da escala (Feinberg, 2003).

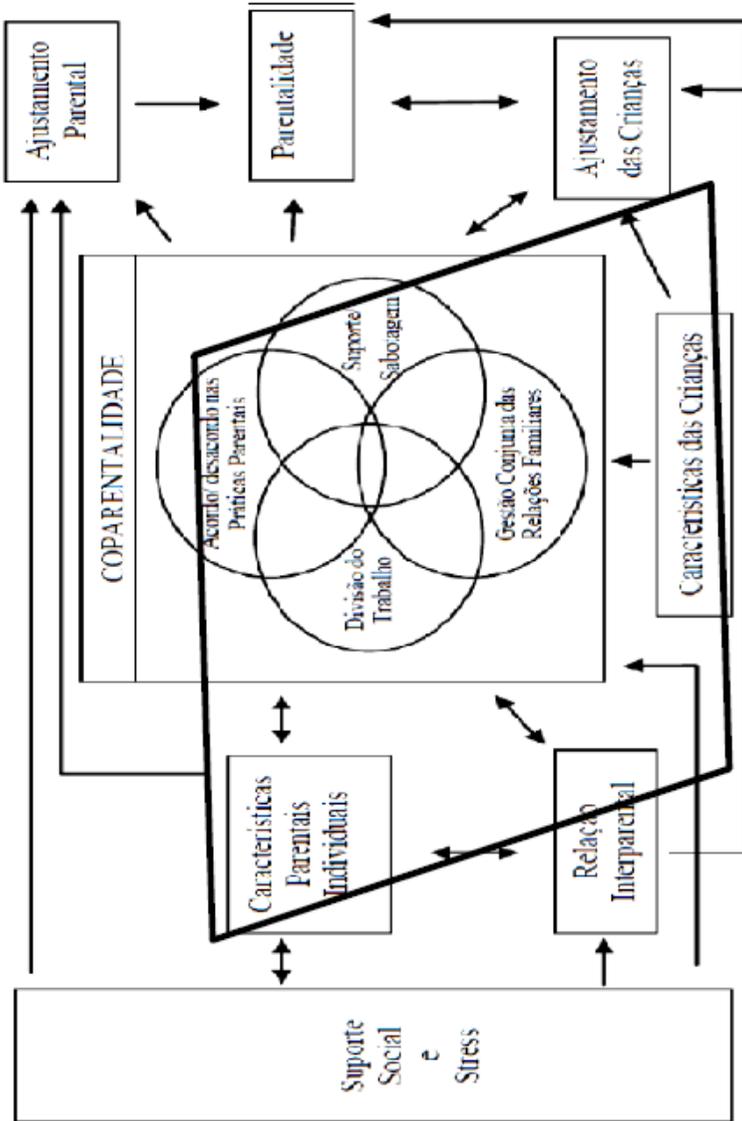
A divisão de tarefas envolve o compartilhamento das atividades diárias, cuidados com a criança e responsabilidades domésticas, financeiras, médicas e legais. É um aspecto importante em que se verifica a organização da dupla parental em relação as tarefas. Em algumas famílias a divisão é mais rígida a respeito de quem faz o que, em outras é mais flexível. Períodos de mudança, como a transição para a parentalidade ou a entrada dos filhos na escola, podem exigir novas negociações, mais fáceis ou mais difíceis de conciliar (Feinberg, 2003).

O suporte ao papel parental do parceiro se refere a quanto cada membro do casal se apoia mutuamente, afirma a competência do outro como pai ou mãe, aceitam as contribuições e apoiam as decisões um do outro. A parte negativa dessa dimensão é a sabotagem, expressa pela depreciação do parceiro por meio de críticas, ofensas. Não é claro se suporte e sabotagem deveriam ser entendidos como dois pólos de uma escala, como um contínuo ou como dois construtos independentes, porém correlacionadas (Feinberg, 2003).

O gerenciamento conjunto das interações familiares é entendido como um subsistema executivo em que os pais são responsáveis por gerenciar os comportamentos e a comunicação entre eles, os comportamentos e atitudes em relação aos demais membros da família estabelecendo limites e fronteiras. O tempo que os dois estão com os filhos e como se dá o manejo dessa relação triádica também é analisado nessa dimensão (Feinberg, 2003).

O contexto ecológico do modelo de Feinberg (2003) está representado na Figura 4, sendo que os quatro componentes da estrutura interna formam um conjunto no centro da figura. Os aspectos que influenciam e são influenciados pela coparentalidade como as características individuais das crianças, dentre elas o temperamento, as características dos pais, a parentalidade, as relações extrafamiliares aparecem no entorno indicando as influências entre eles.

Figura 4 - Contexto Ecológico da Coparentalidade traduzido por Böing (2014) de Feinberg (2003), com destaque para as variáveis utilizadas no estudo



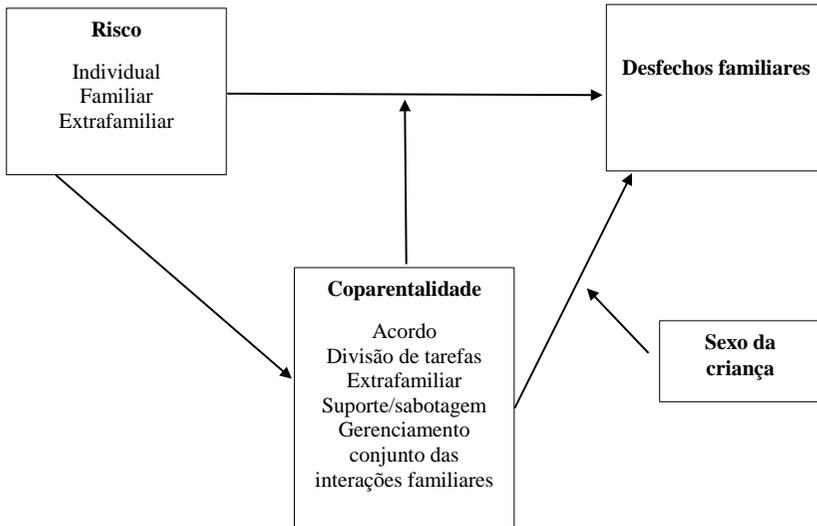
Fonte: Feinberg, 2003; Böing, 2014.

A coparentalidade como variável mediadora e/ou moderadora também faz parte do contexto ecológico, e a representação dessas relações

são apresentadas na Figura 5. No modelo de mediação, ela sofre influência das características individuais, familiares, contextuais e por sua vez interfere nos desfechos familiares. Por exemplo, a coparentalidade media parcialmente a influência das características individuais dos pais e das crianças na parentalidade ou no ajustamento da criança. Na moderação, a coparentalidade positiva pode ser um fator de proteção quando os pais ou a criança apresenta algum fator de risco, à medida que a relação coparental interfere na relação entre fator de risco e desfechos familiares (Feinberg, 2003). No estudo de Solmeyer e Feinberg (2011), a coparentalidade de suporte teve efeito amortecedor para a relação entre temperamento negativo da criança e sintomas depressivos dos pais.

A variável sexo da criança aparece como moderadora da relação entre coparentalidade e desfechos familiares. A partir das diferenças sabidas entre o ajustamento, as trajetórias do desenvolvimento e o temperamento de meninos e meninas, sugere-se que a depender do sexo da criança os relatos de coparentalidade de mães e pais podem ser diferentes e isto interferirá nos desfechos (Feinberg, 2003). Como exemplo, no estudo de Kuo et al. (2017), mães se engajaram em mais conflitos coparentais quando ambos o primeiro filho e seu irmão bebê tinham temperamentos difíceis. Porém, o conflito coparental de pais pareceu não ser afetado pelo temperamento da criança.

Figura 5: Modelo traduzido de mediação e moderação da coparentalidade



Fonte: Feinberg, 2003.

Relação entre temperamento e coparentalidade a partir de estudos empíricos

A relação entre temperamento da criança e coparentalidade foi abordada por diversos artigos internacionais, e os resultados encontrados divergem de um estudo para o outro. Esses estudos utilizaram-se de diferentes instrumentos e abordagens teóricas, os delineamentos metodológicos apresentaram suas especificidades e, além disso, foram inseridas outras variáveis como qualidade da conjugalidade, parentalidade, comportamento da criança. Devido a essa variabilidade de estudos, aliado ao interesse em identificar os resultados já existentes a respeito da relação entre temperamento da criança e coparentalidade, realizou-se uma revisão sistemática⁴ com o objetivo de verificar quais estudos empíricos mediram temperamento e coparentalidade, considerando as diferentes abordagens teóricas no período do nascimento da criança até a idade escolar.

Para inclusão de artigos, delimitou-se os seguintes critérios: artigos empíricos que utilizaram algum instrumento (questionário, escala, protocolo de observação) para medir temperamento e coparentalidade; famílias biparentais; crianças de zero a 11 anos. E os critérios de exclusão: estudos teóricos; abordagem qualitativa; famílias binucleares e monoparentais; adolescentes; estudos que avaliavam apenas um dos construtos.

As bases de dados escolhidas para essa revisão foram *Psycinfo*, *Web of Science*, *Pubmed*, *Scopus*. A base de dados nacional BVS-PSI também foi pesquisada, porém nenhum artigo foi encontrado. A busca foi realizada em abril de 2017 e utilizou-se os descritores: *coparenting AND temperament OR "parenting alliance" AND temperament OR "interparental relationship" AND temperament OR "interparental conflict" AND temperament*. Incluiu-se todos os artigos existentes sem determinação temporal na busca.

Foram encontrados 191 artigos - 61 na *Psycinfo*, 54 na *Web of Science*, 33 na *Pubmed* e 43 na *Scopus*. Ao excluir os artigos duplicados, restaram 89 e desses, 58 foram excluídos por não contemplarem os critérios de inclusão. Foram selecionados 31 artigos e extraíram-se informações a respeito dos participantes das pesquisas, os métodos, os instrumentos utilizados, as outras variáveis mensuradas. Na sessão análise

⁴ Essa revisão sistemática consta em artigo submetido à avaliação, essa seção é um breve resumo do método e dos resultados dessa revisão.

temática, os resultados dos estudos foram organizados em categorias que apontam as relações entre temperamento da criança e coparentalidade.

Caracterização dos estudos

A maior parte dos estudos trabalhou com uma amostragem de pais e mães; somente três deles trabalharam exclusivamente com mães. Em 12 estudos, a amostra teve entre 50 e 100 participantes e nove tinham entre 100 e 150 participantes. Em relação a idade das crianças, a maior parte dos estudos, 30, trabalhou com famílias com crianças entre 0 e 5 anos. Em 15 estudos as crianças tinham entre 0 e 3 anos de idade. Outro grupo relevante são os estudos longitudinais, 10 estudos, que trabalharam com famílias a partir do pré-natal.

Em relação ao método, 23 estudos utilizaram a observação direta (em laboratório ou naturalística) e indireta (questionários e escalas). O grupo mais expressivo foi de 18 artigos com recorte longitudinal e observação direta e indireta. Entre os demais, oito eram longitudinais e utilizaram apenas observação indireta, e cinco foram transversais com observação direta e indireta.

A respeito dos instrumentos utilizados para medir coparentalidade, entre questionários e medidas de observação, foram utilizados 19 diferentes instrumentos de coparentalidade, sendo que cinco deles foram construídos ou adaptados para os próprios estudos. O instrumento mais utilizado foi o de codificação do comportamento coparental (*Coparenting Behavior Coding Scales by Cowan and Cowan*), por cinco estudos. O questionário mais empregado foi o *Coparenting Relationship Scale*, CRS, de Feinberg, por quatro estudos.

Para medir temperamento, foram utilizados 10 diferentes instrumentos e três se destacaram como os mais frequentes. O *Infant Characteristics Questionnaire*, ICQ, apareceu em 11 estudos; o *The Infant Behavior Questionnaire-Revised*, IBQ-R, da abordagem de Rothbart, para crianças entre 3 e 12 meses de idade foi utilizado em oito estudos; e o *Child Behavior Questionnaire*, CBQ, da abordagem de Rothbart, para crianças de 3 a 7 anos em sete estudos. IBQ e CBQ são baseados na abordagem psicobiológica de Rothbart e se diferem pela especificidade das faixas etárias.

Outras variáveis mensuradas. Além da coparentalidade e do temperamento infantil, outras 32 variáveis foram mensuradas nos estudos selecionados. Algumas dessas variáveis estiveram presentes em vários artigos, como a parentalidade que apareceu em 15 estudos, a satisfação conjugal em seis e o comportamento infantil em cinco.

Análise Temática

Com a caracterização dos estudos selecionados ficou evidente a variabilidade de métodos, instrumentos, participantes e outras variáveis utilizadas pelos 31 artigos. Essa variabilidade somada aos diferentes objetivos dos estudos, resultaram em achados bastante distintos. Para a melhor compreensão desses achados, criou-se dez grupos temáticos baseados na similaridade dos resultados.

Temperamento e coparentalidade estão relacionados.

Alguns estudos indicaram a relação entre temperamento e coparentalidade e não foram enquadrados em outras categorias. No estudo de Smith-Simon (2008) a coparentalidade discrepante, dimensão atribuída a medida de observação do modelo de coparentalidade utilizado pelos autores, foi negativamente relacionada a controle com esforço, mas não foi relacionada com afeto negativo. As dimensões medidas por questionário de coparentalidade não apontaram relação com temperamento. O estudo de Lindsey et al. (2005) examinou suporte social, temperamento da criança, autoestima parental, crenças de cuidado e comportamento coparental. Resultados apontaram que suporte social, autoestima parental e temperamento da criança foram significativamente relacionados com comportamento coparental.

O estudo de Kim e Teti (2014) examinou sintomas depressivos maternos, qualidade da coparentalidade, qualidade do sono do bebê e da mãe e temperamento da criança como preditores da disponibilidade emocional da mãe. Bebês com alto afeto negativo foram significativamente relacionados com sintomas depressivos maternos, baixa coparentalidade positiva e mais coparentalidade negativa. Baixos níveis de coparentalidade positiva e altos níveis de coparentalidade negativa foram relacionados com baixa disponibilidade emocional em mães somente quando bebês tinham temperamento de maior extroversão.

O estudo de Merrifield et al. (2014) propôs uma análise de clusters que identificou 3 tipos de díades coparentais: cluster 1 - ambos os pais reportaram coparentalidade na média ou acima da média; cluster 2 - mães reportaram coparentalidade abaixo da média e pais estavam na média ou acima; cluster 3 - coparentalidade de pais estavam abaixo e mães estavam na média ou acima. Na relação com temperamento, apenas o cluster 3 teve uma associação significativa, ou seja, quando pais reportaram níveis abaixo da média de acordo coparental, as crianças apresentaram temperamento difícil.

Outro estudo examinou as relações entre as dimensões suporte e sabotagem da coparentalidade e a dimensão de temperamento temeroso em análises preditivas e concorrentes (Metz et al., 2016). Os achados indicaram que sabotagem coparental, mas não suporte coparental, foi ao mesmo tempo relacionado com criança com temperamento medroso e ansiedade parental severa. Ou seja, foi encontrada uma associação concorrente entre temperamento temeroso e sabotagem coparental. Relações preditivas não foram encontradas entre temperamento temeroso prévio e posterior comportamento de sabotagem coparental.

Ao investigar o papel da coparentalidade na estabilidade do temperamento infantil nos primeiros 15 meses de bebês (0-3, 8 e 15 meses), o estudo de Rogowicz (2016) indicou uma relação significativa entre coparentalidade negativa e criança com temperamento difícil nos primeiros meses pós-parto que não é mantido aos 8 meses. E concluiu também que a qualidade da relação coparental, tanto positiva quanto negativa, não afeta a estabilidade do temperamento difícil nos primeiros 15 meses.

Temperamento como preditor da coparentalidade.

Um total de seis artigos indicou o temperamento como preditor da coparentalidade. O estudo de McDaniel e Teti (2012) examinou como a qualidade do sono do bebê influencia a relação coparental e como resultado apresentou que a dimensão sensibilidade do temperamento da criança, renda familiar e educação dos pais foram preditores da coparentalidade com um e três meses do bebê.

A dimensão afeto negativo, do temperamento, foi abordada por dois estudos. Um deles analisou a relação entre afeto negativo e comportamentos de suporte e sabotagem coparental (Cook et al., 2009). Os achados indicaram que pais de crianças com níveis mais altos de afeto negativo demonstraram maior comportamento coparental de sabotagem, ou seja, afeto negativo foi um preditor significativo da sabotagem coparental. O estudo de Burney (2010) examinou, além do afeto negativo, a dimensão controle com esforço. Os resultados demonstraram que afeto negativo e controle com esforço foram preditores significativos da percepção materna da coparentalidade positiva. Mães que perceberam suas crianças como tendo mais afeto negativo reportaram menos coparentalidade positiva. E as mães que avaliaram suas crianças como tendo mais controle com esforço reportaram mais relacionamento de coparentalidade positiva.

O estudo de Laxman et al. (2013) analisou como a personalidade dos pais e o temperamento da criança foram associados com o

desenvolvimento e a estabilidade da coparentalidade nos três primeiros anos de vida da criança. Os achados indicaram que criança, aos 3 anos, com temperamento difícil foi uma variável associada a menos suporte coparental, mas não foi relacionada com sabotagem coparental. Já os resultados do estudo de Favez et al. (2013) apontaram que as interações pré-natais e o temperamento são os principais preditores das relações coparentais.

O estudo de Kuo et al. (2017) explorou a coparentalidade após a chegada do segundo filho. Os resultados indicaram que temperamento difícil do primeiro filho foi positivamente relacionado com conflito coparental de pais e mães e negativamente com cooperação coparental no pré-natal e 4 meses. Além disso, as mães, mas não os pais, se engajaram em mais conflitos coparentais quando ambos, primeiro e segundo filho, tinham temperamentos difíceis.

O papel moderador da coparentalidade e do temperamento.

O estudo de Song e Volling (2015), já mencionado, indicou que a qualidade da coparentalidade teria um papel moderador na associação entre sensibilidade e cooperação da criança. As crianças com baixa sensibilidade tiveram baixos níveis de cooperação na situação de observação de troca de fralda em famílias nas quais os pais tinham alta sabotagem e baixa cooperação coparental.

O papel moderador da coparentalidade apareceu também em outro estudo que aborda a transição para a fratria (Kolak & Volling, 2013). Esse estudo examinou a contribuição do temperamento (reatividade negativa) e da coparentalidade para os problemas de comportamento internalizantes e externalizantes da criança após o nascimento do irmão. Os resultados indicaram que reatividade negativa em crianças demonstra aumento no comportamento externalizante durante a transição para a fratria quando pais mostraram altos níveis de sabotagem coparental e baixos níveis de suporte coparental. A reatividade negativa em crianças também foi associada com aumento de comportamentos internalizantes quando seus pais tinham alta sabotagem coparental no pré-natal. E não houve associação entre reatividade negativa e problemas internalizantes quando a sabotagem coparental era baixa.

No estudo de Schoppe-Sullivan et al. (2009) a coparentalidade também teve papel moderador. Os resultados apontaram que o comportamento coparental de apoio moderou relações longitudinais entre a dimensão controle com esforço das crianças e os relatos de comportamento externalizante reportados tanto por mães quanto por professoras. Ou seja, quando os pais mostraram altos níveis de

comportamento coparental de apoio, a relação entre baixo controle com esforço e comportamento externalizante não foi observado.

A coparentalidade de suporte moderou relações entre temperamento da criança e sintomas depressivos dos pais no estudo de Solmeyer e Feinberg (2011). Pais que reportaram baixo suporte coparental, apresentaram associação positiva entre temperamento difícil e sintomas depressivos. Pais que relataram mais coparentalidade de suporte, não demonstraram relação entre temperamento negativo e sintomas depressivos dos pais. Assim, coparentalidade de suporte tem efeito amortecedor para temperamento negativo da criança e sintomas depressivos dos pais.

O estudo de Szabó et al. (2012) analisou a estabilidade da coparentalidade e sua relação com o temperamento da criança na transição para a fratria, e o temperamento teve papel moderador. Achados sugeriram estabilidade da coparentalidade com a criança 1, no entanto essa estabilidade foi moderada pelo temperamento difícil da criança 2. Coparentalidade com criança 1 e 2 estavam correlacionadas longitudinalmente e de forma concorrente, embora as relações longitudinais também tenham sido moderadas pelo temperamento difícil da criança. As relações significativas desse estudo foram obtidas apenas com as medidas do questionário de coparentalidade. As observações da coparentalidade não indicaram relações significativas.

Temperamento e comportamento coparental paterno estão relacionados.

Considera-se relevante destacar que alguns estudos evidenciaram diferenças na percepção da coparentalidade entre pais e mães. O comportamento coparental paterno ficou em evidência na associação com temperamento da criança. Em um dos estudos, pais reportaram melhor experiência de coparentalidade quando seus bebês eram percebidos como tendo temperamento fácil. Pais que perceberam seus bebês como mais difíceis indicaram uma tendência a ter piores relações de coparentalidade (Van Egeren, 2004).

No estudo de Gordon e Feldman (2008) o temperamento da criança, a satisfação conjugal e o comportamento relacional da mãe foram preditores do comportamento coparental paterno. Enquanto que para a coparentalidade materna apenas o comportamento relacional do pai apareceu como preditor. No estudo de LeRoy (2013), já mencionado acima, nenhum resultado significativo surgiu dos modelos preditivos de coparentalidade materna e temperamento infantil. Relações significativas surgiram apenas nos questionários de coparentalidade de pais.

Relações bidirecionais entre coparentalidade e temperamento.

Relações bidirecionais entre temperamento e coparentalidade foram encontradas em dois estudos que abordaram especificamente a relação entre temperamento da criança e o comportamento coparental no primeiro ano de bebês (Davis et al., 2009; LeRoy, 2013). Os resultados do estudo de Davis et al. (2009) apontaram que bebês com temperamento difícil foram associados com menos comportamento de suporte coparental. Da mesma forma, coparentalidade de suporte foi associado com diminuição do temperamento difícil de bebês. O estudo de LeRoy (2013) mediu temperamento com as dimensões insensibilidade, desadaptação, imprevisível, irritabilidade e revelou que bebês insensíveis aos três meses foram associados com alto suporte coparental no relato dos pais com um ano do bebê. E alta desadaptação esteve significativamente associada com alta sabotagem materna segundo relato dos pais com um ano do bebê. Por sua vez, coparentalidade de suporte relatado por pais aos três meses esteve ligado a baixa desadaptação com um ano do bebê. Tais resultados emergiram especificamente das análises de questionários de coparentalidade respondidos por pais. Nenhum resultado significativo surgiu dos modelos preditivos de coparentalidade materna, assim como nenhuma associação entre as variáveis de temperamento e medidas de observação da coparentalidade.

Outro estudo que apontou relações bidirecionais entre essas variáveis foi o de Song e Volling (2015) que examinou como a coparentalidade e o temperamento do primeiro filho influenciam no comportamento de cooperação após o nascimento de um irmão. Os resultados demonstraram a interação bidirecional significativa entre a dimensão sensibilidade do temperamento e coparentalidade cooperativa, assim como interações entre sensibilidade, coparentalidade cooperativa e sabotagem coparental

Coparentalidade e temperamento não foram relacionados.

Apesar dos autores usarem instrumentos para medir coparentalidade e temperamento, em três artigos, essas variáveis não foram relacionadas entre si. Os estudos de LeRoy et al. (2013) e de Murphy et al. (2016) examinaram a relação entre coparentalidade e problemas de comportamento da criança. Em ambos a medida do temperamento foi utilizada como variável controle e relacionada com o comportamento da criança. Já no estudo de Cheng et al. (2009) o temperamento foi relacionado com o desenvolvimento da criança e os

resultados apontam para a importância do suporte coparental para o desenvolvimento infantil.

Moderação por outras variáveis.

No estudo de Schoppe-Sullivan et al. (2007), a relação entre temperamento e coparentalidade foi significativa apenas quando a variável qualidade do relacionamento conjugal estava presente. Especificamente, bebê irritadiço foi associado com baixos níveis de sabotagem coparental quando os casais mostraram alta qualidade conjugal antes do nascimento do bebê. Bebês com dificuldade de adaptação foi associado com altos níveis de sabotagem coparental quando casais mostraram baixa qualidade conjugal antes do nascimento do bebê.

Os resultados do estudo de Burney e Leerkes (2010) indicaram que a dimensão reatividade do temperamento estava associada com a redução na qualidade da coparentalidade apenas se outros “fatores de estresse” estavam presentes. Mães que perceberam seus bebês como mais reativos reportaram mais coparentalidade negativa apenas se seus bebês não foram facilmente acalmados ou se as mães estavam insatisfeitas com a divisão das tarefas familiares. Já os pais relataram mais coparentalidade negativa quando seus bebês eram mais reativos e eles haviam relatado baixa qualidade na relação conjugal.

Coparentalidade e temperamento não apresentaram relações.

Em apenas dois artigos as variáveis coparentalidade e temperamento não apresentaram alguma relação significativa. O estudo de Stright e Bales (2003) relacionou as características das crianças e dos pais e a qualidade da coparentalidade durante observação de interações familiares. O temperamento da criança não esteve relacionado com suporte e nem com a falta de suporte na coparentalidade. No estudo de Favez et al. (2016) as avaliações que pais e mães fizeram do temperamento da criança não foram relacionadas com as interações de coparentalidade. Os próprios autores destacaram que tal resultado não era esperado tendo em vista estudos prévios que mostram a influência da variável temperamento na dinâmica da coparentalidade. Ressalta-se também a amostra limitada de ambos os artigos.

Coparentalidade como preditor do temperamento e sua influência maior do que a parentalidade.

O primeiro estudo que relacionou as variáveis coparentalidade e temperamento foi o de Belsky et al. (1996). Os autores abordaram especificamente o comportamento coparental de não suporte e a dimensão

inibição e como resultado obteve-se que coparentalidade sem suporte está relacionada a menos inibição. Outro aspecto de destaque no artigo foi que a coparentalidade prediz inibição em crianças mais do que as medidas de parentalidade sozinha, ou seja, coparentalidade influencia mais na inibição do que a parentalidade.

O estudo de Karreman et al. (2008) abordou as relações entre parentalidade, coparentalidade e a dimensão controle com esforço em pré-escolares. Os resultados apontaram a coparentalidade como preditor de controle com esforço, acima de parentalidade materna e paterna. Além disso, a coparentalidade foi significativamente relacionada com controle com esforço, tanto com medida de observação como com questionário.

Correlação fraca entre temperamento e coparentalidade.

O estudo conduzido por Galdiolo e Roskam (2016) teve como objetivo apontar o processo de construção da aliança familiar em um estudo longitudinal. A coparentalidade foi analisada como mediador e o temperamento como moderador. Os resultados mostraram a coparentalidade como primordial para o desenvolvimento da aliança familiar, porém o temperamento não atuou como moderador no modelo proposto pelos autores. Quando relacionados entre eles, a coparentalidade e o temperamento apresentou fraca correlação quando testados no mesmo momento (12 meses da criança).

A partir dessa análise, ficou evidente a existência de relações significativas entre as variáveis temperamento e coparentalidade, pois apenas dois artigos não apresentaram as relações esperadas. Em alguns estudos observou-se a bidirecionalidade da influência, em outros apareceu a coparentalidade como preditora do temperamento, mas a maioria apontou o temperamento como preditor. Ressalta-se que Feinberg (2003), em seu modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico, também sugeria a influência do temperamento, enquanto característica individual da criança, na coparentalidade.

Da mesma forma, o papel moderador da coparentalidade enquanto fator de risco e proteção é problematizado por Feinberg (2003) e aparece nessa revisão em quatro artigos. Os achados corroboram a teoria ao apontar, por exemplo, que a coparentalidade de suporte moderou relações entre temperamento da criança e sintomas depressivos dos pais (Solmeyer & Feinberg, 2011), e também altos níveis de comportamento coparental de apoio, moderou a relação entre a dimensão controle com esforço e comportamento externalizante da criança (Schoppe-Sullivan et al., 2009).

Ressalta-se que a busca em bases de dados brasileiras apontou para a inexistência de estudos que relacionassem temperamento com

coparentalidade. O fato de não haver publicações nacionais remete a importância de se realizar estudos que incluam ambas as variáveis, tendo em vista a relevância dos temas para pesquisas na área do desenvolvimento psicológico infantil e das relações familiares. Além disso, a realização de pesquisas no Brasil e outros países da América Latina possibilitaria a comparação dos dados já existentes com os de outras culturas.

5. MÉTODO

A presente pesquisa faz parte do projeto maior intitulado “*Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar*”, coordenado pelo Prof. Dr. Mauro Luís Vieira. É uma parceria entre NEPeDI e LABSFAC e contou com a colaboração de mestrands, doutorandos e alunos de iniciação científica vinculados aos laboratórios para a coleta de dados.

Delineamento da Pesquisa

Este estudo trata-se de um levantamento de campo com 170 famílias com crianças de quatro a seis anos. Os dados foram obtidos por observação indireta, com aplicação de questionários e escalas, e a abordagem foi quantitativa. O estudo caracteriza-se como transversal, pois os dados foram coletados em momento único, e terá caráter exploratório, descritivo e correlacional (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013). É exploratório por se propor estudar fenômenos pouco descritos na literatura científica brasileira; descritivo, pois irá descrever as características das variáveis sociodemográfica, do temperamento e da coparentalidade e correlacional porque irá analisar a correlação existente entre as variáveis envolvidas (Sampieri et al., 2013).

Participantes e contexto

Os dados foram coletados com famílias residentes na Região Sul do Brasil. Em Santa Catarina, a coleta ocorreu na Região da Grande Florianópolis e no Vale do Itajaí. No Rio Grande do Sul, a coleta ocorreu na Região Nordeste do estado e no Paraná na Região Oeste.

Os participantes da pesquisa foram 170 famílias biparentais heteroaetivas, sendo 170 mães (100%), 161 pais biológicos (94,77%) e 9 padrastos (5,23 %). Os critérios de inclusão foram idade da criança focal⁵ entre quatro e seis anos 11 meses e 29 dias e desenvolvimento típico⁶. Os pais e mães deveriam ter tido a criança focal após seus 18 anos de idade e o casal precisava coabitar há pelo menos seis meses.

⁵ O termo criança focal é utilizado para identificar o filho ao qual os pais e mães se referiram para responder o questionário.

⁶ Considera-se como a ausência de atraso no desenvolvimento e de anormalidades no comportamento da criança de acordo com padrões estabelecidos para a idade e maturação infantis.

Instrumentos

Para investigar variáveis sociodemográficas como idade, configuração familiar, escolaridade, jornada de trabalho dos pais e renda, foi utilizado o *Questionário Sociodemográfico (QS)* desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI. Este questionário foi respondido pela mãe.

O temperamento da criança foi avaliado por meio do *Questionário de Comportamento das Crianças (Children's Behavior Questionnaire CBQ)*, versão *very short*, e foi respondido apenas pela mãe. Este questionário é destinado a avaliar o temperamento de crianças de 3 a 7 anos, é baseado na abordagem psicobiológica de Rothbart e foi elaborado por Rothbart, Ahadi, Hershey e Fisher (2001), adaptado e traduzido para o Brasil por Klein e Linhares (2005). O CBQ *very short* é uma escala cujas respostas variam de 1 (totalmente falsa em relação à criança) a 7 (totalmente verdadeira referente à criança), incluindo o item “não se aplica” (NA) quando a criança não pode ser observada no aspecto descrito. Ressalta-se que existem três versões do CBQ: *modelo standard*, composto por 195 itens referentes a 15 dimensões; *short CBQ*, constituído por 94 itens divididos em 15 dimensões; e *very short CBQ*, com 36 itens e três dimensões. No presente estudo optou-se por utilizar a versão muito compacta (*very short*) do instrumento, a fim de não dispende tanto tempo e ser desgaste para a família, devido a aplicação de vários questionários em conjunto. As subescalas dessa versão são: 1) extroversão (12 itens): constituída pelas dimensões nível de atividade, prazer de alta intensidade, impulsividade e timidez; 2) Afeto Negativo (12 itens): composta pelas dimensões raiva, desconforto, tristeza, medo e capacidade de se acalmar; 3) Controle com Esforço (12 itens): referente às dimensões focalização da atenção, controle inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual. Putnam & Rothbart (2006) relataram uma consistência interna aceitável para o *very short CBQ* com $\alpha=0,75$ para extroversão, $\alpha=0,72$ para afeto negativo e $\alpha=0,74$ para controle com esforço.

O instrumento está em processo de adaptação transcultural e validação para população brasileira. Foi realizada uma análise fatorial exploratória que sugeriu a retirada de 11 itens. Para esta pesquisa, os valores de precisão foram extroversão $\alpha=0,72$; afeto negativo $\alpha=0,72$; controle com esforço $\alpha=0,69$.

Para acessar a coparentalidade foi utilizada a *Escala da Relação Coparental (ERC - Coparenting Relationship Scale CRS)* (Feinberg et al., 2012), fundamentada no Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2003). Esse instrumento,

respondido pelo pai e pela mãe, é composto por 35 itens, numa escala de sete pontos que vai de não verdadeiro (0) a completamente verdadeiro (6), exceto para a subescala Conflito, na qual as categorias de resposta variam de nunca (0) a muito frequentemente (6). As sete subescalas que compõem a ERC são divididas nos quatro domínios teóricos: 1) Concordância coparental, com uma subescala (quatro itens); 2) divisão de trabalho, com uma subescala (2 itens); 3) suporte/sabotagem com as três subescalas: a) suporte coparental (quatro itens), b) apoio a parentalidade do parceiro (sete itens), e c) sabotagem coparental (seis itens); e 4) administração conjunta das interações familiares com as subescalas: a) exposição a conflitos (2 itens) e b) proximidade coparental (cinco itens). Não existe medida de coparentalidade validada ou adaptada para o Brasil até o momento.

A análise fatorial confirmatória de modelo da equação estrutural longitudinal com 169 casais apresentou valores de RMSEA = 0,06, CFI = 0,93 e cargas fatoriais acima de 0,45. O modelo demonstrou estabilidade ao longo do tempo, com coeficientes de regressão de 0,74 entre a fase dois e três e 0,71 da fase três para quatro. A fidedignidade Alfas de Cronbach do escore total apresentou valores entre 0,91 e 0,94, para homens e mulheres em transição para parentalidade em três diferentes momentos (quando a criança tinha seis meses, um ano e três anos). Para as dimensões, os valores foram acima de 0,75 em quatro fatores: Proximidade Coparental, Exposição ao Conflito, Suporte Coparental e Sabotagem Coparental, para homens e mulheres e nos três momentos. Na dimensão Apoio à Parentalidade do parceiro, a confiabilidade materna variou entre 0,83 e 0,88, porém a paterna apresentou valores menores ou no limite do aceitável, entre 0,61 e 0,71. O fator Concordância Coparental também apresentou índices mais baixos, variando entre 0,66 e 0,74 para homens e mulheres. Ademais, como a dimensão Divisão do Trabalho possui apenas dois itens, foi feita a correlação entre eles com valores entre 0,33 e 0,59, visto que não foi computado o valor de Alfa de Cronbach (Feinberg et al, 2012).

Esse instrumento foi apontado por duas revisões de literatura sobre as propriedades psicométricas de questionários e escalas internacionais que mensuram a coparentalidade como o instrumento mais adequado para adaptação no Brasil (Carvalho & Barham, 2016; Souza et al., no prelo). A versão da ERC utilizada no estudo é uma adaptação transcultural brasileira resultante da colaboração entre a UFSC e a Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (Carvalho et al., 2018) (Anexo B). Quatro subescalas apresentaram valores adequados de precisão, similares aos resultados encontrados por Feinberg et al. (2012): Suporte Coparental

($\alpha=0,83$), Apoio à Parentalidade do Parceiro ($\alpha=0,78$), Sabotagem Coparental ($\alpha=0,72$) e Exposição ao Conflito ($\alpha=0,81$). A subescala de Concordância Coparental teve valor de precisão observado ($\alpha = 0,68$) um pouco abaixo do índice de referência ($\alpha \geq 0,70$), mas compatível com os relatados por Feinberg et al. (2012), já a precisão de Proximidade Coparental ($\alpha = 0,46$) foi menor que o valor de referência dos índices de Feinberg et al. (2012), o que pode ser resultado de diferenças culturais nessa dimensão. A diferença cultural também pode ter afetado a subescala de Divisão do Trabalho, que apresentou uma correlação muito baixa entre os itens ($r = 0,09$) de qualquer forma, o estudo de Feinberg et al. (2012) já fazia ressalvas na utilização dessa dimensão.

Na presente pesquisa os valores de precisão na ERC para pais e mães foram: concordância coparental ($\alpha= 0,71$; $\alpha= 0,61$); divisão do trabalho ($\alpha= 0,21$;/ $\alpha= 0,17$); suporte coparental ($\alpha= 0,83$; $\alpha= 0,82$); apoio à parentalidade do parceiro ($\alpha= 0,67$; $\alpha= 0,82$); sabotagem coparental ($\alpha= 0,70$; $\alpha= 0,71$); exposição a conflitos ($\alpha= 0,75$; $\alpha= 0,86$) e proximidade coparental ($\alpha= 0,49$; $\alpha= 0,44$). Apesar dos valores baixos nas dimensões divisão do trabalho e proximidade coparental, optou-se por não retirar os itens devido ao bom valor de ômega da escala que foi de 0,89 para pais e 0,91 para mães.

Para esta pesquisa optou-se por utilizar o ERC como uma única variável de qualidade do relacionamento coparental em um crescente positivo, fazendo a inversão dos itens das dimensões sabotagem coparental e exposição a conflitos. Essa possibilidade de interpretação dos dados já era colocada por Feinberg et al. (2012). Ademais, uma série de estudos tem empregado a versão completa e/ou breve da ERC adotando essa forma de avaliação (Feinberg, Jones, Hostetler, Roettger, Paul, & Ehrenthal, 2016; McDaniel, & Radesky, 2018; Teti, Crosby, McDaniel, Shimizu, & Whitesell, 2015).

Procedimentos para coleta de dados

As famílias participantes foram acessadas através de instituições públicas e privadas de educação infantil, escolhidas por acessibilidade e conveniência. A amostragem denominada “bola de neve”⁷ também foi utilizada para dar conta do número de famílias que se pretendia atingir, além da própria rede de contatos dos pesquisadores.

Em relação às instituições de educação infantil, estas eram contatadas e os pesquisadores apresentavam à direção e/ou coordenação

⁷ Famílias que participaram da pesquisa indicam outras famílias como possíveis participantes.

pedagógica da escola a pesquisa que seria realizada. As instituições que aceitavam participar assinavam o Termo de Autorização Institucional e enviavam as cartas convites deixadas pelos pesquisadores às famílias. As famílias que retornaram as cartas foram contatadas por telefone por integrantes da equipe, que agendavam data, hora e local para a coleta de dados. A concordância da família em participar da pesquisa ocorreu por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo pai e pela mãe.

A aplicação dos questionários foi realizada com pais e mães separadamente para evitar interferências nas respostas. Para tanto, ou era combinado horário e/ou local diferentes para responderem a pesquisa, ou então, como na maioria dos casos, dois pesquisadores dirigiam-se ao local de preferência da família (residência, escola da criança ou Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina - SAPSI/UFSC) para aplicação dos questionários.

Tratamento e análise dos dados

Os dados obtidos com os questionários foram tabulados e submetidos a análises descritivas por meio do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS) – versão 22.0. As análises inferenciais foram realizadas por meio do Software R e o pacote systemfit (Henningesen & Hamann, 2007).

Modelos de regressão foram construídos a fim de explicar a relação entre a coparentalidade de pais e mães e as dimensões do temperamento com a moderação do sexo da criança. Optou-se pelos modelos de regressão linear múltipla, pois eles permitem prever um fenômeno com mais de uma variável independente. Esse tipo de regressão prevê a combinação das variáveis independentes (VI)/preditoras, em relação à variável dependente (VD)/desfecho e servem para superar a hipótese nula, que seria a não existência de relações entre VI e VD. De outra forma, possibilita comprovar as hipóteses do estudo, ao confirmar a relação significativa entre elas.

Os modelos construídos levaram em consideração o pressuposto teórico de que há uma relação bidirecional e recursiva entre coparentalidade e temperamento. Assim, o modelo 1 mediu simultaneamente o temperamento como preditor e a coparentalidade como desfecho, e também a coparentalidade como preditor e o temperamento como desfecho. No modelo 2 incluiu-se a moderação pelo sexo da criança. A diferença entre os modelos foi calculada pelo teste de razão de verossimilhança.

Ressalta-se que delineamentos observacionais não permitem a inferência de causalidade, principalmente quando se trata de recortes transversais (Kline, 2016). No entanto, a hipótese bidirecional e recursiva mantém-se sustentada pelos modelos teóricos. A seguir, encontram-se relacionados na Tabela 1 os objetivos do estudo e os correspondentes instrumentos e análises utilizados.

Tabela 1 - Correspondência entre objetivos, instrumentos, quem responde e análise de dados

Objetivos	Instrumentos e respondentes	Análise de dados
Caracterizar as dimensões extroversão, afeto negativo e controle com esforço do temperamento de crianças pré-escolares	CBQ (<i>Children's Behavior Questionnaire</i>) Questionário de Comportamento das Crianças Respondido pela mãe	Análise descritiva (média, desvio padrão) para todas as dimensões
Diferenciar as dimensões do temperamento para meninos e meninas	CBQ (<i>Children's Behavior Questionnaire</i>) Questionário de Comportamento das Crianças Respondido pela mãe	Teste <i>t</i> de comparação de médias para amostras independentes para meninos e meninas
Caracterizar coparentalidade de pais e mães;	ERC (Escala da Relação Coparental) Respondida por pais e mães	Análise descritiva (média, desvio padrão) para todas as dimensões.
Diferenciar coparentalidade de pais e mães para famílias de meninos e meninas	ERC (Escala da Relação Coparental) Respondida por pais e mães	Teste <i>t</i> de comparação de médias para pais e mães para todas as dimensões Teste <i>t</i> de comparação de médias para amostras pareadas de pais e mães para todas as dimensões. Teste de comparação de médias para amostras independentes para todas as dimensões.
Verificar a predição das dimensões do temperamento da criança na coparentalidade de pais e mães	CBQ, ERC	Análise estatística inferencial regressão linear múltipla
Verificar a predição da coparentalidade de pais e mães nos fatores do temperamento da criança	ERC, CBQ	Análise estatística inferencial regressão linear múltipla
Verificar como o sexo da criança interfere na relação entre as dimensões do temperamento da criança e a coparentalidade de pais e mães.	CBQ, ERC	Análise estatística inferencial regressão linear múltipla para avaliação de moderação

Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo à resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Com o título “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), sob o parecer substanciado de nº 1.514.798 do dia 26 de abril de 2016. Esse projeto está sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os TCLEs foram elaborados atendendo à referida resolução e redigidos em linguagem acessível aos participantes. No TCLE, pais e mães que aceitaram participar, foram informados, entre outros aspectos, sobre os objetivos do estudo, o anonimato, a voluntariedade, o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e o contato dos pesquisadores. O termo foi lido aos participantes e assinado em duas vias, ficando uma com o participante e outra com os pesquisadores.

6. RESULTADOS

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Os participantes da pesquisa foram 170 famílias (170 pais e 170 mães) de crianças com idade entre 4 e 6 anos. As Tabelas 2, 3 e 4 demonstram as principais características sociodemográfica dessas famílias. Os resultados são apresentados em relação a amostra total, bem como discriminado para famílias de meninos e meninas, devido a importância da variável sexo da criança para este estudo.

Foram realizadas análises descritivas, com cálculo de frequência para as variáveis categóricas, e média e desvio padrão para variáveis numéricas. O teste *t* para amostras pareadas foi calculado para comparação de médias de idade, anos de escolaridade e jornada de trabalho de mães e pais. O teste *t* para amostras independentes foi utilizado para comparação das médias de meninos e meninas para idade, anos de escolaridade, jornada de trabalho formal de mães e pais e idade da criança.

Tabela 2 - Frequência total e discriminado para meninos e meninas do estado de residência, composição familiar, escolaridade da mãe e escolaridade do pai, renda média familiar

Variável	Descrição da variável	Frequência (%) meninos	Frequência (%) meninas	Frequência (%) total
Sexo da criança	Masculino			92 (54,1)
	Feminino			78 (45,9)
Estado de residência	Santa Catarina	64 (69,5)	61 (78,2)	125 (73,5)
	Paraná	16 (17,4)	14 (17,9)	30 (17,6)
	Rio Grande do Sul	12 (13,0)	3 (3,8)	15 (8,8)
Composição familiar	Família nuclear pais biológicos de todos os filhos	74 (80,4)	64 (82,1)	138 (81,2)
	Família nuclear pais adotivos da criança alvo	---	1 (1,3)	1 (0,6)
	Família recasada com pais biológicos da criança alvo	8 (8,7)	7 (9,0)	15 (8,8)
	Família recasada com padrasto da criança alvo	5 (5,4)	4 (5,1)	9 (5,3)
	Família estendida, pais biológicos das crianças e parentes	4 (4,3)	2 (2,6)	6 (3,5)
	Família nuclear pais biológicos criança alvo e criança adotada	1 (1,1)	---	1 (0,6)
Número de filhos/as	Famílias com 1 filho/a			63 (37,1)
	Famílias com 2 filhos/as			87 (51,2)
	Famílias com 3 filhos/as			17 (10,1)
	Famílias com 4 filhos/as			2 (1,2)
Escolaridade da mãe	Ensino fundamental incompleto	7 (7,6)	3 (3,9)	10 (5,8)
	Ensino fundamental completo	3 (3,3)	1 (1,3)	4 (2,4)
	Ensino médio incompleto	1 (1,1)	3 (3,8)	4 (2,4)
	Ensino médio completo	23 (25,0)	15 (19,2)	38 (22,4)
	Ensino superior incompleto	6 (6,5)	10 (12,8)	16 (9,4)
	Ensino superior completo	15 (16,3)	9 (11,5)	24 (14,1)
	Pós-graduação	37 (40,2)	37 (47,4)	74 (43,5)

Escolaridade do pai	Não alfabetizado	----	1 (1,3)	1 (0,6)
	Ensino fundamental incompleto	8 (8,7)	3 (3,9)	11 (6,5)
	Ensino fundamental completo	3 (3,3)	2 (2,6)	5 (2,9)
	Ensino médio incompleto	----	6 (7,7)	6 (3,5)
	Ensino médio completo	24 (26,1)	14 (17,9)	38 (22,4)
	Ensino superior incompleto	7 (7,6)	8 (10,3)	15 (8,8)
	Ensino superior completo	28 (30,4)	13 (16,7)	41 (24,1)
Renda média familiar	Pós-graduação	22 (23,9)	31 (39,7)	53 (31,2)
	R\$ 500,00 a R\$ 3.500,00	30 (32,7)	25 (32,1)	55 (32,3)
	R\$ 3.501,00 a R\$ 7.500,00	24 (26,1)	12 (15,4)	36 (21,3)
	Acima de R\$ 7.500,00	38 (41,3)	41 (52,6)	79 (46,5)

A maioria dos participantes era residente no estado de Santa Catarina (69,5% famílias de meninos e 78,2% famílias de meninas), mais precisamente na Grande Florianópolis e Vale do Itajaí. No que tange a criança alvo, as famílias com crianças do sexo masculino foram 54,1% e do sexo feminino 45,9%. A composição familiar foi predominantemente de família nuclear com pais biológicos de todos os filhos (80,4% famílias de meninos e 82,1% famílias de meninas). Em relação ao número de filhos, as famílias tinham em sua maioria 1 filho (37,1%) ou 2 filhos (51,2%). A renda média familiar da maioria das famílias era acima de R\$ 7.500,00.

No que concerne ao grau de escolaridade, as mães e os pais tinham alto grau de instrução, com destaque para o número de mães pós-graduadas (43,5%) e pais pós-graduados (31,2%). Evidencia-se que apenas 8,2% das mães e 10% dos pais tinham no mínimo o ensino fundamental completo.

Tabela 3 - Média, desvio padrão, teste t para idade (mãe e pai), anos de escolaridade (mãe e pai), jornada de trabalho (mãe e pai), idade da criança

Variável	N	Média (DP) mãe	Média (DP) pai	Teste t
Idade	170	35,17 (5,81)	37,95 (6,79)	t(169)= -6,44; p<0,001
Escolaridade (anos)	170	16,18 (5,91)	15,28 (5,79)	t(169)=2,61; p≤0,01
Jornada de trabalho formal (horas semanais)	168	34,30 (14,43)	40,56 (13,42)	t(166)= - 4,17; p<0,001

Tabela 4 - Média, desvio padrão, teste t para idade (mãe e pai), anos de escolaridade (mãe e pai), jornada de trabalho (mãe e pai), idade da criança discriminado para meninos e meninas

Variável	N	Média (DP)	N	Média (DP)	Teste t
	(meninos)	(meninos)	(meninas)	(meninas)	
Escolaridade da mãe (anos)	92	15,24 (4,93)	78	17,28 (6,76)	t(168)= -2,27; p<0,05
Escolaridade do pai (anos)	92	14,5 (4,97)	78	16,19 (6,55)	t(168)= -1,91; p=0,05
Jornada de trabalho formal da mãe (horas)	91	34,44 (14,73)	77	34,14 (14,17)	t(166)= 0,132; p>0,05
Jornada de trabalho formal do pai (horas)	90	41,98 (12,43)	78	38,92 (14,39)	t(166)= 1,47; p>0,05
Idade da criança (em meses)	92	61,75 (7,85)	77	61,38 (8,16)	t(167)=0,3; p>0,05

Em relação aos anos de escolaridade, as mães tinham entre 3 e 36 anos (M=16,18 e DP=5,91) e os pais 0 e 40 anos de escolaridade (M=15,28 e DP=5,79). O teste *t* apontou uma diferença significativa [t(169)=2,61; p≤0,01] entre as médias de anos de escolaridade, o que indicou que mães tinham significativamente mais anos de escolaridade do que os pais.

A média de idade das mães foi de 35,17 (DP=5,81), tendo a mãe mais jovem 23 anos e a mais velha 50 anos. Para os pais, a média de idade foi 37,95 (DP=6,79) com as idades variando entre 19 e 59 anos. A média dos anos em que os casais participantes estão morando juntos foi de M=10,41 (DP=4,41). No que concerne a criança alvo, a idade foi descrita em meses, tendo a criança mais nova 48 meses (4 anos completos) e a criança mais velha 83 meses (6 anos e 9 meses), a média de idade foi de 61,58 (DP=7,97). Ressalta-se que a média de idade para meninos (M=61,75 DP=7,85) não teve diferença significativa para a média de idade das meninas (M=61,38 DP=8,16) calculado a partir do teste *t* para amostras independentes [t(167)=0,3; p>0,05].

A jornada de trabalho formal das mães variou entre zero e 75 horas semanais (M=34,3 e DP=14,43). Das 16 mães que disseram ter jornada nula, apenas uma referiu estar desempregada, as demais mencionaram

serem dona de casa. A jornada de trabalho formal dos pais ficou entre zero e 90 horas semanais ($M=40,56$ e $DP=13,42$). Cinco pais relataram jornada nula e desses, três referiram estar desempregados e dois aposentados. A diferença entre as médias da jornada de trabalho formal de mães e pais apresentou diferença significativa [$t(166) = -4,17$; $p < 0,001$] o que indica que pais tem uma jornada de trabalho formal significativamente maior do que a jornada da mãe.

Caracterização do temperamento das crianças

O temperamento da criança foi avaliado por meio do *very short* CBQ. Apenas a mãe respondeu ao questionário pois se considerou que há forte correlação entre as respostas de mães e pais e sem diferença significativa entre elas (Schmidt, 2012). O temperamento não apresenta uma medida única, mas sim, uma medida para cada fator/dimensão, as quais têm características bem definidas.

As análises, apresentadas nas Tabelas 5 e 6, realizadas incluíram média, desvio padrão, teste *t* independente para comparação de médias de cada dimensão para meninos e meninas. As correlações de Pearson entre as dimensões foram feitas para amostra geral e também para amostras só de meninos e só de meninas.

Tabela 5 - Média e desvio padrão das dimensões do temperamento de crianças pré-escolares

Variável	N	Média (DP)
Extroversão	170	3,61 (1,15)
Afeto negativo	170	4,64 (1,07)
Controle com esforço	170	5,33 (0,84)

Tabela 6 - Média, desvio padrão e teste *t* do temperamento de crianças por dimensão para meninos e meninas

Variável	N (meninos)	Média (DP) (meninos)	N (meninas)	Média (DP) (meninas)	Teste T
Extroversão	92	3,47 (1,06)	78	3,77 (1,23)	$t(168) = -1,68$; $p > 0,05$
Afeto negativo	92	4,59 (1,03)	78	4,70 (1,12)	$t(168) = -0,66$; $p > 0,05$
Controle com esforço	92	5,07 (0,82)	78	5,63 (0,76)	$t(168) = -4,60$; $p < 0,001$

Os escores do temperamento da criança variam de 1 a 7. A dimensão controle com esforço, que corresponde a capacidade da criança de focalizar a atenção, ao prazer de baixa intensidade, sensibilidade perceptual e controle inibitório, foi a que obteve a maior média ($M=5,33$ $DP=0,84$). Ressalta-se que o controle com esforço é a dimensão do temperamento com características mais positivas. A dimensão afeto negativo caracteriza-se por raiva, desconforto, tristeza, medo e capacidade de se acalmar, e teve a segunda maior média ($M=4,64$ $DP=1,07$). A menor média foi a de extroversão, definida por impulsividade, nível de atividade, prazer de alta intensidade e timidez ($M=3,61$ $DP=1,15$). As meninas tiveram escores maiores nas três dimensões. O teste t para amostras independentes apontou diferença significativa entre as médias de meninos e meninas na dimensão controle com esforço [$t(168) = -4,60$; $p < 0,001$]. Assim, os resultados indicam que meninas, mesmo tendo a média de idade semelhante à dos meninos, apresentam maior controle com esforço do que eles.

Caracterização da coparentalidade de pais e mães

Os resultados da avaliação da coparentalidade, por meio do ERC, referem-se à percepção da relação coparental por mães e por pais, ou seja, como as mães e/ou os pais percebem a concordância, a proximidade, o conflito, o suporte, a divisão do trabalho, a sabotagem por parte do(a) companheiro(a) e como apoiam a parentalidade do(a) parceiro(a). Ressalta-se que os itens negativos de exposição ao conflito e sabotagem foram invertidos, pois se optou por trabalhar a coparentalidade como um crescente positivo, conforme explicado no método.

As Tabelas 7, 8 e 9 apresentam as médias, desvio padrão, teste t e correlações de Pearson para coparentalidade de mães e pais. Os dados referentes à coparentalidade foram relatados diferenciando coparentalidade de mães de meninos e coparentalidade de mães de meninas, da mesma forma para os pais (teste t independente para comparação de médias). E ainda, foram demonstrados resultados comparando coparentalidade de mães e coparentalidade de pais em famílias de meninos, da mesma forma para famílias de meninas (teste t para amostras pareadas⁸).

Nas tabelas (10 a 14) são demonstrados os dados de todas as dimensões na forma original, ou seja, sem a inversão dos itens para

⁸ Por tratar-se do casal, utilizou-se teste t para amostras pareadas para comparação de médias da coparentalidade de mães e pais, considerando também que as respostas são, em sua maioria, correlacionadas.

conflito e sabotagem conforme explicitado no método. As mesmas análises realizadas para coparentalidade de mães e de pais foram realizadas para as dimensões da coparentalidade de mães e de pais.

Tabela 7 - Média, desvio padrão e teste t para coparentalidade de pais e mães discriminado para meninos e meninas

Variável	Média (DP)	Média (DP)	Teste <i>t</i>
	meninos	meninas	
Coparentalidade mães	4,88 (0,72)	4,95 (0,72)	t(168)= -0,57; p>0,05
Coparentalidade pais	4,94 (0,63)	4,89 (0,59)	t(168)= -0,51; p>0,05

Tabela 8 - Média, desvio padrão e teste t para coparentalidade de pais e mães total, coparentalidade de pais e mães em famílias de meninos e meninas

Variável	N	Média	Média (DP)	Teste <i>t</i>
		(DP) mãe	pai	
Coparentalidade	170	4,91 (0,72)	4,92 (0,61)	t(169)= -0,17; p>0,05
Coparentalidade família de meninos	92	4,88 (0,72)	4,94 (0,63)	t(91)= -0,82; p>0,05
Coparentalidade família de meninas	78	4,95 (0,72)	4,89 (0,59)	t(77)= 0,73; p>0,05

Tabela 9 - Correlações de Pearson para coparentalidade de pais e mães

	Correlações de Pearson
Coparentalidade de mães Coparentalidade de pais	0,5***
Coparentalidade de mães e coparentalidade de pais em famílias de meninos	0,46***
Coparentalidade de mães e coparentalidade de pais em famílias de meninas	0,55***

***p<0,001

De forma geral, a avaliação de mães e pais da coparentalidade foi positiva. Os escores da coparentalidade variam de zero a seis, e a coparentalidade para as mães obteve média de 4,91 (DP=0,72) e para os pais a média foi de 4,92 (DP=0,61). O teste *t* entre pais e mães não apontou diferença significativa entre as médias [t(169)= -0,17; p>0,05] e a percepção da coparentalidade por pais e mães está relacionada positivamente (r=0,5; p<0,001).

A média da coparentalidade para as mães de meninos ($M=4,88$ $DP=0,72$) não teve diferença significativa em comparação com a média para as mães de meninas ($M=4,95$ $DP=0,72$) [$t(168)=-0,57$; $p>0,05$]. Da mesma forma, a coparentalidade para os pais de meninos ($M=4,94$ $DP=0,63$) não apresentou diferença significativa para a média de pais de meninas ($M=4,89$ $DP=0,59$) [$t(168)=-0,51$; $p>0,05$]. O cálculo da diferença foi obtido a partir do teste t independente considerando o sexo da criança como variável de agrupamento.

Verificou-se, além disso, uma correlação positiva entre a coparentalidade de mães e pais em famílias de meninos ($r=0,46$; $p<0,001$) e o teste t não apresentou diferença significativa [$t(91)=-0,82$; $p>0,05$] ao comparar a média da coparentalidade de mães e pais de meninos. A coparentalidade de mães e pais em famílias de meninas também apontou correlação positiva ($r=0,55$ $p<0,001$) e o teste t não mostrou diferença significativa [$t(77)=0,73$; $p>0,05$] entre a média da coparentalidade de mães e a coparentalidade pais de meninas.

Tabela 10 - Média, desvio padrão, teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais

Variável	N	Média (DP) para mães	Média (DP) para pais	Teste t
Apoio à parentalidade do parceiro	170	5,05 (0,98)	5,3 (0,63)	$t(169)=-2,93$; $p<0,05$
Proximidade parental	170	4,91 (0,83)	4,9 (0,83)	$t(169)=0,15$; $p>0,05$
Suporte coparental	170	4,61 (1,13)	4,76 (1,0)	$t(169)=-1,76$; $p>0,05$
Concordância coparental	170	4,58 (1,23)	4,37 (1,35)	$t(169)=1,92$; $p<0,05$
Divisão de trabalho	170	3,98 (1,53)	4,13 (1,53)	$t(169)=-0,91$; $p>0,05$
Exposição ao conflito	170	0,86 (0,83)	1,0 (0,79)	$t(169)=-1,99$; $p<0,05$
Sabotagem coparental	170	0,59 (0,84)	0,77 (0,95)	$t(169)=-2,11$; $p<0,05$

Ao comparar as médias entre as dimensões, o teste t para amostras pareadas apontou diferença significativa na coparentalidade de pais e mães para concordância [$t(169)=1,92$; $p<0,05$], conflito [$t(169)=-1,99$; $p<0,05$], sabotagem [$t(169)=-2,11$; $p<0,05$], apoio a parentalidade do parceiro [$t(169)=-2,93$; $p<0,05$]. Assim, mães reportaram maior

concordância na coparentalidade do que os pais. Os pais relataram mais conflito e mais sabotagem por parte das mães. O apoio à parentalidade do parceiro também foi maior para os pais em relação as mães, com especificidades, já que eles não estão relacionados.

Tabela 11 - Correlações de Pearson para as dimensões da coparentalidade de pais e mães

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1 Concordância M	-	0,3 **	-0,4 **	0,4 **	-0,5 **	0,4 **	0,3 **	0,4 **	0,2*	-0,1	0,4 **	-0,3 **	0,0	0,0
2 Proximidade M	0,3 **	-	-0,4 **	0,5 **	-0,4 **	0,4 **	0,2 **	0,2*	0,2*	-0,1	0,3 **	-0,1	0,1	-0,0
3 Conflito M	-0,4 **	-0,4 **	-	-0,5	0,5 **	-0,4 **	-0,2 **	-0,3 **	-0,3 **	0,3 **	-0,4 **	0,3 **	-0,2 *	-0,0
4 Suporte M	0,4 **	0,5 **	-0,5 **	-	-0,5 **	0,6 **	0,2 **	0,2 **	0,2 **	-0,2 **	0,4 **	-0,3 **	0,2 **	0,0
5 Sabotagem M	-0,5 **	-0,4 **	0,5 **	-0,5 **	-	-0,4 **	-0,3 **	-0,4 **	-0,2 *	0,2 **	-0,3 **	0,3 **	-0,1	-0,1
6 Apoio parentalidade M	0,4 **	0,4 **	-0,4 **	0,6 **	-0,4 **	-	0,3 **	0,3 **	0,2 **	-0,3 **	0,4 **	-0,3 **	0,0	0,0
7 Divisão trabalho M	0,3 **	0,2 **	0,2 **	0,2 **	-0,3 **	0,3 **	-	0,2*	0,1	-0,0	0,3 **	-0,2 *	0,0	-0,0
8 Concordância P	0,4 **	0,2*	0,2*	0,2 **	-0,4 **	0,3 **	0,2 *	-	0,3**	-0,4 **	0,4 **	-0,5 **	0,3 **	0,1
9 Proximidade P	0,2*	0,2*	0,2*	0,2 **	-0,2 *	0,2 **	0,1	0,3 **	-	-0,2 **	0,5 **	-0,2 **	0,3 **	-0,0
10 Conflito P	-0,1	-0,2 *	0,3 **	-0,2 **	0,2 **	-0,3 **	-0,0	-0,4 **	-0,2 **	-	-0,3 **	0,5 **	-0,3 **	-0,2 *
11 Suporte P	0,4 **	0,3 **	-0,4 **	0,4 **	-0,3 **	0,4 **	0,3 **	0,5 **	0,5 **	-0,3	-	-0,4 **	0,4 **	0,1
12 Sabotagem P	-0,3 **	-0,2 *	0,3 **	-0,3 **	0,3 **	-0,3 **	-0,2 *	-0,5 **	-0,2 **	0,5 **	-0,4 **	-	-0,4 **	-0,2 **
13 Apoio parentalidade P	0,0	0,0	-0,2 *	0,2 **	-0,1	0,0	0,0	0,3 **	0,3 **	-0,3 **	0,3 **	-0,4 **	-	0,0
14 Divisão trabalho P	0,0	-0,0	-0,1	0,0	-0,1	0,0	-0,0	0,1	-0,0	-0,2 *	0,1	-0,2 **	0,0	-

*p<0,05; ***p<0,001

As dimensões da coparentalidade apresentaram muitas relações significativas tanto positivas quanto negativas entre elas. Destacam-se as relações positivas entre as dimensões para mães correlacionadas com as mesmas dimensões para os pais: concordância coparental ($r=0,4$), proximidade parental ($r=0,2$), exposição ao conflito ($r=0,3$), suporte coparental ($r=0,4$) e a sabotagem coparental ($r=0,3$). Apenas as dimensões apoio a parentalidade do parceiro e divisão de trabalho não apresentaram relação significativa, o que indica que pais e mães utilizam critérios diferentes no apoio a parentalidade do parceiro, bem como entendem a divisão de trabalho de forma distinta.

Tabela 12 - Média, desvio padrão e teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais para meninos e meninas

Variável	N	Média (DP)	N	Média (DP)	Teste <i>t</i>
	(meninos)	(meninos)	(meninas)	(meninas)	
Apoio a parentalidade do parceiro para mães	92	5,04 (0,99)	78	5,07 (0,97)	t(168)= -0,24 p>0,05
Proximidade para mães	92	4,96 (0,79)	78	4,85 (0,88)	t(168)= 0,84; p>0,05
Suporte para mães	92	4,65 (1,09)	78	4,56 (1,19)	t(168)= 0,52; p>0,05
Concordância para mães	92	4,41 (1,33)	78	4,78 (1,08)	t(168)= -2,0; p<0,05
Divisão de trabalho para mães	92	3,92 (1,61)	78	4,05 (1,44)	t(168)= -0,53; p>0,05
Conflito para mães	92	0,90 (0,85)	78	0,80 (0,81)	t(168)= 0,76; p>0,05
Sabotagem para mães	92	0,65 (0,89)	78	0,51 (0,78)	t(168)= 1,06; p>0,05
Apoio a parentalidade do parceiro para pais	92	5,3 (0,59)	78	5,23 (0,67)	t(168)= 1,31; p>0,05
Proximidade para pais	92	4,91 (0,80)	78	4,87 (0,88)	t(168)= 0,29; p>0,05
Suporte para pais	92	4,80 (0,96)	78	4,72 (1,06)	t(168)= 0,56; p>0,05
Concordância para pais	92	4,37 (1,37)	78	4,36 (1,33)	t(168)= 0,04; p>0,05
Divisão de trabalho para pais	92	4,01 (1,59)	78	4,27 (1,46)	t(168)= -1,09; p>0,05
Conflito para pais	92	1,01 (0,79)	78	0,98 (0,80)	t(168)= 0,24; p>0,05
Sabotagem para pais	92	0,71 (0,88)	78	0,83 (1,04)	t(168)= -0,83; p>0,05

Ao comparar a média das dimensões da coparentalidade de mães de meninos com a média das dimensões de mães de meninas, a única dimensão que apresentou diferença significativa no teste *t* independente foi a dimensão concordância [t(168)= -2,0; p<0,05]. As médias das dimensões da coparentalidade de pais de meninos em comparação com as

médias das dimensões de pais de meninas não apresentaram diferença significativa. Tais resultados indicam que mães de meninas têm percepções sobre a coparentalidade semelhantes às das mães de meninos, bem como há semelhanças nas percepções dos pais de meninos e meninas.

Tabela 13 - Média, desvio padrão e teste t para as dimensões da coparentalidade de mães e pais em famílias de meninos e meninas

Variável	Média (DP)	Média (DP)	Teste <i>t</i>
	mães	pais	
Apoio a parentalidade do parceiro família meninos	5,04 (0,99)	5,3 (0,59)	t(91)= -2,74; p<0,01
Proximidade família meninos	4,96 (0,79)	4,91 (0,80)	t(91)= 0,40; p>0,05
Suporte família meninos	4,65 (1,09)	4,80 (0,96)	t(91)= -1,32; p>0,05
Concordância famílias meninos	4,41 (1,33)	4,37 (1,37)	t(91)= 0,22; p>0,05
Divisão de trabalho família meninos	3,92 (1,61)	4,01 (1,59)	t(91)= -0,39; p>0,05
Conflito família meninos	0,90 (0,85)	1,01 (0,79)	t(91)= -1,13; p>0,05
Sabotagem família meninos	0,65 (0,89)	0,71 (0,88)	t(91)= -0,51; p>0,05
Apoio a parentalidade do parceiro família meninas	5,07 (0,97)	5,23 (0,67)	t(77)= -1,32; p>0,05
Proximidade família meninas	4,85 (0,88)	4,87 (0,88)	t(77)= -0,20; p>0,05
Concordância família meninas	4,78 (1,08)	4,36 (1,33)	t(77)= 2,84; p<0,01
Suporte família meninas	4,56 (1,19)	4,72 (1,06)	t(77)= -1,16; p>0,05
Divisão de trabalho família meninas	4,05 (1,44)	4,27 (1,46)	t(77)= -0,95; p>0,05
Conflito família meninas	0,80 (0,81)	0,98 (0,80)	t(77)= -1,70; p>0,05
Sabotagem família meninas	0,51 (0,78)	0,83 (1,04)	t(77)= -2,50; p<0,05

Tabela 14 - Correlações de Pearson para as dimensões da coparentalidade de mães e pais em famílias de meninos e meninas

	Correlações de Pearson meninos	Correlações de Pearson Meninas
Concordância coparental mãe	0,36***	0,42***
Concordância coparental pai		
Proximidade parental mãe	0,087	0,24*
Proximidade parental pai		
Exposição ao conflito mãe	0,35***	0,33**
Exposição ao conflito pai		
Suporte coparental mãe	0,43***	0,45***
Suporte coparental pai		
Sabotagem coparental mãe	0,31**	0,27*
Sabotagem coparental pai		
Apoio a parentalidade do parceiro mãe	0,026	0,17
Apoio a parentalidade do parceiro pai		
Divisão de trabalho mãe	0,004	-0,024
Divisão de trabalho pai		

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Em relação à coparentalidade de pais e mães de meninos, as dimensões concordância ($r = 0,36$), conflito ($r = 0,35$), suporte ($r = 0,43$) e sabotagem ($r = 0,31$) estavam positivamente relacionadas. Diferentemente da amostra total, a dimensão proximidade não apresenta correlação quando se refere a famílias de meninos, o que significa que pais e mães de meninos avaliam essa dimensão de forma distinta. O apoio à parentalidade do parceiro e a divisão de trabalho mantêm-se não correlacionados. No teste t para amostras pareadas, apenas a dimensão apoio à parentalidade do parceiro [$t(91) = -2,74$; $p < 0,01$] para pais e mães apresentou diferença significativa na comparação das médias para famílias de meninos. Os pais apoiam mais a parentalidade da parceira e de forma diferente da mesma pois não estão correlacionados.

No que tange à coparentalidade de pais e mães de meninas, as dimensões concordância ($r = 0,42$), proximidade ($r = 0,24$), conflito ($r = 0,33$), suporte ($r = 0,45$) e sabotagem ($r = 0,27$) apresentaram correlação positiva. Semelhante a amostra total, as dimensões apoio a parentalidade do parceiro e divisão de trabalho não apontaram correlação entre as médias de pais e mães de meninas. No teste t para amostras pareadas, as dimensões concordância [$t(77) = 2,84$; $p < 0,01$] e sabotagem [$t(77) = -2,50$; $p < 0,05$] apresentaram diferença significativa na comparação das médias

para famílias de meninas. Enquanto as mães têm a percepção de mais concordância, os pais de meninas relatam mais sabotagem.

Relações entre temperamento e coparentalidade moderada pelo sexo da criança

Esse tópico irá tratar da análise principal deste estudo. Ela responde aos dois últimos objetivos específicos: verificar a predição das dimensões extroversão, afeto negativo e controle com esforço na percepção de coparentalidade de pais e mães; verificar a predição da coparentalidade de pais e mães nos fatores do temperamento da criança; e analisar a relação entre as dimensões extroversão, afeto negativo e controle com esforço do temperamento da criança, coparentalidade de pais e mães e sexo da criança. Para tanto, dois modelos foram comparados a fim de verificar a influência do sexo da criança na relação entre temperamento e coparentalidade. O modelo 1, representado na Tabela 15, considera a relação entre os fatores extroversão, afeto negativo e controle com esforço do temperamento (VI) e a coparentalidade da mãe e do pai (VD), bem como a relação entre coparentalidade da mãe e do pai (VI) e os fatores do temperamento (VD). O modelo 2, apresentado na Tabela 16, agrega o sexo da criança como variável moderadora e apresenta os valores de referência para o menino em comparação com os valores para meninas.

A análise realizada foi a regressão linear múltipla para avaliação de moderação. Ressalta-se que a moderação é o efeito de uma variável (sexo) na direção ou intensidade da relação entre uma variável preditora (temperamento ou coparentalidade) e outra como desfecho (coparentalidade ou temperamento). As representações gráficas dos dois modelos, com moderação e sem moderação, são demonstradas nas Figuras 6 a 12.

Tabela 15 - Modelo 1 preditivo sem moderação pelo sexo da criança

Variáveis	Modelo 1 temperamento como preditor				Modelo 1 coparentalidade como preditor					
	Coparentalidade mãe		Coparentalidade pai		Extroversão		Afeto negativo		Controle com esforço	
	β	SE	B	SE	β	SE	B	SE	β	SE
Intercepto	3,16*	0,38	4,67*	0,35	3,65*	0,76	4,15*	0,72	3,86*	0,51
Extroversão	-0,16*	0,05	0,03	0,04						
Afeto negativo	-0,04	0,05	0,06	0,05						
Controle com esforço	0,47*	0,06	-0,02	0,06						
Coparentalidade mãe					-0,34*	0,14	-0,22	0,13	0,74*	0,09
Coparentalidade pai					0,33*	0,17	0,33*	0,16	-0,44*	0,11
R ²	0,04		0		0,01		0,04		0	
R ² de McElroy					0,55					

*p<0,05

Figura 6 - Modelo preditivo da coparentalidade materna e paterna sem moderação pelo sexo da criança

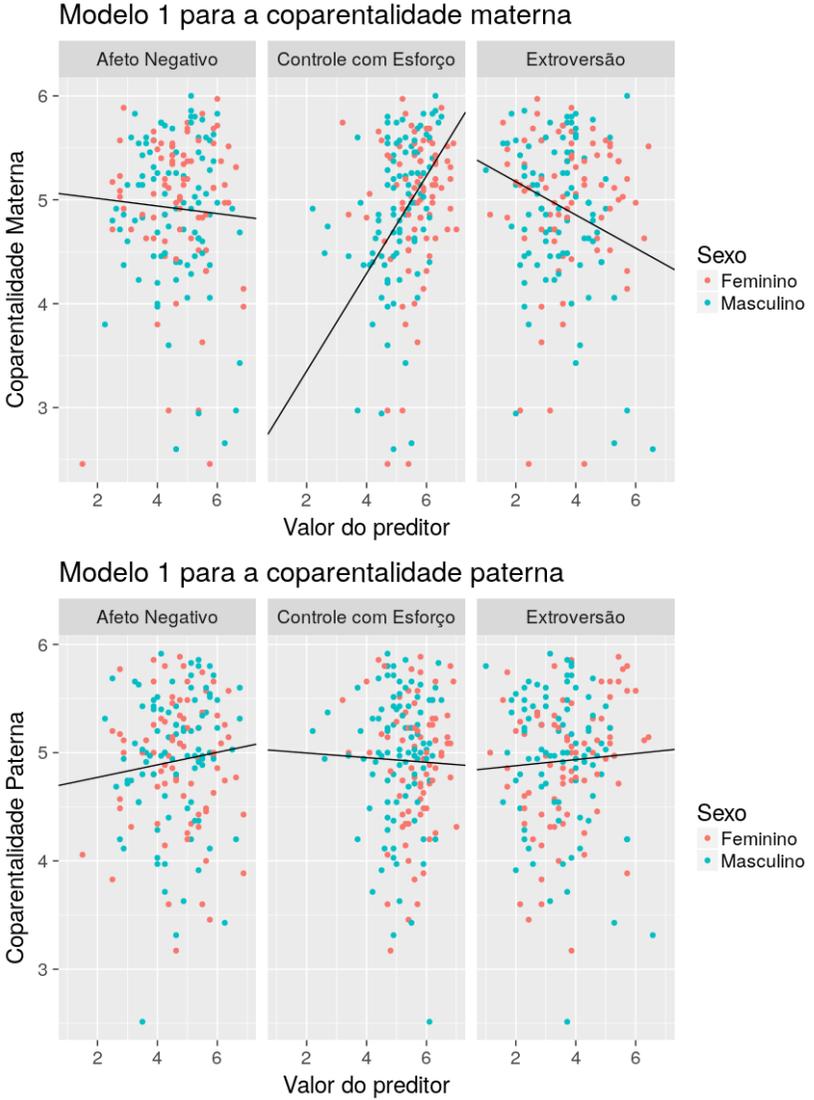
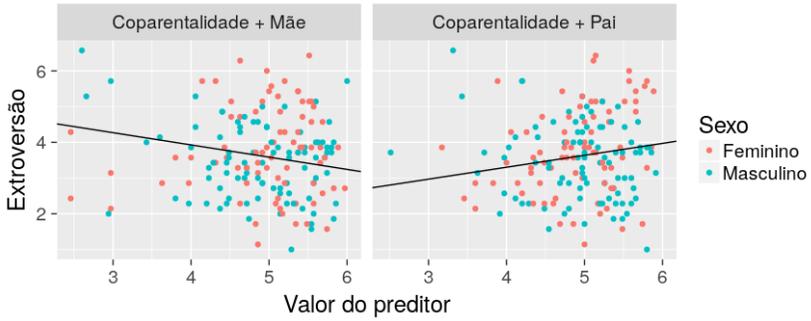
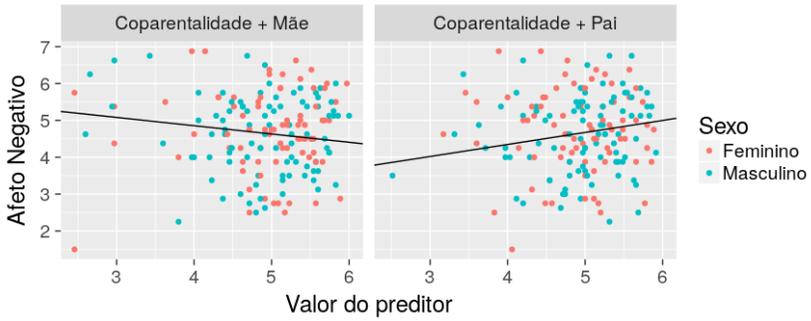


Figura 7 - Modelo preditivo dos fatores do temperamento sem moderação pelo sexo da criança

Modelo 1 para a extroversão



Modelo 1 para o afeto negativo



Modelo 1 para o controle com esforço

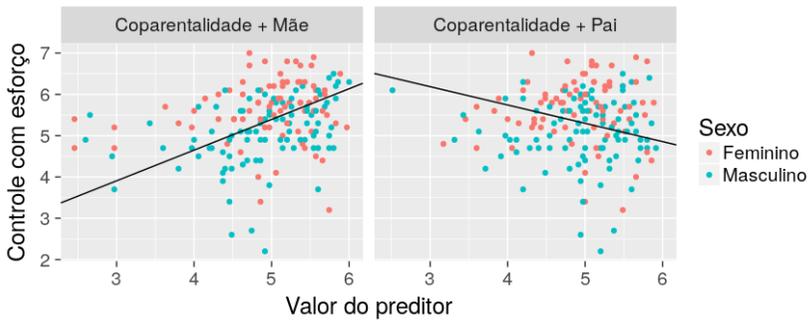
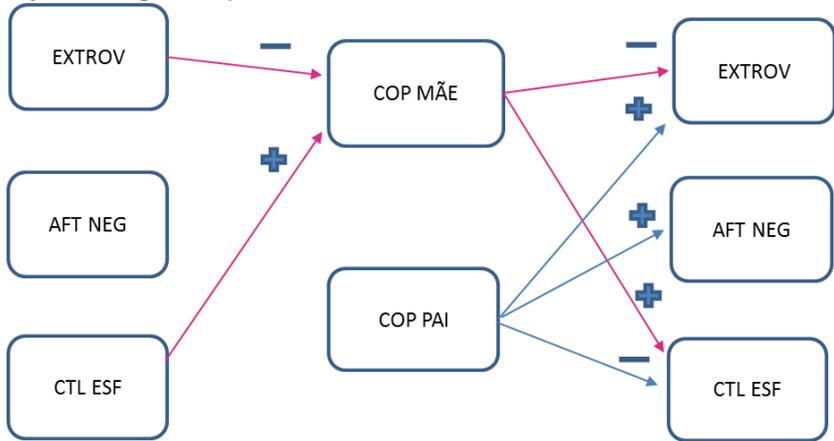


Figura 8 - Representação do modelo 1



Os valores de β indicam o tamanho do efeito daquela variável para prever o desfecho, ou seja, o quanto o desfecho varia em função do preditor. No modelo 1, sem moderação, com o temperamento como preditor, o controle com esforço apresenta coeficiente $\beta=0,47$ com nível de significância $p<0,05$ e a extroversão apresenta coeficiente $\beta=-0,16$ e $p<0,05$, ambos em relação à coparentalidade materna. Ou seja, controle com esforço é preditor da percepção da coparentalidade materna, de forma que maior controle com esforço indica aumento na coparentalidade positiva para mães. A extroversão é outra variável preditora, porém, quanto maior a extroversão há um decréscimo na coparentalidade positiva materna. Os fatores do temperamento não são preditores da percepção da coparentalidade paterna no modelo 1.

No modelo 1, com a coparentalidade como preditora, a coparentalidade materna apresenta coeficiente $\beta=-0,34$ e $p<0,05$ em relação a extroversão e $\beta=0,74$ e $p<0,05$ com controle com esforço. Assim, a coparentalidade da mãe prediz negativamente extroversão em crianças pré-escolares e positivamente controle com esforço. A coparentalidade paterna, por sua vez, mostra coeficiente $\beta=0,33$ com extroversão, $\beta=0,33$ em relação a afeto negativo e $\beta=-0,44$ com controle com esforço, todos com nível de significância $p<0,05$. A coparentalidade do pai é, então, preditora dos três fatores do temperamento, quanto mais positiva for a relação coparental para o pai, maior a extroversão e o afeto negativo e menor o controle com esforço.

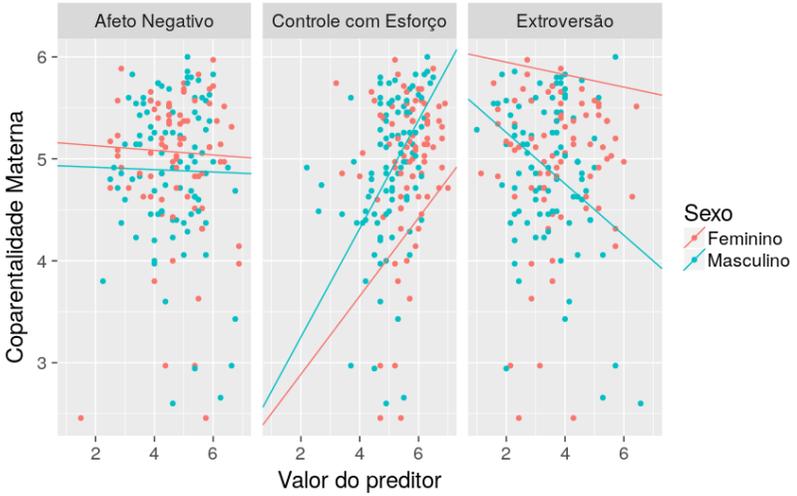
Tabela 16 - Modelo 2 preditivo com moderação do sexo da criança

Variáveis	Modelo 2 temperamento como preditor				Modelo 2 coparentalidade como preditor					
	Coparentalidade mãe		Coparentalidade pai		Extroversão		Afeto negativo		Controle com esforço	
	β	SE	B	SE	β	SE	β	SE	β	SE
Intercepto	3,12*	0,54	4,64*	0,49	5,51*	1	3,93*	0,97	3,56*	0,66
Extroversão	-0,25*	0,07	-0,15*	0,06						
Afeto negativo	-0,01	0,07	0,15*	0,06						
Controle com esforço	0,53*	0,09	0,02	0,08						
Sexo da criança	0,01	0,8	-0,08	0,73	-4,21*	1,48	0,5	1,44	0,63	0,98
Extroversão x sexo	0,19*	0,1	0,31*	0,09						
Afeto negativo x sexo	-0,01	0,1	-0,15	0,09						
Controle com esforço x sexo	-0,15	0,14	-0,07	0,12						
Coparentalidade mãe					-0,38 *	0,18	-0,39*	0,18	0,77*	0,12
Coparentalidade pai					-0,03	0,21	0,52*	0,2	-0,46*	0,14
Coparentalidade mãe x sexo					-0,02	0,28	0,39	0,27	-0,23	0,18
Coparentalidade pai x sexo					0,95*	0,33	-0,46	0,32	0,2	0,22
R ²	0,07		0,08		0,09		0,16		0,2	
R ² de McElroy					0,57					
Comparação entre os dois modelos					$\chi^2(17) = 35,28; p=0,006$					

*p<0,05

Figura 9 - Modelo preditivo da coparentalidade materna e paterna com moderação pelo sexo da criança

Modelo 2 para a coparentalidade materna



Modelo 2 para a coparentalidade paterna

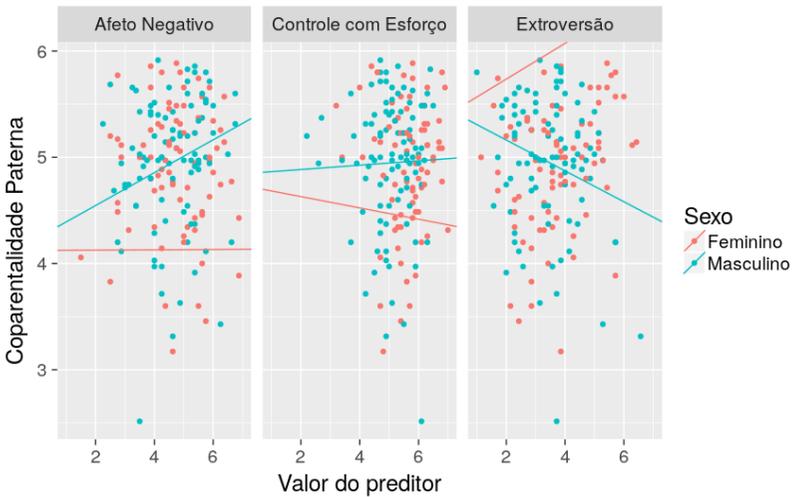
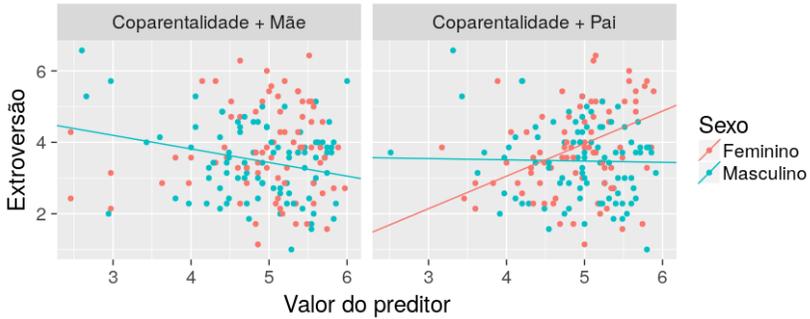
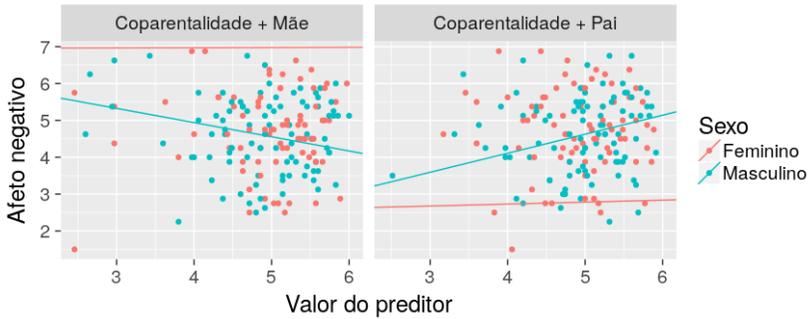


Figura 10 - Modelo preditivo dos fatores do temperamento com moderação pelo sexo da criança

Modelo 2 para a extroversão



Modelo 2 para o afeto negativo



Modelo 2 para o controle com esforço

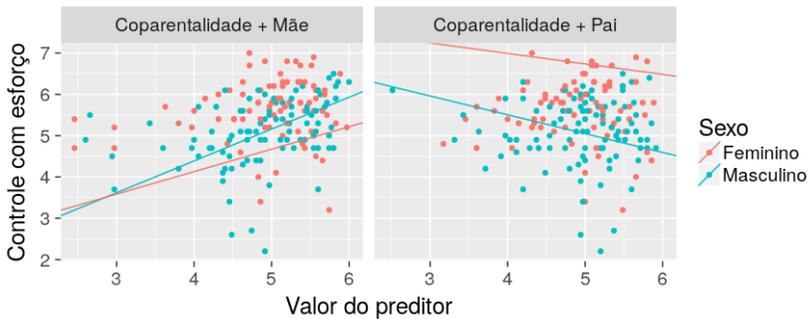


Figura 11 - Representação do modelo 2 em relação a crianças do sexo masculino

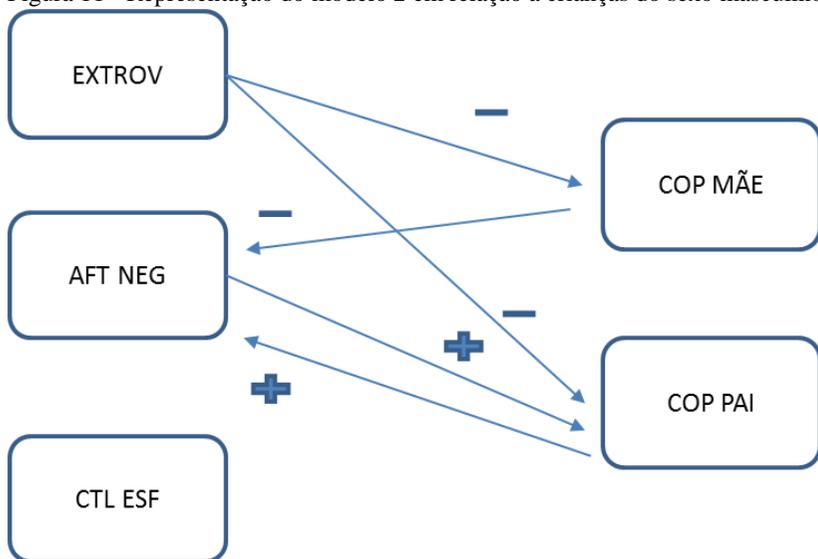
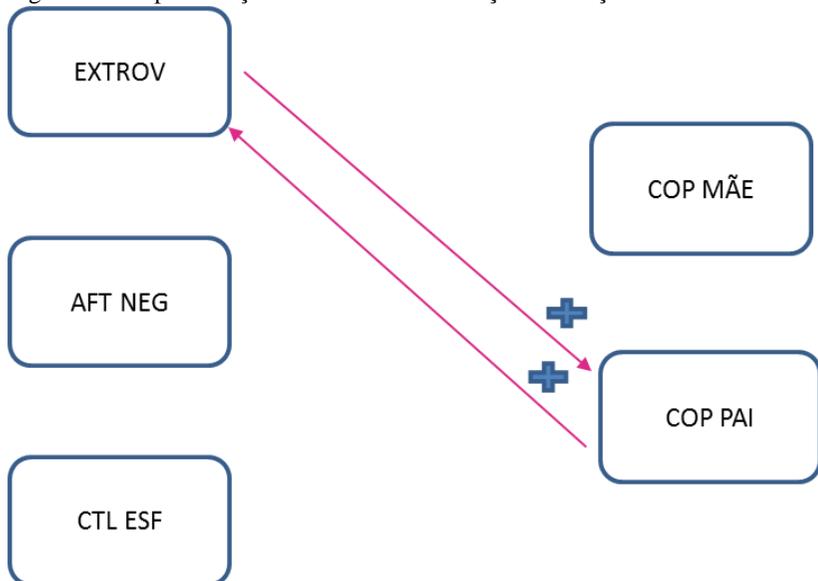


Figura 12 - Representação do modelo 2 em relação a crianças do sexo feminino



No modelo 2, com moderação e com o temperamento como preditor, os resultados mais significativos foram com o desfecho da coparentalidade paterna. O sexo da criança, interfere na relação entre extroversão e coparentalidade paterna e entre afeto negativo e coparentalidade paterna. No fator afeto negativo, o sexo da criança atenua o efeito sobre a coparentalidade paterna, pois para os meninos essa relação é positiva e o coeficiente para as meninas é zero ($\beta=0,15$ para meninos e $\beta= -0,15$ para a diferença entre meninos e meninas; $p<0,05$). Na extroversão, os valores ficam bem evidentes, o sexo da criança modifica visivelmente a relação com a coparentalidade paterna. Enquanto para meninos $\beta= -0,15$, a diferença entre meninos e meninas é de $\beta=0,31$ e $p<0,05$. Assim, para crianças do sexo feminino, o aumento da extroversão implica em um aumento na coparentalidade paterna. Em relação ao desfecho da coparentalidade materna, o efeito do fator extroversão é atenuado pelo sexo da criança. Coeficiente $\beta= -0,25$ para meninos e $\beta=0,19$ para a diferença entre meninos e meninas.

No modelo 2 com a coparentalidade como preditora, o efeito sobre o desfecho afeto negativo é atenuado pelo sexo da criança, tanto para mães como para pais. Para mães, $\beta= -0,39$ em relação a meninos e $\beta= 0,39$ para a diferença entre meninos e meninas com $p<0,05$. Para pais, $\beta=0,52$ com meninos e $\beta= -0,46$ para a diferença entre meninos e meninas com $p<0,05$. O sexo da criança também interfere na relação entre a coparentalidade paterna e a extroversão, com coeficiente $\beta= -0,03$ para meninos e $\beta= 0,95$ para a diferença entre meninos e meninas. Ou seja, quanto mais positiva a coparentalidade paterna, maior a extroversão para meninas, sendo que para os meninos, não foi identificada essa relação.

O R^2 refere-se à variância explicada pelo modelo e assim, indica qual deles tem o melhor ajuste para explicar os dados. O modelo com moderação apresentou melhor ajuste com $R^2=7\%$ para mães e $R^2=8\%$ para pais quando o preditor foi o temperamento e $R^2=9\%$ para extroversão, $R^2=16\%$ para afeto negativo, $R^2=20\%$ para controle com esforço com a coparentalidade como preditora. No modelo sem moderação os resultados foram $R^2=4\%$ para mães e $R^2=0\%$ para pais com o temperamento como preditor e $R^2=1\%$ para extroversão, $R^2=4\%$ para afeto negativo e $R^2=0\%$ para controle com esforço e a coparentalidade como preditora.

Apesar do ajuste razoavelmente fraco para as equações isoladas, o ajuste do sistema de equações é consideravelmente bom, ou seja, no modelo como um todo, $R^2=55\%$ no modelo sem moderação e passou para $R^2=57\%$ no modelo com moderação pelo sexo da criança. Ressalta-se ainda que a diferença entre os modelos é significativa [$\chi^2(17) = 35,28$; $p=0,006$], o que aponta para maior relevância do modelo com moderação.

A comparação entre os dois modelos foi obtida por meio do teste de razão de verossimilhança com teste de qui-quadrado.

7. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a relação entre o temperamento de crianças pré-escolares e a coparentalidade de mães e pais em famílias biparentais heteroafetivas. A literatura aponta que os fatores do temperamento são diferentes para meninos e meninas (Else-Quest et al., 2006; Consentino-Rocha & Linhares, 2013), bem como que há diferença nos desfechos da coparentalidade para pais e mães quando relacionados ao temperamento da criança (LeRoy, 2013; Burney & Leerkes, 2010; Kuo et al., 2017). Assim, buscou-se verificar se a variável sexo da criança modera a relação entre os fatores do temperamento e a coparentalidade de pais e mães. O método proposto, para responder ao objetivo principal e também aos específicos, incluiu estatísticas descritivas e inferenciais com cálculo de média, desvio padrão, frequência, teste *t*, correlação de Pearson e regressão linear múltipla para avaliação de moderação. Na sequência serão discutidos os resultados a partir dos objetivos descritos e das hipóteses.

Caracterização sociodemográfica

É importante considerar que os resultados dizem respeito a uma amostra predominantemente de família nuclear com mães e pais biológicos de todos os filhos, que estão juntos há 10 anos, com alto grau de escolaridade, jornada de trabalho formal de 30 a 40 horas semanais, renda média familiar acima de R\$ 7.500,00 e residentes na Grande Florianópolis. Embora a amostra de 170 famílias seja significativa em termos numéricos, ela representa uma população bem específica, principalmente em termos de nível de escolaridade e renda média familiar. A seleção da amostra por conveniência aliada a amostragem “bola de neve” facilita o acesso aos participantes, porém, como consequência tem-se uma população com características bastante parecidas.

Em relação a caracterização sociodemográfica das famílias, destaca-se que as mães tinham significativamente maior escolaridade que os pais, enquanto esses relataram maior jornada de trabalho formal semanal. Se a variável renda tivesse sido descrita para mães e pais individualmente, e não apenas a renda média familiar, seria possível verificar a associação entre as três variáveis. Dessa forma, sabe-se que mães estudam mais, trabalham menos horas semanais do que os pais e a renda individual dela pode ser maior, igual ou menor do que a do pai. Tradicionalmente, os pais trabalham mais horas semanais e também possuem renda mensal maior. A maior escolaridade da mãe aponta para um questionamento: será que estudando mais as mulheres conseguem um

status melhor no mercado de trabalho? Será que a renda delas é semelhante à dos homens?

Caracterização do temperamento da criança

H3 confirmada – houve diferença nas características do temperamento de meninos e meninas

A caracterização sociodemográfica apresenta o contexto dos dados analisados, que é de suma importância tendo em vista o pressuposto da complexidade. Além disso, o modelo do contexto, inserido no modelo transacional do desenvolvimento, integra vários sistemas (família, escola, comunidade, amigos) que influenciam direta ou indiretamente e de forma bidirecional o desenvolvimento da criança. O modelo da pessoa engloba a progressão das habilidades cognitiva, afetiva, social e integra também as características biológicas como idade, sexo e psicológicas como temperamento e estados emocionais (Sameroff, 2010). O temperamento da criança foi avaliado nesta pesquisa por meio das respostas das mães ao *very short* CBQ. Como resultado, tanto para meninos como para meninas, a média mais alta foi no fator controle com esforço, seguido de afeto negativo e extroversão. O controle com esforço diz respeito a capacidade da criança de focalizar a atenção, ao prazer de baixa intensidade e controle inibitório. Na idade pré-escolar, é esperado, principalmente em amostras não clínicas, que a criança já tenha desenvolvido a regulação cognitiva. Tal regulação envolve, essencialmente, os mecanismos de atenção e controle de impulsos do fator controle com esforço que estão relacionados a bom desempenho escolar e comportamento social apropriado (Linhares & Martins, 2015).

As meninas tiveram média maior do que os meninos nos três fatores do temperamento. Para o fator controle com esforço, houve diferença significativa entre as médias em favor das meninas, resultado que vai ao encontro dos dados apresentados por Else-Quest et al. (2006). A média maior em extroversão (impulsividade, prazer de alta intensidade, timidez), favorável às meninas, não teve diferença significativa em comparação com a média dos meninos. Contudo, é interessante destacar que outros estudos trabalharam, especificamente, com as dimensões do fator extroversão. Assim, enquanto nesta pesquisa não se tem os dados por dimensões, por ter sido aplicado o CBQ *very short*, a metanálise de Else-Quest et al. (2006) apontou que meninos apresentaram níveis mais altos nas dimensões nível de atividade, prazer de alta intensidade e impulsividade, e as meninas tiveram média maior em humor positivo e timidez do fator extroversão. Em relação ao afeto negativo, embora as meninas tenham obtido média mais alta, não houve diferença significativa

comparado com média dos meninos, assim como destacou Else Quest et al. (2006).

Caracterização da coparentalidade de pais e mães

H2 confirmada parcialmente - Haverá uma correlação positiva entre a coparentalidade de pais e mães em todas as dimensões exceto divisão do trabalho e sabotagem com diferenças para meninos e meninas

As características da criança, como o temperamento, influenciam e são influenciados pelos diferentes sistemas que compõe o modelo do contexto (Sameroff, 2010). O microsistema familiar é um desses sistemas (Bronfenbrenner, 1996) e nesta pesquisa é representada pela coparentalidade. A coparentalidade foi avaliada por mães e pais de forma positiva, ou seja, apresentaram médias mais altas nas dimensões apoio à parentalidade do parceiro, proximidade parental, suporte e concordância coparental. Dessa forma entende-se que a dupla coparental, em geral, tem desempenhado o papel que deles é esperado em relação ao modo como orientam, colocam regras e cuidam de seus filhos (Minuchin, 1982). A correlação positiva entre as respostas de mães e pais indicam semelhança na percepção deles sobre a relação coparental, e o sexo da criança pareceu não interferir na forma como mães e pai percebem a relação coparental. A avaliação positiva da coparentalidade nessa amostra pode ter relação com a forma de seleção dos participantes, pois para fazer parte da pesquisa, as famílias precisavam responder a carta convite, ou serem indicados por outros. Dessa forma, como era necessário que mãe e pai aceitassem e respondessem aos questionários, supõem-se de antemão um nível de acordo entre eles e que ambos teriam uma preocupação com a educação e o desenvolvimento dos filhos.

No entanto, nas especificidades das dimensões da coparentalidade, os resultados apontaram diferenças na coparentalidade de mães e pais e também em relação a meninos e meninas. As respostas de mães e pais não apresentaram relação significativa nas dimensões apoio à parentalidade do parceiro e divisão de trabalho. Tal dado indica que mães e pais têm percepções diferentes do apoio à parentalidade do parceiro, sendo que os pais avaliam de forma significativamente mais positiva a parentalidade da parceira. Pais em geral são mais satisfeitos com a coparentalidade do que as mães, embora as respostas de ambos sejam parecidas (Van Egeren, 2004; Lindsey & Caldera, 2005).

Os entendimentos diferentes de mães e pais na divisão das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, sugerem refletir sobre a disponibilidade do pai para se envolver nos afazeres da casa, bem como sobre o conceito de *maternal gatekeeping*. Esse conceito envolve questões

culturais e abarca as crenças e comportamentos da mãe em relação aos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos. Tais crenças influenciam na forma como a mãe intervém na possibilidade ou não do pai envolver-se com a criança e com as tarefas (Allen & Hawkins, 1999; Cannon, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown, & Sokolowski, 2008; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008). O fato das mães terem uma jornada de trabalho menor do que a jornada de trabalho do pai é o outro aspecto que pode contribuir, principalmente se as mães tiverem crenças tradicionais de gênero (LeRoy, 2013).

Outra dimensão que também pode ser relacionada ao *maternal gatekeeping* é a sabotagem ao papel coparental. Apesar da média da dimensão sabotagem ser baixa, principalmente se comparado às outras dimensões, destaca-se que pais relataram significativamente mais sabotagem do que as mães. Tal resultado vai ao encontro da definição de *maternal gatekeeping*, por entender que as mães, em função de suas crenças e valores tradicionais, acabam por depreciar as atitudes do parceiro e isso gera reflexos não apenas na relação coparental, mas também na relação do pai com os filhos. Uma relação coparental positiva e cooperativa é um forte preditor de um envolvimento paterno adequado (Schoppe-Sullivan et al, 2008)

Ao mesmo tempo em que pais reportaram significativamente mais sabotagem e mais conflito, eles também relataram mais suporte. As mães, por sua vez, relataram significativamente mais concordância na coparentalidade do que os pais. Estudos que avaliaram diferenças na coparentalidade de mães e pais apontaram aspectos semelhantes. Um deles relatou que pais apresentaram mais coparentalidade de suporte do que mães (Lindsey & Caldera, 2005). Outro estudo não apontou diferença no conflito coparental entre mães e pais, porém, quando tinham uma criança com temperamento difícil, mães engajavam-se mais em conflito segundo o relato dos pais (Kuo et al., 2017).

Quando inserido o sexo da criança para identificar diferenças na coparentalidade de mães e pais, duas comparações foram realizadas. A primeira comparou as médias de meninos e meninas para mães e, em seguida, para pais e a segunda comparou mães e pais de meninos e, na sequência, de meninas. As dimensões da coparentalidade não apresentaram diferenças significativas quando comparadas as médias para pais de meninos e meninas. Da mesma forma para as mães, exceto para a dimensão concordância que foi maior para mães de meninas do que para mães de meninos.

Famílias de meninos apresentam características diferentes das famílias de meninas no que tange as dimensões da coparentalidade. Em

famílias de meninos, mães e pais avaliam a dimensão proximidade parental de forma distinta. Apenas a dimensão apoio à parentalidade do parceiro apresentou diferença significativa para famílias de meninos, sendo que a média maior foi dos pais. No que tange a coparentalidade de pais e mães de meninas, as dimensões concordância e sabotagem apresentaram diferença significativa na comparação das médias para famílias de meninas. As mães reportaram mais concordância e os pais mais sabotagem. Esse resultado direciona novamente para o *maternal gatekeeping* e possibilita criar a hipótese de que por se tratar de meninas, os pais aceitariam posicionamentos das mães sem questioná-las, o que para as mães significaria maior concordância na relação coparental, contudo a percepção deles seria de estarem sendo sabotados, prejudicados no papel de pais.

Os achados na literatura não são conclusivos em relação às diferenças na coparentalidade quando se trata de famílias de meninos ou meninas. O estudo de Lindsey e Caldera (2005) não apontou efeito do sexo da criança quando relacionado com coparentalidade de suporte, no entanto, relatou interferência quando analisou a coparentalidade intrusiva. Mães de meninas eram mais intrusivas do que mães de meninos, e mães com um filho são mais intrusivas do que aquelas com dois ou mais filhos (Lindsey & Caldera, 2005). Pais e mães de meninas reportaram mais suporte na coparentalidade do que pais e mães de meninos (Davis et al., 2009) e os pais tiveram mais comportamentos de coparentalidade insuficiente (indiferença, competição) do que as mães em famílias de meninas (LeRoy, 2013).

Predição dos fatores do temperamento da criança na coparentalidade de pais e mães

Predição da coparentalidade de pais e mães nos fatores do temperamento da criança

H1 - Confirmada - Relação bidirecional e recursiva entre temperamento e coparentalidade

H4 - Confirmada parcialmente - O controle com esforço estará relacionado positivamente com a coparentalidade de pais e mães. O afeto negativo e a extroversão terão uma relação negativa com a coparentalidade de pais e mães

A H1 da pesquisa versa sobre a relação bidirecional e recursiva entre temperamento e coparentalidade. Tal hipótese fora sustentada pela Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff, 2010) e pela Teoria Estrutural (Minuchin, 1982). Na Teoria Unificada, a coparentalidade faz parte do modelo do contexto que influencia e é influenciada pela criança

em desenvolvimento e suas características, dentre elas, o temperamento. Para Minuchin (1982), os subsistemas, representados neste estudo pelo subsistema parental/executivo (coparentalidade) e pelo subsistema da criança, são interdependentes e inter-relacionados e influenciam os outros subsistemas. Conforme já explicitado no método, a natureza dos dados deste estudo, não permite a inferência de causalidade. Ressalta-se que estudos que afirmaram a bidirecionalidade da influência entre temperamento e coparentalidade (Davis et al, 2009; LeRoy, 2013; Song & Volling, 2015) tinham recorte longitudinal, o que possibilita, em certa medida, inferir a causalidade (Kline, 2016). No entanto, os modelos propostos mediram simultaneamente temperamento e coparentalidade, ora como preditor, ora como desfecho, sendo o modelo 1 sem moderação pelo sexo da criança e o modelo 2 com moderação pelo sexo da criança. Na sequência será discutida a compreensão de como esses modelos confirmaram a H1 e, parcialmente a H4.

No primeiro modelo, sem moderação do sexo da criança, os fatores do temperamento foram preditores apenas da coparentalidade materna. A extroversão de forma negativa, criança com níveis mais altos de atividade, impulsividade, prazer de alta intensidade prediz níveis mais baixos de coparentalidade positiva materna. O controle com esforço, por sua vez, positivamente, criança com mais facilidade em se concentrar em uma tarefa, que se diverte em atividades com baixa intensidade contribui para o aumento na coparentalidade positiva para mães.

Supõe-se que a criança com níveis mais altos em extroversão influencia negativamente a coparentalidade da mãe por ser mais ativa, impulsiva e com isso exige mais atenção da mãe, que por sua vez pode entrar mais em conflito e discordância com o pai, ter menos suporte por não concordarem em termos de educação e cuidado com os filhos. A mãe pode ter mais dificuldade na relação com filhos mais ativos, impulsivos e o pai mais facilidade, por se identificar mais com essas características. Crianças do sexo masculino apresentam níveis mais altos em extroversão (Else-Quest et al., 2006), considerando uma certa constância nas características do temperamento, presume-se que os pais tenham mais extroversão e por isso se identificam, o que interfere menos na relação coparental para o pai.

Seguindo o mesmo raciocínio da manutenção de certas características do temperamento, como crianças do sexo feminino apresentam níveis mais altos em controle com esforço (Else-Quest et al., 2006), as mães se identificariam e teriam mais facilidade com crianças que apresentam maior controle com esforço. Elas também são crianças mais calmas, com mais facilidade em focar em uma tarefa e controlar

impulsos. Por exigirem menos da mãe e do pai, supõe-se que seja mais fácil entrarem em acordo, apoiarem um ao outro.

Enquanto os fatores do temperamento foram preditores da coparentalidade materna, não houve relação significativa com a coparentalidade paterna. Esse resultado contraria os estudos de Gordon e Feldman (2008) e Van Egeren (2004) que apontam o temperamento como preditor da coparentalidade paterna. Com dados desta pesquisa, entende-se que mães, em sua relação coparental, são mais afetadas e sensíveis às características do temperamento da criança do que o pai. Um dos motivos de serem mais sensíveis, seria pelo fato de terem uma carga de trabalho menor, conforme mencionado a respeito dessa amostra, e passarem mais tempo com a criança. Além do maior tempo juntos, as mães tendem a assumir mais tarefas de cuidado com a criança, o que as deixam mais próximas e influenciáveis pelas características dos filhos (Feinberg, 2003).

Embora não tenha havido predição dos fatores do temperamento para a coparentalidade paterna, quando a coparentalidade do pai foi preditora, apresentou relação positiva e significativa com extroversão e com afeto negativo. Com o controle com esforço, a relação foi negativa. Portanto, coparentalidade paterna com maior suporte, acordo, menos conflito e sabotagem sugere maior extroversão, mais afeto negativo e menos controle com esforço, indo de encontro a H4. A partir dos resultados obtidos, pode-se entender que pais que percebem sua relação coparental de forma mais positiva, não se sentem sabotados em seu papel parental (*maternal gatekeeping*) e isso os aproxima mais das crianças. Essas, por incentivo dos pais, se engajam em mais atividades e com maior intensidade (extroversão), bem como, lhes é permitido expressar a raiva/frustração, medo, tristeza (afeto negativo) por saberem que serão acolhidos. Importante lembrar que foi analisada a percepção da mãe a respeito do temperamento da criança, o que pode ter contribuído para esses resultados.

A relação negativa da coparentalidade paterna com controle com esforço é difícil de ser explicada. Contrariamente, dois estudos indicaram relações positivas entre as duas variáveis. No estudo de Schoppe-Sullivan et al. (2009), a coparentalidade moderou a relação entre controle com esforço e comportamento externalizante, ou seja, quando os pais mostraram altos níveis de comportamento coparental de apoio, a relação entre baixo controle com esforço e comportamento externalizante não foi observado, o que denota a importância da qualidade da relação coparental para os desfechos adaptativos. O estudo de Karreman et al. (2008) apontou a coparentalidade como preditor do controle com esforço, e que

a relação coparental contribui mais para esse fator do temperamento do que a parentalidade materna e paterna.

A H4 foi parcialmente confirmada com a coparentalidade materna como preditora, pois indicou mais controle com esforço e menor extroversão, o afeto negativo não apresentou relação significativa. Quando a relação coparental para a mãe, é pautada em mais suporte, acordo, proximidade parental, menos sabotagem e menos conflito, a criança apresenta menos características de impulsividade, atividades menos intensas (extroversão), bem como tem mais facilidade para focar em uma atividade, diverte-se com brincadeiras menos complexas (controle com esforço).

Evidencia-se que os resultados para coparentalidade materna como preditora diferiram dos da coparentalidade paterna como preditora. Diferenças na forma como a coparentalidade de mães e a coparentalidade de pais se relacionam com o temperamento da criança são relatadas nos estudos de Burney & Leerkes (2010), Gordon e Feldman (2008), Kuo et al (2017), LeRoy (2013), Van Egeren (2004). O estudo de Burney & Leerkes (2010), por exemplo, indica que para mães, a divisão de tarefas familiares e o bebê ser facilmente acalmado interferia na percepção delas sobre a reatividade do bebê e a coparentalidade. Para os pais, a coparentalidade negativa apareceu quando o bebê era mais reativo. No estudo de Kuo et al. (2017), mães se engajaram em mais conflitos coparentais quando seus filhos tinham temperamentos difíceis. Porém, o conflito coparental de pais pareceu não ser afetado pelo temperamento da criança (de acordo com mães).

Destaca-se que a coparentalidade materna, tanto como desfecho como quando preditora, está relacionada positivamente com controle com esforço e negativamente com extroversão. Esses dados confirmam parcialmente a H4 e indicam evidências da bidirecionalidade da influência entre temperamento e coparentalidade, confirmando H1. A coparentalidade paterna apresentou resultados diferentes como desfecho e como preditor. Quando esteve como desfecho não apresentou significância, sugerindo não ser preditivo do temperamento, no entanto, presume-se que influencia as características do temperamento da criança. Dessa forma, a coparentalidade do pai como variável contextual, com função de correção (Sameroff, 2010), parece ter uma força⁹ maior nessa relação.

⁹ Não foram feitos cálculos de magnitude para corroborar essa afirmação. Ela é uma suposição a partir dos dados disponíveis.

Interferência do sexo da criança na relação entre os fatores do temperamento da criança e a coparentalidade de pais e mães.

H1 - Confirmada - Relação bidirecional entre temperamento e coparentalidade

H5 – Confirmada - O sexo da criança moderou a relação entre os fatores do temperamento e a coparentalidade de pais e mães

O modelo 2, com moderação do sexo da criança, buscou identificar se o fato de ser menino ou menina interfere no desfecho da coparentalidade a partir do temperamento da criança, bem como no desfecho do temperamento com a coparentalidade como preditora. Com o temperamento como preditor, e a coparentalidade materna como desfecho, o único resultado significativo foi em relação a extroversão. O menino com características de mais impulsividade, maior nível de atividade relaciona-se negativamente com a coparentalidade materna, no entanto, esse efeito é próximo a zero, quando se refere a meninas. Supõe-se que mães podem esperar mais dos pais quando o menino apresenta características de temperamento difícil e isso, por consequência gerar mais conflito, discordâncias e menos apoio mútuo. Já com as meninas, a identificação com o mesmo sexo pode levar as mães a assumir mais os cuidados, não esperar tanto do companheiro, o que pode colaborar para não interferência da extroversão na coparentalidade. Papali, Olds & Feldman (2001) sugerem que a partir da idade pré-escolar, meninos agem de forma mais agressivas do que as meninas e essas costumam ser mais empáticas, colaborativas e buscam mais a aprovação do adulto. Por mais que as meninas apresentem na amostra uma média maior do que as dos meninos em extroversão, hipotetiza-se que elas tenham se destacado em subdimensões diferentes das dos meninos.

Os pais, que no modelo anterior, não eram afetados pelas características do temperamento da criança, no modelo 2 apresentam resultados significativos para a coparentalidade paterna como desfecho. O sexo da criança interfere na relação entre extroversão e coparentalidade paterna e entre afeto negativo e coparentalidade paterna. Em relação a extroversão, o sexo da criança modifica visivelmente a relação com a coparentalidade paterna. Ou seja, enquanto para meninos as características nível de atividade, impulsividade, prazer de alta intensidade implicam em menor coparentalidade positiva, para as meninas, essas características indicam um aumento na coparentalidade paterna. Assim como para as mães, maior extroversão em meninos prediz diminuição da coparentalidade paterna positiva, o que denota uma correlação entre as respostas de mães e pais e indica que meninos mais

impulsivos, com maior nível de atividade interferem na qualidade da relação coparental. O resultado inverso para as meninas faz supor que as mães não esperam tanto dos pais, como descrito antes, mas também que as meninas com características mais acentuadas em extroversão busquem mais os pais por se identificarem com atividades mais intensas. Sentir-se mais próximo a filha pode favorecer que a coparentalidade na percepção dos pais seja pautada por apoio mútuo, acordos, menor conflito e sabotagem.

O afeto negativo (raiva/frustração, tristeza e medo) como preditor em meninos, sugere aumento na coparentalidade paterna positiva, e para as meninas, essa relação não foi significativa. Presume-se que essas características em meninos aproximem os pais no cuidado pelo fato das mães buscarem esse suporte pela dificuldade em lidar com a raiva, o medo. A identificação com o mesmo sexo, no caso dos pais e meninos, pode favorecer que eles se envolvam mais e que as mães os apoiem e entrem em acordo com facilidade. Com a menina não há a interferência.

Com a coparentalidade como preditora, o efeito sobre o afeto negativo é atenuado pelo sexo da criança, tanto para mães como para pais. Coparentalidade materna positiva prediz diminuição do medo, raiva/frustração e tristeza para os meninos e para as meninas essa relação é praticamente zero. Novamente, a coparentalidade materna não interfere no temperamento em crianças do sexo feminino. No entanto, com os meninos, a qualidade da relação coparental apresenta um importante papel como correguladora (Sameroff, 2010), considerando principalmente os processos regulatórios do medo. A coparentalidade paterna positiva prediz maiores níveis de afeto negativo em meninos, e para as meninas o efeito da coparentalidade é praticamente zero. Esse resultado vai de encontro a H4 e hipotetiza-se a bidirecionalidade já que o afeto negativo também prediz positivamente a coparentalidade paterna.

O sexo da criança também interfere na relação entre a coparentalidade paterna e a extroversão. Ou seja, quanto mais positiva a coparentalidade paterna, maior a extroversão para meninas, sendo que para os meninos, não foi identificada essa relação. Coparentalidade com mais suporte, acordo, menos conflito e sabotagem prediz aumento nas características de prazer de alta intensidade, maior nível de atividade, impulsividade em meninas. As meninas podem sentir-se próximas ao pai, por não haver sabotagem da mãe e ter a sensação de maior segurança por perceber uma relação de apoio mútuo entre os pais. Essa aproximação pode incentivar as meninas a buscar atividades mais intensas e complexas.

Diferentemente do modelo anterior, quando as relações entre coparentalidade materna e temperamento apontaram indícios de relações

bidirecionais, no modelo 2, a bidirecionalidade pode ser atribuída às relações entre coparentalidade paterna e os fatores extroversão e afeto negativo do temperamento da criança. A relação foi significativa e positiva entre extroversão e coparentalidade paterna quando dizia respeito às meninas e negativa para os meninos, já com o afeto negativo, a coparentalidade paterna apontou relação significativa e positiva com os meninos, e não apresentou influência com meninas. Com a coparentalidade materna como desfecho, a relação foi negativa e significativa com extroversão em meninos. Quando preditora, a coparentalidade materna relacionou negativamente com afeto negativo e apenas os meninos apresentaram relações significativas com a relação coparental reportada por mães.

Esses resultados apontam que meninos e meninas afetam de forma diferente a relação entre o temperamento e a coparentalidade de mães e pais, confirmando a hipótese 5. Os dados indicaram que as características do temperamento dos meninos influenciam mais do que as meninas a coparentalidade de mães e pais, da mesma forma a coparentalidade parecer ter um efeito diferente para meninos e meninas. Feinberg (2003) quando destaca o sexo da criança como moderador da coparentalidade e dos desfechos do desenvolvimento infantil, aponta também que pais tendem a investir mais em meninos do que em meninas, o investimento das mães é semelhante para ambos os sexos, e quando há conflito a triangulação é mais comum com meninos.

Embora o estudo de LeRoy (2013) tenha encontrado relações entre temperamento e coparentalidade e diferenças na percepção de pais e mães sobre o temperamento, o sexo da criança não moderou a relação como esperado. Destaca-se que a análise foi apenas com a dimensão suporte/sabotagem da coparentalidade. Na presente pesquisa, o sexo da criança não apenas pode ser considerado um moderador, mas na comparação entre os dois modelos, o modelo com moderação do sexo da criança teve melhor ajuste, com diferença significativa entre os dois modelos. Tal dado sugere a relevância de se ter incluído o sexo da criança como moderador, o que possibilitou resultados mais robustos e importantes para o estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principais conclusões e considerações

Essa pesquisa propôs-se investigar a relação entre temperamento de meninos e meninas e a coparentalidade de pais e mães com amparo teórico da Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff, 2010) e a Teoria Estrutural (Minuchin, 1989). As conclusões advindas dos resultados versam, essencialmente, sobre dois pontos: a relação bidirecional e recursiva entre temperamento de crianças pré-escolares e coparentalidade de mães e pais e as diferenças de gênero.

Conforme explicitado, não se tinha a intenção de provar empiricamente a direção bidirecional de causalidade, até porque os dados transversais não permitem isso. Entretanto, o modelo com ambas as variáveis como preditoras e desfechos associado ao referencial teórico utilizado possibilita concluir que temperamento e coparentalidade influenciam-se mutuamente. O temperamento, enquanto característica individual constitucional da criança, mas que também é processual sofrendo interferência do meio e da experiência, engloba grande parte do processo de autorregulação. O processo autorregulatório evolui individualmente e com a interferência dos correguladores (Sameroff, 2010), dentre eles as relações coparentais.

A chegada de uma criança à família acarreta uma suposta desestabilização no sistema, que precisa se adaptar com a chegada da mesma. A criança ora idealizada é diferente da real e o casal precisa se adequar àquela criança que nasce com características próprias (Carter & McGoldrick, 1995), dentre elas o temperamento. Na idade pré-escolar espera-se que os processos regulatórios que envolvem, principalmente, o controle inibitório e o medo já estejam desenvolvidos e que a relação coparental já tenha superado a fase de transição para a coparentalidade, quando se trata do primeiro filho. Ou seja, a relação coparental enquanto parte do processo autorregulatório é fundamental desde a tenra idade.

Desde o nascimento, a criança “provoca” nos pais sentimentos, reações e estes, por sua vez respondem a ela a partir da sua própria vivência, personalidade, história de vida. A criança se desenvolve e com ela se desenvolvem também os pais e as relações entre os subsistemas (mãe-criança, pai-criança, mãe pai-criança) (Minuchin, 1989), uma mudança em um, gera mudança no outro e assim crescem juntos (causalidade recursiva).

A teoria pode ser, de certa forma, demonstrada com os dados empíricos que mostraram relações significativas com o temperamento

enquanto preditor e a coparentalidade como desfecho e também o inverso. Entretanto, houve diferenças nos resultados para mães e pais. A bidirecionalidade pareceu mais evidente com o temperamento e a coparentalidade materna no modelo 1 e no modelo 2 com o temperamento e a coparentalidade paterna, sugerindo que mães e pais são afetados de forma diferente pelo temperamento da criança, bem como que a percepção da relação coparental para mães e pais afetam a criança de modo distinto.

Entende-se que as crenças de gênero da mãe e do pai influenciam na forma como eles entendem e agem com o companheiro/a e também com os filhos/as, se forem igualitárias tendem a ser mais cooperativos, se forem tradicionais espera-se mais conflito (Kuo et al., 2018). As diferenças de gênero apareceram também nas especificidades dos fatores do temperamento, com diferença significativa no fator controle com esforço em favor das meninas, corroborando em parte o estudo de Else-Quest et al. (2006).

Além disso, conforme hipotetizado, o sexo da criança moderou a relação entre coparentalidade de mães e pais e o temperamento de pré-escolares. As diferenças entre meninos e meninas ocorreram com as dimensões afeto negativo e extroversão. A extroversão em meninos prediz negativamente a coparentalidade de mães e pais. No entanto, para as mães, quando se trata de meninas essa relação deixa de existir. Contrariamente, para os pais de meninas essa relação passa a ser positiva e é também verdadeira quando a coparentalidade do pai é preditora. No que tange ao afeto negativo em meninos, ele prediz positivamente a coparentalidade paterna e para as meninas e a coparentalidade materna não aparece essa relação. O afeto negativo quando é desfecho relaciona-se positivamente com a coparentalidade paterna e negativamente com a coparentalidade materna e não há interferência quando diz respeito às meninas. Tais resultados apontam para a importância dos estudos sobre diferenças e crenças de gênero e as implicações delas no desenvolvimento infantil e nas relações familiares.

Implicações para a prática

A prática clínica com famílias, crianças e grupos de pais precisa ser nutrida não só pela teoria, mas também pelos resultados de pesquisas que envolvam essas temáticas. Os resultados aqui apresentados chamam a atenção para a importância do psicólogo, que trabalha com famílias, avaliar a qualidade da relação coparental, bem como auxiliar mães e pais a perceberem que os acordos, o suporte, o apoio à parentalidade do parceiro são fundamentais para o desenvolvimento dos filhos. De outra forma, poderá ajudar mães e pais a compreenderem que os filhos são

diferentes, reagem de maneira distinta e, por vezes, exigem que os entendam de forma diferente.

Estar atento para as diferenças entre meninos e meninas e como pais e mães agem em relação a eles é outro ponto relevante. Cuidar para não acentuar estereótipos de gênero, mas sim contribuir para formas mais igualitárias, respeitando as diferenças e crenças familiares, pois sabe-se que isto refletirá nas relações familiares futuras. Ressalta-se que os resultados da pesquisa descrevem o que diz respeito a maior parte da amostra, no entanto, entende-se que existem especificidades e que é fundamental observar a existência delas, avaliar e trabalhar sem julgamentos prévios.

Limitações e estudos futuros

A amostra de estudo foi predominantemente de famílias com alta escolaridade, renda média familiar elevada com um ou dois filhos. O fato de ter sido utilizado a amostragem “bola de neve” colaborou para as características das famílias serem semelhantes. Supõe-se que os resultados poderiam ser diferentes se incluíssem um número maior de famílias com baixa escolaridade, baixa renda e maior número de filhos.

Outra limitação foi em relação ao CBQ ter sido respondido somente por mães. Apesar das respostas de mães e pais estarem, em geral, correlacionados (Schmidt, 2012), reconhece-se a importância de se considerar a percepção dos pais a respeito do temperamento da criança. Fica a dúvida se os resultados, principalmente da análise de moderação pelo sexo, seriam diferentes se comparados a partir das respostas dos pais.

Em relação a bidirecionalidade, o fato de se tratar de um estudo transversal limita a afirmação dessa hipótese, que poderia ser evidenciada caso o estudo fosse longitudinal. Outro cálculo possível e que não foi efetuado é o da magnitude, tal dado pode indicar a força da relação, sugerindo qual das variáveis teria maior influência sobre a outra.

A partir dessas considerações, indica-se a realização de estudos longitudinais com a população brasileira e amostras que incluam famílias com diferentes níveis de escolaridade e renda, configurações familiares diferentes, crianças com desenvolvimento atípico, bem como amostras clínicas. Além disso, associar outras variáveis como o envolvimento parental, o comportamento da criança e o relacionamento conjugal contribuiriam para enriquecer as pesquisas no Brasil que abordam as relações familiares e o desenvolvimento infantil. Isso, sem esquecer a importância dos estudos de gênero, conforme apontado anteriormente.

As pesquisas mostram-se ainda mais interessantes quando podem ser vinculadas à prática, ou então, quando instruem formas de melhor

fazê-las. Nesse sentido, estudos com famílias em terapia familiar, com crianças em atendimento clínico e famílias participantes de grupo de pais são núcleos a serem explorados, a fim de verificar a efetividade das ações. Ressalta-se a importância não só das pesquisas quantitativas, mas também das abordagens qualitativas, visando principalmente as especificidades das famílias.

REFERÊNCIAS

- Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, *61*, 199–212.
- Belsky, J., Putnam, S., & Crnic, K. (1996). Coparenting, parenting, and early emotional development. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *1996(74)*, 45-55. doi:10.1002/cd.23219967405
- Böing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Boričević Maršanić, V., & Kušmić, E. (2013). Coparenting within the family system: Review of literature. *Collegium antropologicum*, *37(4)*, 1379-1384.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas, Porto Alegre.
- Burney, R. V. (2010). *Links Between Temperament and Coparenting: The Moderating Role of Family Characteristics*. (Doctoral Dissertation, University of North Carolina, Greensboro). Available from ProQuest Dissertation and Thesis. (UMI Number: 3434127)
- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior and Development*, *33(2)*, 125-135.
- Cannon, E. A., Schoppe- Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Sokolowski, S. M. (2008). Parent characteristics as antecedents of maternal gatekeeping and fathering behavior. *Family Process*, *47(4)*, 501-519.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Carvalho, T. R., & Barham, E. J. (2016). Instrumentos para avaliar a coparentalidade: uma comparação de suas propriedades psicométricas. *Avaliação Psicológica*, *15(2)*, 207-215. doi: 10.15689/ap.2016.1502.09

Carvalho, T. R., Barham, E. J., Souza, C. D. de, Böing, E., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018 - in press). Adaptação Transcultural de um Instrumento para Avaliar a Coparentalidade: Coparenting Relationship Scale. *PSICO-USF*, 23(2), no prelo.

Cheng, S., Maeda, T., Tomiwa, K., Yamakawa, N., Koeda, T., Kawai, M., ... Yamagata, Z. (2009). Contribution of parenting factors to the developmental attainment of 9-month-old infants: results from the Japan Children's Study. *Journal of Epidemiology / Japan Epidemiological Association*, 19(6), 319–327. doi:[10.2188/jea.JE20081014](https://doi.org/10.2188/jea.JE20081014)

Consentino-Rocha, L., & Linhares, M. B. M. (2013). Temperamento de crianças e diferenças de gênero. *Paidéia*, 23(54), 63. doi:10.1590/1982-43272354201308

Cook, J. C., Schoppe-Sullivan, S. J., Buckley, C. K., & Davis, E. F. (2009). Are some children harder to coparent than others? Children's negative emotionality and coparenting relationship quality. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 606.

Cowan, P. A., & McHale, J. P. (1996). Coparenting in a family context: Emerging achievements, current dilemmas, and future directions. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 1996(74), 93-106.

Davis, E. F., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Brown, G. L. (2009). The role of infant temperament in stability and change in coparenting across the first year of life. *Parenting: Science and Practice*, 9(1-2), 143-159.

Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Ed.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artes Médicas.

Else-Quest, N. M., Hyde, J. S., Goldsmith, H. H., & Van Hulle, C. A. (2006). Gender differences in temperament: a meta-analysis. *Psychological bulletin*, 132(1), 33.

Favez, N., Frascarolo, F., Lavanchy Scaiola, C., & Corboz-Warnery, A. (2013). Prenatal representations of family in parents and coparental interactions as predictors of triadic interactions during infancy. *Infant Mental Health Journal*, 34(1), 25–36. doi:10.1002/imhj.21372

Favez, N., Tissot, H., & Frascarolo, F. (2016). Parents representations of mother's child and father's child relationships as predictors of early

coparenting interactions. *Journal of Family Studies*, 1–15.
doi:10.1080/13229400.2016.1230511

Feinberg, M. E. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: a

Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173-195.

Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12(1), 1-21.

Feinberg, M. E., Jones, D. E., Hostetler, M. L., Roettger, M. E., Paul, I. M., & Ehrenthal, D. B. (2016). Couple-Focused Prevention at the Transition to Parenthood, a Randomized Trial: Effects on Coparenting, Parenting, Family Violence, and Parent and Child Adjustment. *Preventive Science*, 17(6), 751-764. doi: 10.1007/s11121-016-0674-z

Frizzo, G. B.; Kreutz, C. M.; Schmidt, C.; Piccinini, C. A.; & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 15(3), 84-93.

Galdiolo, S., & Roskam, I. (2016). From me to us: the construction of family alliance. *Infant mental health journal*, 37(1), 29-44.

Gordon, I., & Feldman, R. (2008). Synchrony in the triad: A microlevel process model of coparenting and parent- child interactions. *Family Process*, 47(4), 465-479. doi: 10.1111/j.1545-5300.2008.00266.x

Gracioli, S. M. A., & Linhares, M. B. M. (2014). Temperamento e sua relação com problemas emocionais e de comportamento em pré-escolares. [Temperament related to emotional and behavioral problems in preschool.]. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 71–80. doi:10.1590/1413-7372189590007

Henningsen, A. & Hamann, J. D. (2007). Systemfit: A Package for Estimating Systems of Simultaneous Equations in R. *Journal of Statistical Software* 23(4), 1-40.

- Karreman, A., Van Tuijl, C., Van Aken, M. A., & Deković, M. (2008). Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 30.
- Kim, B. R., & Teti, D. M. (2014). Maternal emotional availability during infant bedtime: An ecological framework. *Journal of Family Psychology*, 28(1), 1-11. doi:10.1037/a0035157
- Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling*. 4 ed. New York: Guilford Press.
- Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2013). Coparenting moderates the association between firstborn children's temperament and problem behavior across the transition to siblinghood. *Journal of family psychology*, 27(3), 355.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2005). *Tradução do Children's Behavior Questionnaire – very short form*. <http://www.bowdoin.edu/~sputnam/rothbart-temperamentquestionnaires/>.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 821-829.
- Klein, V. C. (2009). *Reatividade à dor, temperamento e comportamento na trajetória de desenvolvimento de neonatos pré-termo até a fase pré-escolar*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Kuo, P. X., Volling, B. L., Gonzalez, R. (2017). His , hers , or theirs ? Coparenting after the birth of a second child. *Journal of Family Psychology*, 31(6), 710-720. doi: [10.1037/fam0000321](https://doi.org/10.1037/fam0000321)
- Lamela, D.; Nunes-Costa, R. & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicol. Estud.* 15(1), 205-2016.
- Laxman, D. J., Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Rossmiller-Giesing, W., Brown, G. L., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: The role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior and Development*, 36(2), 210-222.
- LeRoy, M. (2013). *Predictors of coparenting: Infant temperament, infant gender, and hostile-reactive parenting*. (Doctoral Dissertation, Bowling Green State University, Ohio). Available from ProQuest Dissertation and Thesis. (UMI Number: 3671438)

- LeRoy, M., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2013). Longitudinal links between early coparenting and infant behaviour problems. *Early Child Development and Care*, 183(3–4), 360–377. doi:10.1080/03004430.2012.711588
- Lindsey, E. W., Caldera, Y., & Colwell, M. (2005). Correlates of coparenting during infancy. *Family Relations*, 54(3), 346–359.
- Linhares, M. B. M., Dualibe, A. L., & Cassiano, R. G. M. (2013). Temperamento de crianças na abordagem de Rothbart: estudo de revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 633–645.
- Linhares, M. B. M. (2015). Família e desenvolvimento na primeira infância: processos de autorregulação, resiliência e socialização de crianças pequenas. In Pluciennik, G. A., Lazzari, M. C., Chicaro, M. F. (Ed). *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco* (pp. 70–83). São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal – FMCSV.
- Linhares, M. B. M., & Martins, C. B. S. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estud. psicol. (Campinas)*, 32(2), 281–293.
- Margolin, G., Gordis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: A Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21.
- McDaniel, B. T., & Teti, D. M. (2012). Coparenting quality during the first three months after birth: The role of infant sleep quality. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 886–895. doi:10.1037/a0030707
- McDaniel, B. T. & Radesky, J. S. (2018), Technofence: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, 89(1), 100–109. doi:10.1111/cdev.12822
- McHale, J. P. (1997) Overt and covert coparenting processes in the family. *Family Process*, 36(2), 183– 201.
- McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing points for coparenting theory and research. *Journal of Adult Development*, 11(3), 221–234.
- Merrifield, K. A., Lucero-Liu, A. A., & Gamble, W. C. (2014). Coparenting in families of Mexican descent: Exploring stability, antecedents, and typologies. *Marriage & Family Review*, 50(6), 505–532. doi:10.1080/01494929.2014.909915

Metz, M., Majdandžić, M., & Bögels, S. (2016). Concurrent and Predictive Associations Between Infants' and Toddlers' Fearful Temperament, Coparenting, and Parental Anxiety Disorders. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 1-12.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Murphy, S. E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2016). What 's so bad about competitive coparenting ? Family-level predictors of children 's externalizing symptoms. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1684–1690. doi:10.1007/s10826-015-0321-5

Putnam, S. P. & Rothbart, M. K. (2006). Development of short and very short forms of the children's behavior questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 103-113.

Rogowicz, S. (2016). *The impact of the coparenting relationship in heterosexual couples on the stability of infant difficult temperament*. (Doctoral Dissertation, St. John's University, New York). Available from ProQuest Dissertation and Thesis. (UMI Number: 366254)

Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: the Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72(5), 1394-1408.

Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child development*, 569-578.

Rothbart, M. K., Ellis, L. K., & Posner, M. I. (2004). Temperament and self-regulation. *Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications*, 2, 441-460.

Rothbart, M. K., Sheese, B. E., Rueda, M. R., & Posner, M. I. (2011). Developing mechanisms of self-regulation in early life. *Emotion review*, 3(2), 207-213. doi:

Sameroff, A. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child development*, 81(1), 6-22.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5ed.). Porto Alegre: Penso.

Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos*. Dissertação de Mestrado,

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Schoppe- Sullivan, S. J., Weldon, A. H., Claire Cook, J., Davis, E. F., & Buckley, C. K. (2009). Coparenting behavior moderates longitudinal relations between effortful control and preschool children's externalizing behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(6), 698-706.

Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 389.

Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Szewczyk Sokolowski, M. (2007). Goodness-of-fit in family context: Infant temperament, marital quality, and early coparenting behavior. *Infant Behavior and Development*, 30(1), 82-96.
doi:10.1016/j.infbeh.2006.11.008

Scott, J., & Alwin, D. F. (1989). Gender differences in parental strain: Parental role or gender role?. *Journal of Family Issues*, 10(4), 482-503.

Smith-Simon, K. E. (2008). *Coparenting across early childhood: Influences on the development of internalizing symptoms*. (Doctoral Dissertation, Pennsylvania State University, Pennsylvania). Available from ProQuest Dissertation and Thesis. (UMI Number:3285001)

Solmeyer, A. R., Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: The roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant Behavior & Development*, 34, 504-514.

Song, J.H., & Volling, B. L. (2015). Coparenting and children's temperament predict firstborns' cooperation in the care of an infant sibling. *Journal of Family Psychology*, 29(1), 130-135.
doi:10.1037/fam0000052

Souza, C. D. de, Sabbag, G., Portes, J. R. M., Barreto, M., Cruz, R. M., & Vieira M. L. (no prelo). Coparentalidade: análise de propriedades psicométricas de escalas e questionários. In L. Moreira, & E. Rabinovich, *Coletânea Família, Sociedade e Gerações*.

Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, 52(3), 232-240.
doi:10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x

Szabó, N., Dubas, J. S., & Van Aken, M. A. (2012). And baby makes four: The stability of coparenting and the effects of child temperament after the arrival of a second child. *Journal of family psychology, 26*(4), 554

Teti, D. M., Crosby, B., McDaniel, B. T., Shimizu, M. & Whitesell, C. J. (2015), X. Marital and emotional adjustment in mothers and infant sleep arrangements during the first six months. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 80*(1), 160–176.
doi:10.1111/mono.12150

Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and Practice, 10*(4), 286-307.

Van Egeren, L. a., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to Terms with Coparenting: Implications of Definition and Measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165–178.
<http://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b>

Van Egeren, L. a. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*(5), 453–477. doi:10.1002/imhj.20019

Vasconcellos, M. L. E. de (2005). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 4 ed. Campinas: Papirus.

Weissman, S. & Cohen, R. (1985). The parenting alliance and adolescence. *Adolesc Psychiatry, 12*, 24-45.

APÊNDICE

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

(Timbre da Instituição)

Autorização Institucional

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “Envolvimento Paterno no Contexto Familiar Contemporâneo”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por meio da instituição: _____.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição: _____

APÊNDICE B – CARTA CONVITE



Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carta convite

Prezados pai/padrasto e mãe/madrasta:

Gostaríamos de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 5 anos. Sua participação poderá ocorrer de duas maneiras: a) por meio de uma observação da criança com o pai e com a mãe na Universidade Federal de Santa Catarina, e respostas a questionários que abordam o tema da pesquisa, ou b) somente respostas do pai e da mãe a questionários que abordam o tema da pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa ajudarão a pensar em formas de melhorar as relações familiares. Os participantes não serão identificados e esta pesquisa já teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações filmadas e/ou relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de vocês e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso vocês aceitem participar, por favor preencham as informações abaixo e devolvam esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com vocês para agendar uma data e horário para realização da pesquisa.

Qualquer dúvida, vocês podem entrar em contato com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 3721-8606 ou pelo e-mail maurolvieira@gmail.com. Nosso site é www.nepedi.ufsc.br.

A ser preenchida pelo participante:

Aceita participar no formato () A () B

Nome do participante pai/padrasto:

Nome da participante mãe/madrasta:

Nome e idade do(s) filho(s) :

Data de nascimento do(s) filho(s):

.....

Endereço:

.....

Telefone:

E-mail:

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos por meio deste convidar você a participar da pesquisa “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, que tem como objetivo investigar as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Esse estudo é importante para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno e irá contribuir para melhorar as relações familiares. **Sua participação é voluntária, não remunerada** e acontecerá por meio de respostas à questionários, entrevistas, e se aceitar, de um grupo focal e observações de você, seu/sua companheiro/a e da criança.

Essa pesquisa segue as normas da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Caso seu(sua) filho(a) sinta-se desconfortável ou não queira participar, será respeitado o desejo da criança. As observações e a aplicação de questionários serão gravadas e filmadas para serem analisadas na íntegra. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas, pois os questionários receberão apenas um código e as repostas vão ser somadas as repostas das outras famílias.

A sua participação na pesquisa pode permitir reflexões sobre suas vivências e sentimentos sobre ser pai ou mãe, o que pode gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC ou a outro profissional mais próximo ao seu local de residência. Ao participar da pesquisa, você terá os seguintes benefícios: poderá refletir e reelaborar suas ideias e sentimentos sobre as relações familiares, o desenvolvimento infantil, bem como sobre as práticas educativas parentais.

Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em

qualquer etapa do estudo. Caso tenha alguma despesa relacionada à pesquisa, você terá o direito de ser ressarcido (a) e você terá a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você pode recusar a participar, parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer dano ou punição.

A devolução dos resultados da pesquisa será feita em data a ser agendada. Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre o TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Mauro Luís Vieira no telefone (048) 37218606, ou no endereço Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Campus Universitário, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil, Trindade CEP: 88049-900 - Florianópolis, SC - Brasil - Caixa-postal: 476. Ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, pelo telefone (48) 3721-6094, endereço: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu.....
, abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa.

RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

() Também autorizo a utilização da filmagem para fins de utilização acadêmica, como exibição em aula ou evento científico. (Se você não assinalar este item, o vídeo será assistido apenas por pesquisadores deste grupo para fins de pesquisa).

Pesquisador Responsável

Fone: (48)3721-8606

site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

E-mail: maurolvieira@gmail.com

ANEXO

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

1. Cidade de residência: _____

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados? Incluir o respondente) _____

3. Quem vive na casa (anotar idade)

(1) Respondente..... IDADE: _____ Anos

(2) Companheiro (a)..... IDADE: _____ Anos

(3) Filhos de 0 a 3 anos..... Quantos? _____

(4) Filhos de 4 a 6 anos..... Quantos? _____

(5) Filhos de 7 a 16 anos..... Quantos? _____

(6) Filhos com mais de 16 anos.....Quantos? _____

(7) Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos)Quantos?

_____ (8) Outros parentes adultos Quantos? _____

(9) Amigos adultos Quantos? _____

Quantos filhos frequentam a escola: _____ (contando a criança-alvo)

Em que período a criança alvo frequenta a escola? (1) Manhã (2) Tarde (3) Integral

4. Composição familiar:

(1) Família nuclear pais biológicos de todos os filhos

(2) Família nuclear pais adotivos da criança alvo

(3) Família recasada com pais biológicos da criança alvo

(4) Família recasada com madrasta da criança alvo

(5) Família recasada com padrasto da criança alvo

(6) Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto

(7) Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrasta

(8) Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos

(9) Família estendida com madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos

(10) Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos

(11) Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos

(12) Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos

(13) Família estendida com pai adotivo e madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos

5. Escolaridade: Qual a sua e qual a escolaridade de seu companheiro?

	Mãe	Companheiro
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3
Ensino fundamental completo	4	4
Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

Quantos anos concluídos de escolaridade?

Mãe: _____ Pai: _____

RENDA FAMILIAR

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho semanal		

9. Você tem empregada/babá: **(1) Sim (2) Não**

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua **(1) Sim (2) Não**

Quem? _____

Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- (1) Até R\$500,00
- (2) R\$501,00 a R\$1.000,00
- (3) R\$1.001,00 a R\$1.500,00
- (4) R\$1.501,00 a R\$2.000,00
- (5) R\$2.001,00 a R\$2.500,00
- (6) R\$2.501,00 a R\$3.000,00
- (7) R\$3.001,00 a R\$3.500,00
- (8) R\$3.501,00 a R\$4.000,00
- (9) R\$4.001,00 a R\$4.500,00
- (10) R\$4.501,00 a R\$5.000,0.
- (11) R\$5.001,00 a R\$5.500,00
- (12) R\$5.501,00 a R\$6.000,00
- (13) R\$6.001,00 a R\$6.500,00
- (14) R\$6.501,00 a R\$7.000,00
- (15) R\$7.001,00 a R\$7.500,00
- (16) Acima de R\$7.501,00

14. Número de cômodos da residência: Quantos cômodos tem sua casa?
(Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda): _____

15. Tipo de Casa: (1) Casa de alvenaria (2) Casa de
Madeira (3) Casa Mista

16. Data de Nascimento da Criança: ____/____/____

17. Sexo da Criança _____

18. Idade da Criança _____ (Anos Meses)

ANEXO B – ESCALA DE RELACIONAMENTO COPARENTAL - ERC

Para cada item selecione a resposta que melhor descreve a forma como você e seu companheiro trabalham juntos como pais. Considere a seguinte escala.

0 NV Não é verdadeiro sobre nós	1	2 PV Um pouco verdadeiro sobre nós	3	4 AV Algo verdadeiro sobre nós	5	6 MV Muito verdadeiro sobre nós
--	---	---	---	---	---	--

	NV	1	PV	3	AV	5	MV
1. Eu acredito que meu companheiro é um bom pai.	0	1	2	3	4	5	6
2. O meu relacionamento com meu companheiro é mais forte agora do que antes de termos um(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
3. Meu companheiro pergunta a minha opinião sobre assuntos relacionados a seu papel de pai.	0	1	2	3	4	5	6
4. Meu companheiro dá muita atenção ao(à) nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
5. Meu companheiro gosta de brincar com nosso(a) filho(a) e deixa para mim o trabalho pesado.	0	1	2	3	4	5	6
6. Meu companheiro e eu temos as mesmas metas para nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
7. Meu companheiro ainda quer fazer suas próprias coisas ao invés de ser um pai responsável.	0	1	2	3	4	5	6
8. É mais fácil e divertido brincar sozinha com o nosso(a) filho(a) do que quando o meu companheiro também está presente.	0	1	2	3	4	5	6
9. Meu companheiro e eu temos ideias diferentes sobre como criar nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6

10. Meu companheiro me diz que estou fazendo um bom trabalho ou demonstra de outra forma que acredita que estou sendo uma boa mãe.	0	1	2	3	4	5	6
11. Meu companheiro e eu temos ideias diferentes sobre as rotinas do nosso(a) filho(a) para comer, dormir, entre outras.	0	1	2	3	4	5	6
12. Às vezes meu companheiro faz piadas ou comentários sarcásticos (maldosos, “de gozação”) sobre a maneira como eu sou como mãe.	0	1	2	3	4	5	6
13. Meu companheiro demonstra que não confia nas minhas habilidades como mãe.	0	1	2	3	4	5	6
14. Meu companheiro demonstra que percebe os sentimentos e necessidades do(a) nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
15. Meu companheiro e eu temos diferentes expectativas em relação ao comportamento de nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
16. Meu companheiro tenta mostrar que ele cuida do(a) nosso(a) filho(a) melhor do que eu.	0	1	2	3	4	5	6
17. Eu me sinto satisfeita e mais próxima do meu companheiro quando eu o vejo brincar com nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
18. Meu companheiro tem muita paciência quando interage com nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
19. Nós conversamos sobre a melhor maneira de atender às necessidades do nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
20. Meu companheiro não se preocupa em dividir de forma justa o cuidado do(a) nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
21. Quando nós três estamos juntos, meu companheiro compete comigo pela atenção do nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
22. Meu companheiro sabotagem (prejudica) meu papel de mãe.	0	1	2	3	4	5	6

23. Meu companheiro está disposto a fazer sacrifícios pessoais para ajudar a cuidar do(a) nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
24. Nós estamos crescendo e amadurecendo juntos por meio de nossas experiências como pais.	0	1	2	3	4	5	6
25. Meu companheiro demonstra que aprecia o quanto eu me esforço para ser uma boa mãe.	0	1	2	3	4	5	6
26. Quando eu estou no meu limite no papel de mãe, meu companheiro me dá o suporte extra que preciso.	0	1	2	3	4	5	6
27. Meu companheiro me faz sentir como se eu fosse a melhor mãe possível para nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
28. O estresse de ter filhos faz com que eu e o meu companheiro nos distanciem.	0	1	2	3	4	5	6
29. Meu companheiro demonstra que não gosta de ser incomodado pelo(a) nosso(a) filho(a).	0	1	2	3	4	5	6
30. Ter filhos nos dá um foco para o futuro.	0	1	2	3	4	5	6

As questões seguintes pedem que descreva coisas que você faz quando está fisicamente presente com seu companheiro e seu(sua) filho(a) (ex.: numa mesma sala, no carro ou num passeio). **Conte apenas às vezes que vocês três** estão realmente em companhia uns dos outros (mesmo que sejam apenas algumas horas por semana).

0 NC Nunca	1	2 AV Às vezes (1 ou 2 vezes por semana)	3	4 F Frequentem ente (1 vez por dia)	5	6 MF Muito frequentemente (várias vezes/ dia)						
Quantas vezes numa semana típica, quando vocês três estão juntos , você:						NC	A V	F	M F			
31. Encontra-se no meio de uma conversa um pouco tensa ou sarcástica com seu companheiro?						0	1	2	3	4	5	6
32. Discute com o seu companheiro <u>sobre o(a) seu(sua) filho(a)</u> na presença de seu/sua filho(a)?						0	1	2	3	4	5	6
33. Discute sobre seu relacionamento ou questões conjugais <u>não relacionados com o(a) seu(sua) filho(a)</u> na presença de seu/sua filho(a)?						0	1	2	3	4	5	6
34. Um ou ambos falam coisas cruéis ou que magoam o outro na frente do(a) seu/sua filho(a)?						0	1	2	3	4	5	6
35. Gritam um com o outro quando o(a) seu/sua filho(a) pode ouvir?						0	1	2	3	4	5	6

ANEXO C - QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS - CHILDREN'S BEHAVIOR QUESTIONNAIRE CBQ

Nas próximas páginas você vai ver um conjunto de afirmações que descrevem as reações das crianças em várias situações. Gostaríamos que você nos dissesse qual seria provavelmente a reação da sua criança nessas situações. É claro que não existem formas “corretas” de reagir; as crianças diferem amplamente em suas reações e é sobre estas diferenças que estamos tentando aprender. Por favor, leia cada afirmação e decida se ela é uma descrição “verdadeira” ou “falsa” sobre a reação de sua criança que tenha ocorrido nos últimos seis meses. Use a seguinte escala para indicar de que modo cada afirmação descreve a sua criança:

Coloque um círculo se a afirmação é

1. Totalmente falsa para a sua criança
2. Bastante falsa para a sua criança
3. Razoavelmente falsa para a sua criança
4. Nem verdadeira nem falsa para a sua criança
5. Razoavelmente verdadeira para a sua criança
6. Bastante verdadeira para a sua criança
7. Totalmente verdadeira para a sua criança

Se você não conseguir responder a algum dos itens porque nunca viu a sua criança nessa situação, por exemplo, se a afirmação é sobre a reação da sua criança quando você canta e você nunca cantou para ela, então circule NA (não se aplica).

Minha criança	1. Totalmente falsa	2. Bastante falsa	3. Razoavelmente falsa	4. Nem verdadeira nem falsa	5. Razoavelmente verdadeira	6. Bastante verdadeira	7. Totalmente verdadeira	NA
1. Parece estar sempre com muita pressa para ir de um lugar para outro.	1	2	3	4	5	6	7	NA
2. Fica muito frustrada quando não lhe deixam fazer alguma coisa que ela quer.	1	2	3	4	5	6	7	NA
3. Quando está desenhando ou pintando um livro, mostra-se muito concentrada.	1	2	3	4	5	6	7	NA
4. Gosta de descer em escorregadores altos ou de outras atividades de aventura.	1	2	3	4	5	6	7	NA
5. Fica muito incomodada com um corte pequeno ou machucado.	1	2	3	4	5	6	7	NA
6. Prepara-se para as viagens ou para um passeio, planejando as coisas de que necessitará.	1	2	3	4	5	6	7	NA
7. Frequentemente entra rapidamente em novas situações.	1	2	3	4	5	6	7	NA
8. Tende a ficar triste se os planos da família não dão certo.	1	2	3	4	5	6	7	NA
9. Gosta que lhe cantem canções.	1	2	3	4	5	6	7	NA
10. Parece estar à vontade com quase todas as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7	NA
11. Tem medo de ladrões ou de “bicho papão”.	1	2	3	4	5	6	7	NA
12. Repara quando os pais vestem roupas novas.	1	2	3	4	5	6	7	NA
13. Prefere atividades calmas a jogos agitados.	1	2	3	4	5	6	7	NA
14. Quando está zangada com alguma coisa, tende a ficar aborrecida por dez minutos ou mais.	1	2	3	4	5	6	7	NA
15. Quando constrói ou monta alguma coisa, fica muito envolvida no que está fazendo por longos períodos de tempo.	1	2	3	4	5	6	7	NA
16. Quando brinca no balanço, gosta de balançar alto e depressa.	1	2	3	4	5	6	7	NA

17. Parece se sentir deprimida quando não consegue completar alguma tarefa.	1	2	3	4	5	6	7	NA
18. É boa em seguir instruções.	1	2	3	4	5	6	7	NA
19. Leva muito tempo para se aproximar ou se envolver em situações novas.	1	2	3	4	5	6	7	NA
20. Dificilmente se queixa ou lamenta quando está com um resfriado.	1	2	3	4	5	6	7	NA
21. Gosta do som das palavras, como ouvir rimas e canções infantis.	1	2	3	4	5	6	7	NA
22. Às vezes fica tímida mesmo com pessoas que conhece há muito tempo.	1	2	3	4	5	6	7	NA
23. É muito difícil de acalmar quando está aborrecida.	1	2	3	4	5	6	7	NA
24. Fica rapidamente atenta para qualquer novo elemento na sala.	1	2	3	4	5	6	7	NA
25. É cheia de energia, mesmo à noite.	1	2	3	4	5	6	7	NA
26. Não tem medo do escuro.	1	2	3	4	5	6	7	NA
27. Às vezes fica concentrada e absorvida com uma ilustração de um livro e fica olhando para ela por um longo tempo.	1	2	3	4	5	6	7	NA
28. Não gosta de jogos bruscos ou turbulentos.	1	2	3	4	5	6	7	NA
29. Não fica muito incomodada com cortes pequenos ou com machucados.	1	2	3	4	5	6	7	NA
30. Aproxima-se com cuidado e devagar de lugares que lhe foi dito que eram perigosos.	1	2	3	4	5	6	7	NA
31. É lenta e não tem pressa quando tem que decidir o que vai fazer a seguir.	1	2	3	4	5	6	7	NA
32. Fica zangada quando não consegue encontrar algum brinquedo ou algo com que quer brincar.	1	2	3	4	5	6	7	NA
33. Gosta de atividades rítmicas suaves, como se balançar.	1	2	3	4	5	6	7	NA
34. Às vezes afasta-se timidamente de pessoas que acabou de conhecer.	1	2	3	4	5	6	7	NA
35. Fica chateada quando parentes ou amigos de quem gosta se preparam para ir embora depois de uma visita.	1	2	3	4	5	6	7	NA
36. Comenta quando um dos pais muda a aparência.	1	2	3	4	5	6	7	NA